REVISTA DA SEMANA

N. 22 28-5-55 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

REVELAÇÕES (EXCLUSIVAS) DE JUAREZ TÁVORA



NAS MALHAS DA LEI

SÃO numerosos os homens ricos atualmente presos, condenados ou em fase de formação de culpa. Uns 30 aproximadamente. Todos êles possuidores de recursos, e que por isso mesmo devem sentir maior constrangimento, misturados aos pequenos larápios, que devem andar felizes por terem colegas de profissão tão importantes.

Dessa elite se destacam os indiciados do chamado «Escândalo dos Francos», pessoas que lesaram o Banco do Brasil em Um Bilhão e oitocentos milhões de francos franceses. São êles 18 ao tôdo. Um conseguiu fugir, não se sabendo onde se encontra. Filgueiras, o «Zangão», também fugiu, mas foi prêso pela polícia chilena quando se preparava para prosseguir viagem rumo ao México.

RELAÇÃO COMPLETA DOS «GANGSTERS»

Além do já famoso «Zangão», mais as seguintes pessoas estão prêsas, por terem lesado os cofres da Nação: Arino Costa, Newton Cunha, Sebastião Alves Ferreira Leite, Luiz de Araújo Silva, irmãos Izaac e Natanael Israel, Mário Alves Bordalo, João Alegro, Emil Egg, Antônio Francisco da Silva Bessa, Salomão Hazan, Geraldo Amiello Pietroantonio Antonini, Armando Trinquier, Salvador Esperança, Júlio Mattos, Jaime Madruga e Maurício Levy.

Da relação acima, os que não são banqueiros de renome, possuem bens apreciáveis, sendo que o mais humilde de todos, o protocolista do Banco do Brasil, de nome Newton Cunha, ganhava Cr$ 9.000,00 mensais, mas podia ir anualmente à Argentina, onde gastava somas elevadas. Mas Newton

«O Sol nasce para todos, e a cadeia, também... Por isso mesmo, o homem da foto (Manuel Pacheco Filgueiras, vulgo «Zagão») rico e poderoso, está na cadeia. Quando foi prêso, já estava no Chile, fugindo para desfrutar os milhões.

OS LADRÕES ELEGANTES DO BANCO DO BRASIL

A PODEROSA QUADRILHA DO GOLPE DE 1 BILHÃO DE CRUZEIROS ★ OS AUTORES DO «ESCÂNDALO DOS FRANCOS» TROCARAM OS «CADILLACS» PELO «TINTUREIRO» POLICIAL ★ OS TERNOS ELEGANTES E AS GRAVATAS PRETAS SERÃO SUBSTITUÍDAS PELOS MACACÕES «LINHA H» DA PENITENCIÁRIA

Reportagem de VINICIUS LIMA



Vergonha? Veio, porém, demasiado tarde. Êste cavalheiro (Natanael Israel) é banqueiro. Sua situação é difícil no processo.



Jaime Madruga era o subchefe da Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, está também envolvido no escândalo.



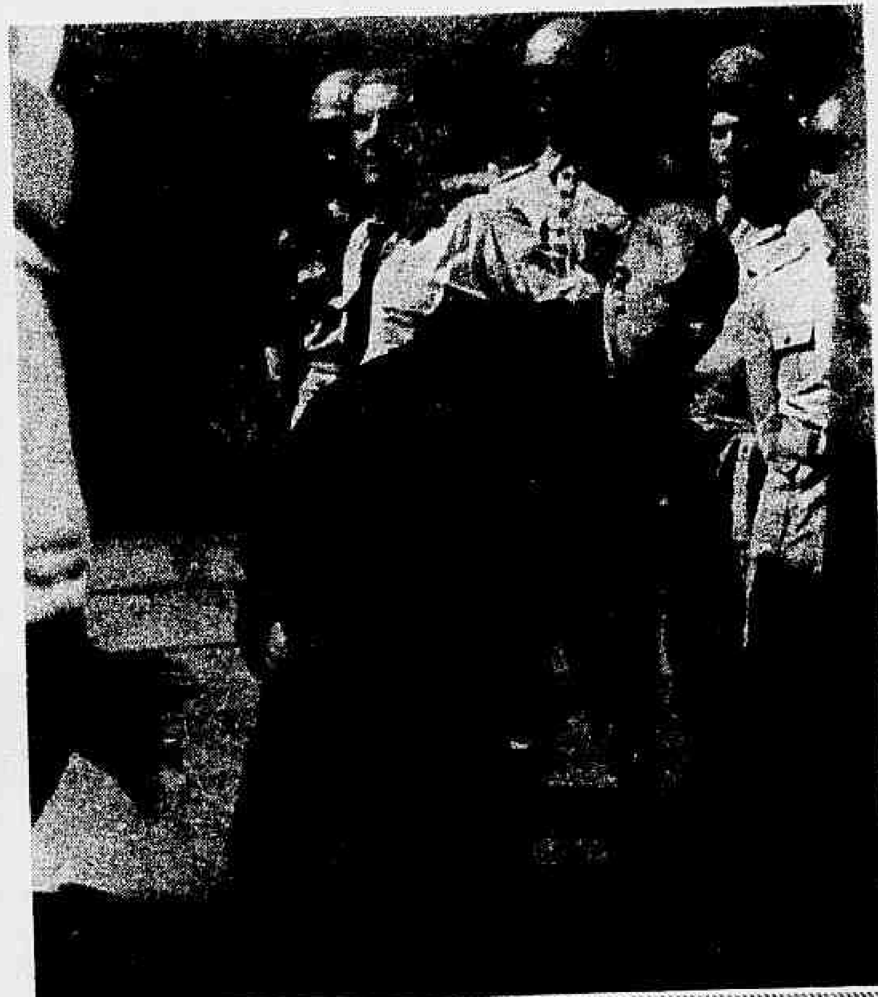
Newton Cunha, protocolista do Banco do Brasil, ao descer do «tintureiro» do Presídio, tentando escapar ao fotógrafo.



José Alves Pereira Bravo Henriques. Muito tristonho, pálido e nervoso, disse ao juiz Abrita que é inocente. Um anjo, coitado



Êste cada vez que via fotógrafos, sorria. Cínico, despreocupado e rico, disse ao repórter que muito breve estará livre.



Isaac Israel correndo do fotógrafo. Isaac era um dos cabeças do bando. Está preso e com suas contas bloqueadas nos bancos.



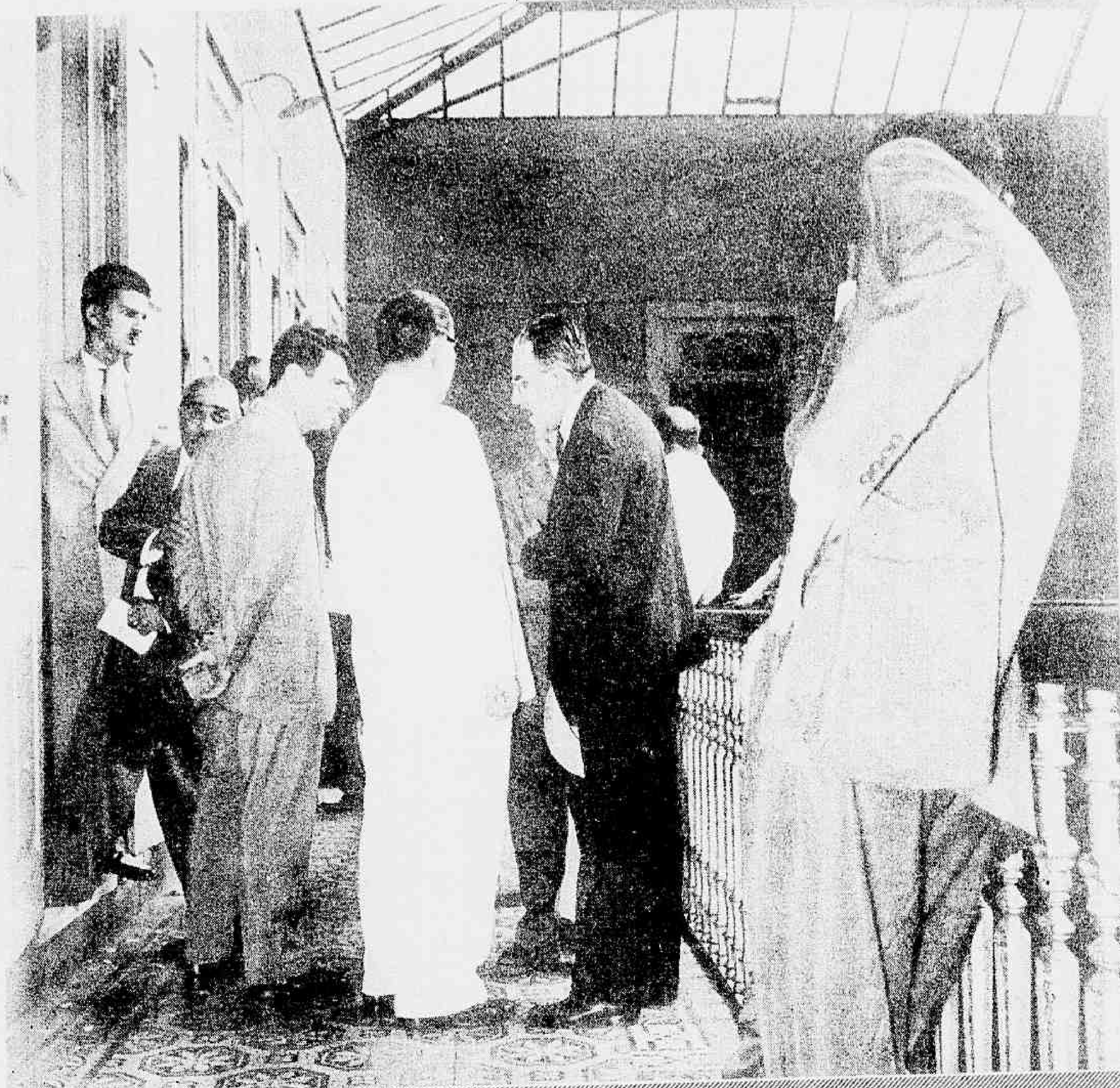
Luiz Araújo Silva, chefe da Seção de Câmbio do Banco Borges. Fêz carga sôbre os patrões, num depoimento sensacional.

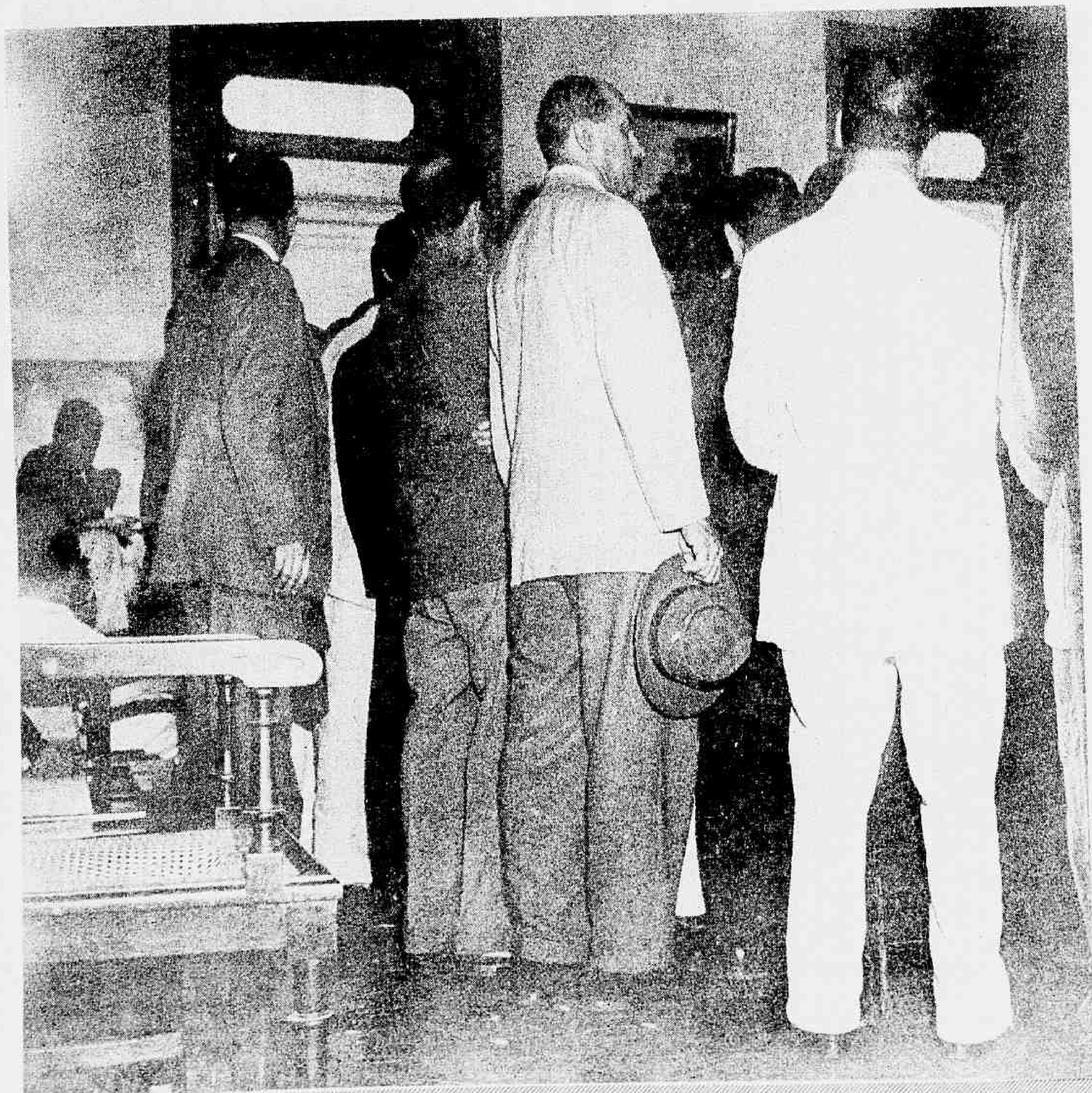


Emil Egg, escondendo o rosto, segue para prestar contas à Justiça pelo seu crime de lesar os cofres do Banco do Brasil.



Bordalo, também milionário. Acusou a polícia de «sevicia mental». E o promotor, ao ouvi-lo, replicou: «São uns anjinhos».


Flagrante feito à entrada da 12ª Vara Criminal, por onde está correndo o processo. Advogados, jornalistas e poderosos homens de negócios discutem acaloradamente sôbre o assunto.


Quase dois bilhões de francos franceses surrupiados ao Banco do Brasil, por pessoas reconhecidamente ricas, que estão prestando contas à Justiça, graças a ação das autoridades.

é uma gôta d'água nesse oceano de trampolinagem, senão, vejamos: Jaime Madruga é um homem de grandes recursos; os irmãos Israel, possuem fortuna superior a um bilhão de cruzeiros. Júlio Mattos, é proprietário de um dos bancos que o levou a cadeia. E assim por diante. Todos êsses «bons moços», são ricos, e se foram parar na cadeia, devemos agradecer a ação firme do cel. Menezes Côrtes, chefe de polícia, que prende ladrão de qualquer categoria.

O QUE ÊLES FIZERAM

O caso já era antigo, mas sòmente êste ano veio à baila, graças à argúcia de alguns funcionários do Banco do Brasil que desconfiando de algumas assinaturas apostas em notas de câmbio de francos franceses, trataram de investigar, chegando à conclusão de que o chefe da Seção de Câmbio, sr. Jaime Madruga, era dentro do B. do Brasil, o responsável pela falcátrua. Levado o caso ao conhecimento da polícia, não tardou que esta deslindasse tôda a trama. Presos os acusados, logo apareceu um juiz para conceder-lhes «habeas-corpus», mas o Chefe de Polícia avocou o inquérito para o seu gabinete, e os réus continuaram na cadeia, apesar de seus defensores constituírem a nata da advocacia criminal, sinal evidente de que o dinheiro é o mais grosso de todos os tempos.

SÃO TODOS «INOCENTES»...

Após curtirem cêrca de dois meses de cadeia comum, os indiciados foram a juízo, onde, com poucas exceções, se declararam inocentes. Acontece no entanto que o juiz Oduvaldo Abrita, após ouvi-los, mandou-os de volta ao Presídio, de onde saíram para novamente enfrentar a Justiça, quando teve início o sumário de culpa, em cuja audiência inicial ficou patenteada a culpabilidade dos réus.

SERÃO CONDENADOS

Tudo indica que os autores da fraude permanecerão mesmo na cadeia durante uma boa temporada. Isto porque os próprios advogados dos réus, estão em pânico, diante das provas existentes contra a «quadrilha», admitindo-se mesmo que sendo a maioria dos componentes do bando constituída de estrangeiros, o Govêrno os devolverá às suas respectivas pátrias, após o cumprimento das penas a que forem condenados. Além disso, os indiciados estão com as suas contas bancárias bloqueadas, pretendendo as autoridades sequestrar-lhes os bens oportunamente.

A condenação dêsses ladrões elegantes será de grande efeito psicológico. Inquéritos e mais inquéritos têm sido instaurados no Brasil, mas sempre que envolvem pessoas poderosas, acabam em nada, graças ao subôrno e à corrupção. E agora que um grupo poderoso se acha atrás das grades, é provável que outros aventureiros não tenham a necessária desfaçatez e o cinismo de lesar os cofres da Nação.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 22 — Rio de Janeiro — 28-5-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira

ASSISTENTE .... Wilson Barbosa

PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, José Maria Neves, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Os Ladrões Elegantes do Banco do Brasil ... 2/4
A Glória Não Tem Côr ... 6/8
Mãe da Maior Família do Mundo ... 10/13
Grande Prêmio São Paulo de 1955 ... 18/21
Sônio Oiticica Não Compreende a Vida Sem Amor ... 22/23
«Galo Carijó» — Tricampeão Mineiro ... 41/43
Revelações Exclusivas de Juarez Távora ... 14/15 e 48/52

● SEÇÕES

Champanhota ... 9
Astrológica ... 16
Figurinos ... 26/27
Feminina ... 32/33
Por Êsse Mundo de Deus ... 34/35
Literária ... 39
A Revista Há 50 Anos ... 40
Puxe Pelo Cérebro ... 44
Palavras Cruzadas ... 45
A Figura em Foco ... 53

● LITERATURA

Vigaristas (Adalgisa Nery) ... 5
Sombras Humanas (Haroldo Tenório) ... 24/25
Fátima — Revelação dos Três Pastôres ... 30/31

● HUMORISMO

Yo No Creo En Brujas... (Fortuna) ... 54/55

● FLAGRANTES

Elas... Sem os Gatos (em côres) ... 28/29
A Música Também Combate a Obesidade ... 47

● CAPA

Carmem Verônica (Foto Alberto Ferreira)

REVELAÇÕES (EXCLUSIVAS) DE JUAREZ TÁVORA

Sensacionais declarações do General Juarez Távaro sôbre o momento político nacional, concedidas com exclusividade à REVISTA DA SEMANA. Nas páginas 48 a 52, dêste número. Reportagem de CELESTINO SILVEIRA.

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

VIGARISTAS

Só cai no conto do vigário aquêle que deseja ser mais vigarista do que o dono da fraude. Por mim mandava para a cadeia o que caisse na embrulhada e punia com mais rigor o logrado. Não é crível que após os avisos diários que lemos nas páginas dos jornais, sôbre o lôgro do «pacote», alguém seja vítima sem que esteja anteriormente movido pela falta de escrúpulos. Se aceita a história contada pelo esperto é porque desejou ser mais esperto e gozar de lucros ilegais. Aqui, no Rio, é comum êsse fato e não se passa um dia que duas ou três notícias dessa natureza não surjam na imprensa.

Há pouco tempo, apareceu em Belo Horizonte, um senhor bem «apessoado», fazendo ofertas tentadoras aos habitantes da capital mineira. Armado de mapas, plantas registradas e carimbadas, oferecia por uma quantia irrisória, lotes à venda no planêta Marte. Pedia apenas que o comprador não divulgasse o negócio para evitar a cobrança de largos impostos. Cada comprador que adquirisse dez lotes de 20x50, em Marte, ao preço de vinte mil cruzeiros cada um, teria o direito a uma viagem grátis às suas propriedades marcianas, com tôdas as despesas pagas e ainda uma importância para comprar recordações!

VÁRIOS fazendeiros entraram no fabuloso negócio e guardaram segrêdo até para as suas espôsas. Era uma coisa rendosa que o rompimento do sigilo poderia desmerecer os lucros. A idéia de aproveitar a fabulosa oportunidade alegrou os futuros incorporadores de imóveis em Marte. Um belo dia, um dêles leu que Marte não era um subúrbio desconhecido de Belo Horizonte, e sim um planêta ainda sem confirmação de boas terras e de hipotéticas comunicações com os habitantes da Terra. Espavorido correu à delegacia e acusou o vendedor desonesto. Os jornais locais publicaram a estranha denúncia e três fazendeiros pacatos apareceram como lesados pelo esperto. Na desgraça todos se uniram e lamentaram vários milhares de cruzeiros levados à custa de uma boa conversa. E o dono do território de Marte foi procurado e depois de muito trabalho, encontrado. Havia vendido quase todo o planêta para a boa gente mineira e certamente aplicado a importância recebida em terras aqui no Rio de Janeiro.

ACHEI uma enorme graça nesse corretor. Se houve simplicidade ou ignorância em acreditar que Marte era território brasileiro não sei. Mas que houve o intuito de lesar o fisco, que houve o intuito de esconder do vizinho um negócio de grandes lucros, que houve a intenção de esconder dos amigos e parentes uma oportunidade de dividir a felicidade, isso houve. E por essas razões eu soltava o dono de Marte e deixava no xadrez os compradores que sob a idéia de se furtarem ao imposto de transmissão e outros correspondentes foram em verdade os mais desonestos.

ADALGISA NERY

A GLÓRIA NÃO TEM CÔR

DESCENDENTE DE ESCRAVOS, GANHOU O PRÊMIO NOBEL DA PAZ ★ RUBENS, DOUTOR EM FUTEBOL E ÍDOLO DE TORCEDORES ★ MARIAN ANDERSON E SUA FABULOSA VOZ ★ HEITOR DOS PRAZERES, MUNDIALMENTE FAMOSO

Reportagem de MILTON SALLES

HOJE em dia, com pequenas e incompreensíveis exceções, a côr já não constitui barreira para impedir que o negro realize suas aspirações em qualquer setor da atividade humana. A gente de côr vem-se destacando amplamente, ganhando notoriedade na política, na medicina, no teatro, na pintura, na música, etc., sem que a tão desejada ascenção cause qualquer mal-estar. O fato, antes de mostrar que a segregação racial e as tolas discriminações estão desaparecendo, prova, antes de tudo, que a glória — sempre caprichosa e exigente na escolha de seus eleitos — não tem preconceito de côr.





• LOUIS ARMSTRONG

Há mais de 30 anos é o ídolo dos fãs de jazz em todo o mundo. Nasceu em Nova Orleans, Louisiana, no dia 4 de julho de 1900. Seu estilo é característico e por demais conhecido em todo o mundo. Como cantor (e apesar dos seus 55 anos), ainda cativa assistências com sua voz baixa, gutural, porém firme. Com apenas 11 anos de idade organizou um quarteto para tocar seus próprios arranjos. Bom por natureza, ganhou do povo o apelido de «Satchelmouth» (bôca de sacola — devido ao tamanho da mesma), alcunha essa que mais tarde foi encurtada para «Satchmo». Começou a tocar corneta com 12 anos e aos 14 já fazia parte de uma orquestra de danças. Sua fama atingiu o ápice em 1920, ganhando bons dólares para figurar nas maiores rêdes de estações de rádio. Aos 30 anos de idade tornou-se verdadeiro ídolo de Nova Iorque e começou a tocar em filmes. Na mesma ocasião, a venda dos seus discos atingiu grandes cifras, aumentando consideràvelmente sua renda. Em 25 anos de gravações, Louis Armstrong gravou perto de mil discos, doz quais grande parte foi vendida fora dos Estados Unidos. Já realizou diversas excursões pela Europa e possui uma das maiores fortunas dos Estados Unidos. É considerado um dos pais da música de jazz.

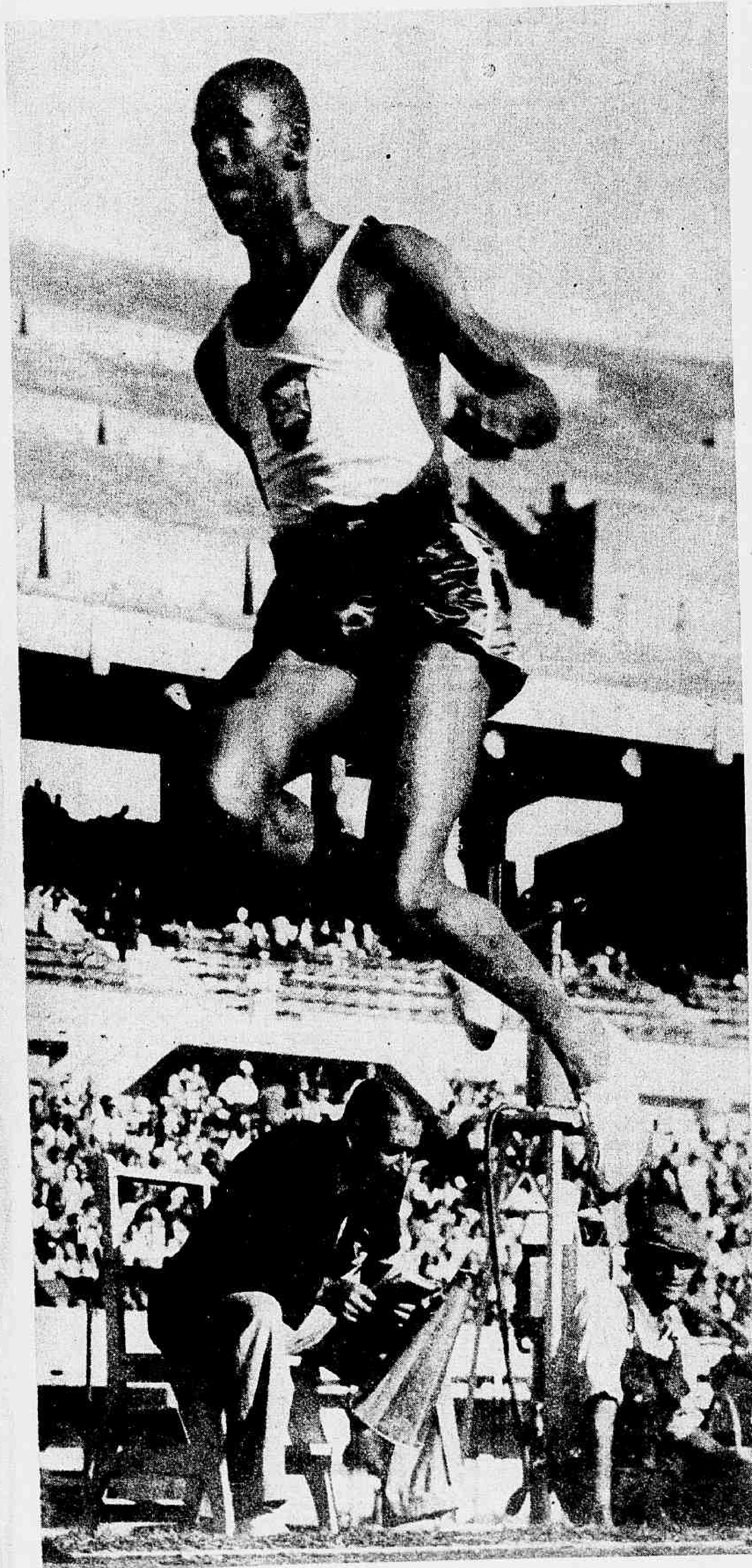
• MARIAN ANDERSON

Descende de família pobre e seu primeiro concêrto público lhe rendeu a importância ínfima de 50 cêntimos de dólar. Hoje em dia, entretanto, é uma das mais bem pagas cantoras em todo o mundo e também a mais requisitada, pois seus concertos são marcados com a antecedência mínima de dois anos! A gravação que fêz da «Ave Maria» (de Schubert» já ultrapassa a casa dos 400.000 discos. Aos seis anos de idade estudou violino. Aos oito ingressou no côro infantil da União das Igrejas Batistas, tendo aprendido todos os registros de voz, desde o soprano até o baixo. Após a morte do pai, trabalhou para ajudar a família, porém jamais deixou de estudar. Aos 19 anos conheceu Giuseppe Boghetti, célebre mestre do bel-canto, que não se sentiu muito inclinado a ouvir a novata. Tendo acedido, aconteceu o milagre: o homem que se recusara a ouvi-la, chorava a um canto, emocionado com a beleza daquela voz suave que embalava seus ouvidos com a canção «Deep River». Marian Anderson venceu diversos concursos brilhantemente e, na sua primeira excursão pela Europa, foi agraciada com uma condecoração pelo rei Gustavo da Suécia. O famoso compositor Sibelius declarou, certa feita: «O teto de minha casa é baixo demais para a voz de Miss Anderson».

● ADEMAR FERREIRA DA SILVA

É o maior atleta brasileiro dos últimos tempos e seu nome é a melhor propaganda que o nosso país pode ter no estrangeiro. No princípio, tentado pela miragem do futebol, quis ser craque da pelota, em sua terra natal, São Paulo. Mas, aconselhado por amigos, resolveu tentar o atletismo, no setor dos saltos. Começou obtendo boas marcas, que chamaram a atenção dos observadores. Tempos depois, orientado pelo técnico norte-americano Don Kinzle, passou a obter notável rendimento na categoria de salto tríplice. Sem ter atingido ainda a casa dos trinta anos, já possui invejável coleção de títulos, troféus e medalhas conquistados em campeonatos brasileiros, sul-americanos e olímpicos. Sua última façanha foi conseguida no corrente ano, quando surpreendeu o mundo, nos Jogos Pan-Americanos realizados no México, com a marca de 16m66 no triplo salto, batendo por larga margem o atleta russo que suplantara seu feito anterior. Como prêmio a essa extraordinária conquista, ganhou um emprêgo público no Serviço de Recreação Operária. Tem recebido convites para exibições das mais diversas partes do mundo, notadamente da Europa. Nas horas vagas, Ademar Ferreira da Silva também é cronista esportivo, colaborando na imprensa e no rádio.





● JOSEPHINE BAKER

Nasceu em St. Louis (Estados Unidos), renunciando à cidadania norte-americana quando contraiu núpcias com um francês. Possui voz aveludada e canta desde muito nova. Ganhou fama e dólares na terra de Tio Sam, porém mais tarde ausentou-se dos palcos ianques, preferindo viver na Europa. Isto em nada abalou o seu prestígio, como querem alguns críticos americanos, porque a elegante Josephine continuou sendo uma das cantoras populares mais requisitadas de todo o mundo. Atraiu as atenções gerais quando o jornal argentino «La Crítica» (controlado por Perón) publicou uma série de reportagens suas atacando frontalmente o problema racial nos Estados Unidos, asseverando que os negros americanos não gozam de tôdas as regalias democráticas. Orgulha-se de sua raça e fundou a Associação Mundial Contra os Preconceitos Religiosos e Raciais, o que lhe valeu ser acusada de esposar idéias comunistas. Casou-se três vêzes, sendo que o seu primeiro marido era negro e brancos os outros dois. Esconde avaramente sua idade, mas sabe-se que ela deve andar pela casa dos sessenta anos. Já estêve duas vêzes no Brasil, é dona de grande coração, pois apesar de não ter filhos, cria meia dúzia de crianças desamparadas que recolheu em diversos países.

● GRANDE OTELO

Sebastião Bernardes de Souza Prata é o verdadeiro nome dêsse notável ator negro que há quase cinco lustros vem fazendo o Brasil rir às bandeiras despregadas com os seus corretos desempenhos. Contando 40 anos de idade, comemorados e bememorados recentemente, Grande Otelo possui uma fôlha de bons serviços prestados ao cinema, ao teatro e ao rádio de nossa terra. É artista até a medula e, como tal, não tem guardado um tostão que seja das verdadeiras fortunas que já ganhou com sua arte inigualável. Já participou de inúmeras películas do cinema brasileiro e a enumeração das peças teatrais em que tomou parte é difícil, pois nem êle mesmo sabe de cor os nomes das revistas e comédias de que já participou. Percorreu o Brasil de ponta a ponta, já estêve no estrangeiro, e a simples enunciação do seu nome é o bastante para garantir o êxito financeiro de qualquer empreendimento teatral ou cinematográfico. Orson Welles, quando de sua passagem por esta capital, quis levá-lo para Hollywood, mas Otelo não pôde aceitar o convite em face de certas complicações nos seus papéis. Seu maior desejo é interpretar um papel dramático, que arranque lágrimas dos espectadores, porém, quando toca no assunto, os produtores riem muito... Atua no rádio, no cinema, na TV e em «boites».



A GLÓRIA NÃO TEM CÔR

• HEITOR DOS PRAZERES

Sambista desde que nasceu, tem 56 anos de idade. Até há pouco tempo era servente do Ministério da Educação e há mais de 10 anos é ritmista da Rádio Nacional. Casado em segundas núpcias, tem sete filhas menores. Durante algum tempo foi cantor e executante de cavaquinho. Só fêz o curso primário e, como compositor, já teve gravadas cêrca de 200 músicas populares. Seu nome é internacionalmente consagrado, figurando, no luxuoso boletim de divulgação do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque («O que é a pintura moderna?») ao lado de Portinari, Malta, Matisse, Picasso, Guignard, William Gropper, Orozco, Renoir, Van Gogh e muitos outros. Pinta desde 1936, quando perdeu sua primeira espôsa. Sua primeira obra vendida foi adquirida pelo escritor Henrique Pongetti em 1937, pela importância de 100 cruzeiros. Ganhou o terceiro prêmio mundial da I Exposição Bienal de Arte Moderna de São Paulo, com o quadro «Moenda», concorrendo com colegas famosos da Europa, das Américas e do Brasil. Em conseqüência, passou a ter suas obras valorizadas e a receber convites para exposições e encomendas particulares. Já expôs na Itália, México e Chile. Pinta por assombrosa vocação e um dos seus quadros foi adquirido há pouco pela Rainha Elizabeth.







• PAUL ROBSON

É justamente considerado o maior e mais humano artista negro do mundo. Segundo sua própria opinião, nunca foi essencialmente um ator. Não tem paixão pelo teatro, nem sentiu sua falta enquanto estêve ausente dêle durante largos períodos. Entretanto, obteve extraordinário êxito no papel de «Otelo», sendo êsse o desempenho mais aclamado de que há memória nos Estados Unidos. Sempre houve e persiste em Paul Robson o orgulho de ser negro. Quando, no colégio, mostrou possuir bela voz de barítono, chegou a considerar a hipótese de dedicar-se à religião. No entanto, tempos depois, inscreveu-se na Escola de Direito da Universidade de Colúmbia (Nova Iorque), da qual saiu graduado em 1923, passando a viver de empregos acidentais, jogando futebol profissional nos fins de semana e trabalhando nos correios de Nova Iorque. Ainda estudava direito quando, em 1921, representou numa peça de amadores no Harlem, o grande bairro negro nova-iorquino. A experiência não significou nada para êle nessa ocasião, mas foi um momento decisivo de sua vida, pois foi descoberto por famoso produtor teatral. Daí em diante, venceu amplamente no cinema, no palco e nos discos. É muito modesto e costuma afirmar: «Como cantor, ainda hoje, apenas me limito a cantar.»

• CARMEM COSTA

Seu nome verdadeiro é Carmelita Madriaga, tendo nascido no Estado do Rio. Começou cedo no rádio, e durante muito tempo foi companheira de dupla de Henricão, ao lado do qual conseguiu certo destaque. Em 1945, quando atuava na Feira de Amostras de Manaus, conheceu Hans Van Khoeller, oficial do exército norte-americano, com o qual contraiu matrimônio. Com a desmobilização do marido, foi para os Estados Unidos, onde teve oportunidade de atuar em New Jersey, conseguindo algum sucesso na divulgação dos nossos ritmos populares. Seu primeiro sucesso foi o samba «Está chegando a hora», que foi cantado pelos foliões num dos carnavais passados. Depois gravou o sensual «Chamego», a singela «Casinha na Marambaia» e seu mais recente êxito foi a marchinha «Tem nêgo bebo aí». De regresso dos Estados Unidos, incompatibilizada com o espôso, conheceu o compositor Mirabeau Pinheiro. Apaixonaram-se um pelo outro e agora vivem tranquilos, possuindo dessa união uma filha cujo nascimento foi cercado de sensacionalismo, em face de Hans ter-lhe ameaçado tomar a pequena. Graças às suas gravações e excursões, Carmem Costa está quase rica e já possui apartamento próprio decorado com bom gôsto. É uma das mais perfeitas intérpretes de sambas-canções.

• RALPH BUNCHE

Descendendo de negros e índios americanos, teve uma infância e adolescência extremamente pobres, perdendo seus pais aos doze anos de idade. Com seu próprio esfôrço, trabalhando como garçon e em outros modestos afazeres, conseguiu estudar na Universidade de Califórnia (Los Angeles), destacando-se em Ciências Políticas e graduando-se com as maiores honrarias em 1927. Auxiliado por amigos, o dr. Bunche continuou seus estudos em Harvard, onde se diplomou em Administração Pública. Na década de 1930, partiu para a África e Oriente, a fim de estudar antropologia e problemas relativos à gente de côr. Trabalhando com o dr. Gunnard Myrdal, proeminente economista sueco, pesquisou a situação do negro americano, num projeto financiado pela Fundação Carnegie. Exerceu destacadas funções em diversas repartições norte-americanas e participou com brilhantismo da Conferência de São Francisco, quando foi fundada a Organização das Nações Unidas. Conta presentemente 51 anos de idade e orgulha-se de ser descendente de escravos. O ponto mais alto da carreira de um homem êle o conseguiu, quando lhe foi outorgado o Prêmio Nobel da Paz de 1949. É figura mundialmente famosa nas Nações Unidas como mediador na controvertida questão da Palestina.

CHAMPANHOTA

PETER

O ACONTECIMENTO social mais simpático da semana que acabou de passar foi, sem dúvida, o desfile de meninas, organizado pela sra. Maria Helena Raja Gabaglia, nos salões do Copacabana Palace, em benefício da Casa da Mãe sem Lar. O chá foi servido por um grupo de moças de Sociedade, destacando-se, entre elas, as srtas. Heloisa Viveiro de Castro, Regina Maria de Moura Lopes, Maria Alice Rangel, Gilda Belfort Lamarão, Lúcia Moraes Carvalho, Lilia Moraes Carvalho, Vera Vanordem, Virginia Magalhães Castro, Vera Canto e Melo e Maria Cecilia Nogueira Carneiro.

● O COUNTRY CLUB TEM NOVO PRESIDENTE

O sr. Paulo Sampaio é o novo presidente do mais aristocrático e fechado clube do Rio. O sr. Vicente Galliez, depois de muitos anos de presidência, deixou nas mãos do sr. Paulo Sampaio um clube bem decorado, com magníficas instalações e com o seu título valendo perto de 200 mil cruzeiros. Esta quantia é bem um reflexo da excelente reputação que goza o clube de Ipanema. Numa homenagem, esta página publica o nome daqueles que foram companheiros de diretoria do último presidente: Srs. Álvaro Osório, Carlos Alberto Dunches de Abranches, Humberto Tavares, Haroldo Grey, Herculano Lopes, George Court, Joaquim Cervera, João Alberto Barbosa, Francisco Figueira de Melo, Paulo Sampaio, Gilberto Marinho de Azevedo Filho e Rodrigo Medicis. A êstes todos os sócios devem o progresso que vêm observando, nos últimos anos.

● A VARIG PROMOVE PROPAGANDA

Num inteligente golpe de propaganda, a «Varig» chamou a atenção para a linha que estenderá para os Estados Unidos. Com apenas duas viagens, fêz uma propaganda colossal. Uma viagem dos Estados Unidos para o Rio, com artistas norte-americanos e outra, no sentido contrário, com grandes personalidades brasileiras. De qualquer modo, a semana do «sweepstake» deverá estar animadíssima, com a presença de figuras de Hollywood. O simpático Walter Pidgeon está ameaçando.

● O «CHURRASCO JUNINO»

Enquanto não vem o próprio churrasco, a sra. Bias Fortes promove uma «avant-première» com «whiskey» e a finalidade de reunir as «patronesses» do churrasco junino que será em benefício da Igrejinha de Copacabana. Ainda para reunir as «patronesses», porém, jovens, a sra. Marina Salles Goulart de Andrade recebeu em sua residência. Estiveram presentes as srtas. Nenen Carvalho, Nininha Carvalho, Maria Dolabela Manana, Marita Dória, Flavia Pacheco, Lia Velozo, Sônia Gadelha e Maria Paes Barreto. Estiveram presentes os cronistas Pomona Politis, Gilberto Trompowski, Ibrahim Sued, Fernando Augusto de Carvalho, Ronaldo Altilio, Roberto Vasconcelos e José Rodolfo Câmara.

● OS LAMPREIA PARA PARIS

Um bonito jantar foi oferecido, na «Casa Grande» ao sr. e sra. João Gracie Lampreia que partiram para a França. Foram abraçar o casal amigo o sr. e sra. Waldemar Bojunga, sr. e sra. Octacílio Gualberto, sr. e sra. Carlos Cruz Lima, sr. e sra. Salvador Pinto Filho, sr. e sra. Carlos de Laet, sr. e sra. Isnard de Castro Neves, sr. e sra. Demóstenes Madureira de Pinho e sr. Herbert Quadros. Foi um bonito acontecimento.

● OS GATOS MIARAM

Teve grande repercussão a entrevista que Jacinto de Thormes fêz em «Nós, os gatos», com o professor Hugo Pinheiro Guimarães. Assim que o programa saiu do ar, o telefone tocou com insistência. Todos queriam saber mais detalhes do diretor do Serviço Nacional do Câncer sôbre a moléstia do século.

● JANTAR AO CONSELHEIRO

O sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga ofereceram um jantar ao Conselheiro da Embaixada Inglêsa e sra. Carey Foster.

● PELA PRIMEIRA VEZ

O sr. Oswaldo Vidigal inaugurou seu apartamento e deu sua primeira reunião no Rio, em homenagem à sra. Beatriz Amaral que seguiu para os Estados Unidos. A reunião foi concorridíssima e muito elegante.

● ANIVERSÁRIO

Transcorreu mais um aniversário dêsse simpático e supercivilizado embaixador Maurício Nabuco que é diretor do Museu de Arte Moderna. Não houve pròpriamente uma recepção, mas, os amigos a abraçá-lo eram tantos que mais parecia uma grande festa. Parabéns, embaixador.

● DE VOLTA

Quando esta revista estiver nas bancas, já deverão estar de volta ao Rio o sr. e sra. Jorge Guinle, depois de um mês nos Estados Unidos, onde estiveram em visita à família Sherwood.





Numa reunião, vemos as srtas. Maria Aparecida Carneiro, Precilda Pinotti e os srs. Sérgio Nabuco, Luiz Francisco de Oliveira e Luiz Cordis. À direita, aspecto geral da festa do Lagoinha Country Clube.

FIGURA DA SEMANA

POETA E MOÇA DE GRANDE AÇÃO



● O autor desta coluna conheceu Edna Savaget na Faculdade Nacional de Filosofia. Ela já cursara o Neo Latinas e estava no último ano do Curso de Jornalismo. Notei que ela tinha ar de poeta e a pressa dos homens de negócios. Descobri, mais tarde, que ela conseguira quase o milagre do sr. Augusto Frederico Schmidt, conciliar a poesia e os negócios. Realmente, Edna fazia poesia e cuidava de uma porção de outras coisas, embora tôdas fôssem ligadas às letras. Foi de «A Noite», secretária e diretora de «Menina e Moça», e pertenceu e pertence aos quadros da «Noite Ilustrada», «Rádio Ministério da Educação» (produtora), «Rio Magazine», «Radiolândia». Singra e muitos outros lugares mais, onde ela escreve e orienta. Seus autores prediletos são Grahan Green, Cecilia Meirelles, Daniel Rops, Adonias Filho e Sain't Exupery.

Respondendo à nossa pergunta, disse que gostaria de ser pintora, escultora, violinista, baterista, cozinhar como a Maria de São Pedro, escrever como Antônio Maria, ser ceramista de figuras de barro, na Feira de Santana ou vender pastéis no Largo do Pelourinho, ou ser pescadora de xereu nas águas de Itapoan, «menos ser cronista social, pois não tenho a menor capacidade para perder as horas da maneira que vocês fazem».

● Autora do livro de poesias, «Contato» e breve será de dois, um de crônica e outro de lendas infantis. Já tem quase pronto um romance (considera trabalho de fôlego) que se passa num terreiro de candomblé na Bahia, mas que ainda está sendo caprichado e retocado. «Adoro crianças, vivo em parte em função delas, choro ao vê-las chorar e detesto o menino desde o primeiro gesto adulto e quando êle inaugura o primeiro pensamento de homem. Tôda gente deve preservar muito de sua infância, no seu riso e nos seus mais ingênuos gestos. Lindo o Homem-menino. Detestável o Menino-homem. Gosto também de flor, rir, fogueira de São João e as casas agressivamente coloridas da Bahia. Namoro de longe a lua e sou uma incorrigível romântica. Gosto de todo mundo e sofro imensamente quando alguém não gosta de mim. E é só». Pela fala, vocês, leitores, podem ver mesmo a grande dose de poesia que existe nesta moça. E ela fala que é só...

96 anos, 194 descendentes:

MÃE DA

EM 1874, a então senhorita Fortunata Faria, de 15 anos de idade, se achava num teatro da cidade de São Gabriel, sua terra natal. Na frisa ao lado estava um rapaz guapo, vestido de alferes. Viu aquela «sinha-moça», de anquinhas audaciosas que se abanava com um leque de plumas, e disse com seus botões: «E' aquela com quem me vou casar». Quase havia briga porque os primos da moça desde o início se opuseram ao namôro. Mas o amor venceu e o casamento saiu mesmo.

Dona Fortunata Faria tinha 15 anos quando tal aconteceu. Sendo o marido militar, veio para o Rio de Janeiro, onde teve início uma vida modesta e feliz.

LUTAS E DESENGANOS

O alferes Vitorino Geolás, era pessoa de confiança do marechal Floriano Peixoto, tendo, por isso mêsmo, desempenhado durante a guerra do Paraguai cargos de confiança; viajando dia e noite em missões oficiais, durante as quais sua espôsa e os filhos o acompanhavam. Certa vez, perseguido o casal pelos paraguaios, dona Fortunata deu à luz um de seus filhos num carro de bois. Fugindo sempre, foram na mesma oportunidade descobertos pelos inimigos, que pretendiam massacrar a família, ficando decidido entre mulher e marido que no caso de se verem perdidos, a fim de evitar as torturas, ma-

DOIS EXTREMOS — D. Fortunata Faria Ortiz (96 anos) e sua tetraneta Neybe, com apenas 17 anos. Do casamento da primeira resultaram 5 gerações. E se Neybe contrair matrimônio nos próximos anos, d. Fortunata terá a 6ª geração.

DONA FORTUNATA FARIA CORREA ORTÍZ, MATRIARCA DE CINCO GERAÇÕES ★ NUMEROSOS MILITARES NA FAMÍLIA, SEGUINDO A TRADIÇÃO DO ALFERES VITORINO GEOLÁS ORTIZ ★ NEYBE, DE 17 ANOS, RESPONSÁVEL PELA SEXTA GERAÇÃO

Texto e fotos de ALVARENGA JÚNIOR



MAIOR FAMÍLIA DO MUNDO



AS 5 GERAÇÕES: D. Fortunata, sua Filha Ernestina, a neta Marina, a bisneta Miza e a tetraneta Neybe, um recorde invejável, sem dúvida.



Uma amostra de descendentes femininos de d. Fortunata, «brotos» de fazer fechar o comércio... Aliás, predomina o sexo «fraco» na família.

tariam os filhos e depois se suicidariam. Mas tudo acabou bem felizmente.

Chegaram finalmente dias mais calmos para a família do alferes, que em 1893 passou a comandar a Fortaleza de Sta. Cruz. Posteriormente foi prefeito de Curitiba, morrendo pouco depois.

MAS OS FRUTOS FICARAM

O alferes Geolás morreu aos 48 anos de idade, em 1894. Dona Fortunata tinha, então, 35 anos e 8 filhos para criar, sem nenhuma pensão do govêrno por ter o marido perdido todos os documentos antes de sua morte. Trabalhando de sol a sol, educou todos os filhos, que lhe deram 31 netos, 81 bisnetos e 12 tetranetos, a maioria atualmente no Rio, e mais uma centena de descendentes espalhados pelo resto do país.

UM ESTÁDIO PARA TANTA GENTE

Iniciamos a presente reportagem no apartamento de um membro da família, onde cêrca de 30 pessoas se reuniram. Mas, para dar aos leitores uma idéia exata através de fotografias, do tamanho da família, o repórter pediu que se reunissem em outro dia num local onde fôsse possível acomodar-se umas 200 pessoas, pelo menos. E nada mais indicado do que um estádio de futebol, onde, no dia seguinte, a fim de receber um prêmio, do «Dia das Mães», dona Fortunata iria ter. O resultado aí está, excetuando-se algumas pessoas que se repimparam en-



Eis a família de d. Fortunata. Tôda ela? Não, leitores. Na foto feita no campo do Botafogo, estão apenas aquêles que residem aqui no Rio.

96 anos, 194 descendentes:

tre os descendentes da veneranda senhora, os demais são o resultado do romance iniciado naquela remota noite no teatrinho de S. Gabriel.

A TRADIÇÃO DO ALFERES

Como já foi dito, dona Fortunata Faria tem atualmente 96 anos de idade. Entre os seus descendentes, encontram-se os generais Victor Ortiz Geolás, Pélio Ramalho e Miguel F. Lima. Outros membros da família são ainda o coronel Moura Carvalho, tenentes-coronéis Ney Gomes da Silva e José F. Valverde, major aviador (do Estado Maior da Aeronáutica) Roberto Hipólito da Costa e mais o coronel Luís Geolás, major Lincoln Geolás, comandante Jeferson Santos, capitão Paulo Raimundo da Silva e mais uma dúzia de tenentes e capitães...

SÓ NÃO NÁ PADRES E DENTISTAS

— Minha filha, preciso de um bom dentista na família! — costuma dizer o pai da jovem e



FOTOGRAFIA FEITA EM 1939, vendo-se já nessa época as principais figuras representativas das cinco gerações de dona Fortunata. A pequena do centro, é a hoje belíssima Neybe. Na foto ao lado, as mesmas pessoas, na mesma posição, em 1955.



A TETRAVÓ FORTUNATA ainda pode ler histórias para a gurizada apesar dos seus 96 anos de idade. E a criançada gosta! E as histórias quase sempre têm introdução: em 1860 as coisas eram diferentes. Hoje, não, os decotes e biquines estão na moda. Evolução, afirmam minhas bisnetas.



O JORNALISTA e advogado da família, ao lado da espôsa e filhos. Munir A. Hollayel gosta muito das funções que exerce desde muito jo-



CURIOSO É O TEMPO. Correndo implacàvelmente para essas senhoras, transformou no entanto a menininha desengonçada de ontem no «brôto» espetacular de hoje. E essa menina afirma ter aversão ao casamento, evitando dessa forma um super-recorde.

bela Neybe, cuja genitora se chama Adibe bisneta de dona Fortunata. Curioso que tendo sua mãe casado aos 18 anos, já se considerando verdadeira matrona, a filha Neybe, aos 17 anos, tenha aversão pelo casamento, impedindo dessa forma que a família chegue à 6ª geração.

Contradizendo o pai, Neybe costuma responder sorrindo:

— Está difícil, papai. Difícil escolher casamento nos dias atuais... Vamos parar por aqui mesmo.

A MAIOR FAMÍLIA DO MUNDO

Parece absurdo, mas somadas as idades dos principais representantes das cinco gerações de dona Fortunata, atingem ao total 293 anos, o que é sem dúvida um recorde mundial. Resta à família bater um outro recorde, ou seja, atingir à 6ª geração, pela qual a responsável mais direta é a formosa Neybe, de 17 anos, mas que é avessa ao matrimônio. Em todo o caso, dona Fortunata está ainda em condições de viver muitos anos, para esperar que Neybe mude de idéia...



vem. Agora sòmente falta à família um padre e um dentista, o resto há de sobra. Além de 4 generais, tem coronéis, capitães e tenentes.



D. FORTUNATA, entre membros da família, conta a sua história cheia de capítulos desagradáveis. Um de seus filhos veio ao mundo num carro puxado a bois. O marido, alferes desde o tempo do império, não parava em parte alguma. Vivia de herodes para pilatos em funções do Govêrno.

EXCLUSIVO

Sensacional depoimento histórico:

A "REVISTA DA SEMANA" OBTÉM DO GENERAL JUAREZ TÁVORA A PRIORIDADE DE SUAS OPINIÕES SÔBRE O MOMENTO NACIONAL

Pela primeira vez, em seu gabinete de trabalho e em sua residência, o candidato do PDC, do PL e do PSB expõe, à Nação, por intermédio de um semanário ilustrado, seus pontos de vista sôbre os mais importantes problemas da atualidade ★ Hora e meia de conversa, sem subterfúgios nem entrelinhas, com o candidato mais discutido e analisado no momento ★ Exame de consciência e volta ao espírito de 1922

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

VINTE e quatro horas antes de conceder uma entrevista coletiva à Imprensa, o General Juarez Távora franqueou as portas de sua residência, à rua David Campista (Humaitá), ao repórter da REVISTA DA SEMANA.

São precisamente oito horas da manhã de têrça-feira, 17 de maio, quando fazemos pressionar a campainha. Surge o major Mauro que nos faz entrar para a saleta de visitas — uma saleta de visitas simples e vinculada à tradição das velhas casas de Botafogo ou da Tijuca. De outra dependência parte o vozerio de uma pequena discussão e reconhecemos a voz do general. Discute-se assunto político, mas nossa atenção concentra-se em um pequeno retrato emoldurado do velho e saudoso Belisário Távora, que foi chefe de polícia do Distrito Federal ao tempo do govêrno Hermes da Fonseca; e foi depois tabelião na rua Buenos Aires. Evocamos um período da infância, quando Belisário era figura obrigatória das caricaturas políticas mostrando-o sistemàticamente vestindo o burel de frade com o rosário a pender-lhe das mãos. Conhecemos Belisário Távora e dêle guardamos gratas lembranças da infância. Quando, minutos depois, o general Juarez Távora nos recebe em seu pequeno gabinete de trabalho — uma secretária modesta, prateleiras atulhadas de livros por tôdas as paredes acima — ao apertar-lhe a mão, lembramos aquêle que foi tio e sogro do nosso entrevistado. Juarez responde sem fixar-nos:

— E' sempre grato ouvir palavras amáveis do amigo de um nosso parente...

E depois de duas ou três frases sôbre o tio e sogro, êle nos convida a sentar a seu lado, em um divã:

— Meu caro, disponho de vinte minutos, exatos, para o atender. Pode imaginar o que é a minha vida neste momento... Levanto-me às cinco da manhã e trabalho normalmente até depois das oito. Agora, entro pela madrugada adiante...

Mesmo assim, o general está irrepreensìvelmente barbeado às oito da manhã e veste à paisana, uma roupa que nos parece nova. Gravata de laço bem dado — roupa e gravata com a qual na manhã seguinte, enfrentará o pelotão de repórteres na sede da A.B.I.

O tempo urge, é preciso saber aproveitá-lo: Dispomos de vinte minutos...

— Em quinze a missão estará cumprida, general.

●

Demorou um pouco mais: eram precisamente nove horas e trinta minutos quando nos despedimos do candidato do PSD, do PL e do PSB à Presidência da República.

●

Dias antes, sábado 14, à tarde, havíamos telefonado para a residência de Humaitá solicitando êsse encontro. Atendeu-nos o major Mauro e depois o próprio General.

— Meu amigo, tenha paciência, hoje não. Estou cansado. Amanhã cedo, terei que arrumar uma porção de coisas.

— Mas, general, o tempo urge...

— Sim, eu sei. Estou procurando um apartamento no centro, perto da Cinelândia. E' pequeno mas serve. Porque aqui em casa é tal a aversão de minha mulher pela política, que nada posso fazer.

— Mas, general, apenas uma rápida impressão...

— Estou com a cabeça em ordem, porque está em paz com a consciência.

E resoluto:

— Desculpe, mas não posso falar muito pelo telefone. Segunda ou têrça-feira dar-lhe-ei a entrevista.

Palavra cumprida, lá estávamos, têrça-feira cedo, para a entrevista. E durante os noventa minutos pelos quais ela se estendeu, ninguém interrompeu Juarez, nem mesmo a espôsa, ou outra pessoa da família. Apenas os filhos do general iam saindo para seus estudos. Durante êsse tempo, nosso entrevistado não interrompeu a palestra para telefonemas nem para atender a terceiros. Permaneceu sentado ao nosso lado, no divã, levantando-se e voltando a sentar-se sempre que a excitação de suas revelações a tanto o obrigavam. Juarez não queria falar tanto — e falou mais do que esperávamos. Dificilmente o interrompíamos. Solicitamos a máquina de escrever para, mais ràpidamente, fixar no papel as suas palavras. Não houve jeito e a máquina ficou esquecida, tal a eloqüência do entrevistado, a velocidade de suas palavras, o afluxo de idéias, o nervosismo das respostas. Que não foram, pròpriamente respostas, mas uma pequena palestra. Quase um monólogo. Juarez começa a falar em sussurro, sibilando, como quem não quer ir adiante. Súbito, entusiasma-se, deixa-se levar pelo turbilhão de idéias, não quer perder um minuto, fala, gesticula, espalma a mão (ou as mãos) sôbre o tampo da mesa e, de outras vêzes, fecha o punho, socando a madeira. Principalmente quando suas afirmativas atingem ao auge. Tem um contrôle admirável, mau grado essa eloqüência nervosa — e fala bem. Com absoluta correção. Não emenda as palavras, não retifica, não tropeça. E' como se estivesse lendo e não falando de improviso. Por vêzes, grita, vocifera, os olhos injectam-se, o rosto se avermelha — é o homem franco, sincero, que desabafa, diz o que sente, não conhece as manhas dos políticos. Sôbre êles, diz:

— Nunca sei quando deixam de usar de sinceridade e começam a usar de malícias e subterfúgios. Não inspiram muita confiança. Principalmente alguns...

Quando passamos às suas mãos um questionário versando problemas importantes que o futuro Presidente da República deverá enfrentar — Petróleo, Carvão, Eletricidade, Política de Preços — Transportes — Indústria do Aço — Indústrias Pesadas — Agricultura — Inflação — Política Internacional — Bancos e Crédito, etc. — responde o que se vai ler adiante. Trata-se de um questionário laboriosamente trabalhado nesta redação, com a colaboração de elementos técnicos, especializados nas respectivas matérias. Questionário que vai ser entregue a cada um dos candidatos, sejam quais forem e quantos forem, para orientação do povo brasileiro. Uma contribuição da REVISTA DA SEMANA ao país, nesta hora de tantas responsabilidades. Sem caráter de matéria paga, é claro

E passemos, então, às respostas, ao «test» de sinceridade e franqueza, do general Juarez Távora.

(Veja páginas 48 a 52)



"Estremeço ao pensar que posso deixar aos meus filhos, à sua geração, um Brasil conturbado, tendo à frente um destino igual ou, quem sabe, mais tormentoso que êste. Não quero morrer sem fazer uma última tentativa, um último sacrifício pela Pátria. Estou envelhecendo e começo a cansar, mas não desistirei."

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO ★
★ HUMORISMO ★ CARTAZES ★ TEATRO ★ RÁDIO ★ CARTAZES ★ CONCURSOS ★ NOTICIÁRIO ★

A qualquer hora
do dia
ou da noite
a
RÁDIO RECORD
de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts
ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 28 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 1955 — (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO — (21/9-20/10) — A semana será muito favorável aos seus negócios. Com exceção do dia 30, o meio astral será harmonioso e lhe possibilitará algumas realizações. O leitor poderá arcar com um sério prejuízo, moral ou material mesmo, no dia indicado como exceção.

★ TOURO — (21/10-20/11) — Nos dias 29 e 30 de Maio e 2 de Junho, não tome iniciativas de vulto nem atitudes que possam por em risco sua liberdade. As astralidades reinantes são as mais desfavoráveis possíveis, no caso do leitor.

★ GÊMEOS — (21/11-22/12) — O novo período não favorecerá os pedidos, as solicitações, os requerimentos e as pretensões sentimentais. Favorecerá, porém, a vida doméstica e as atividades profissionais.

★ CANCER — (23/12-20/1) — Não se deve iniciar viagem por mar ou pelo ar, no curso dessa semana, principalmente nos dias 28 de Maio e 1 e 2 de Junho. Há fortes ameaças de acidentes coletivos. Não obstante o período será favorável aos negócios profissionais e à vida social.

★ LEÃO — (21/1-20/2) — Os negócios precipitados, notadamente os que tiverem feição sedutora, redundarão num grande fracasso. Limite-se às pequenas coisas, faça negócios simples, modestos para não arcar com prejuízos e não ter desilusões.

★ VIRGEM — (21/2-22/3) — O ambiente dos astros não lhe possibilitará êxito nos negócios a longo prazo. Os negócios modestos, rápidos, as soluções prontas, assim como as soluções imediatas são os mais aconselháveis no seu caso.

★ LIBRA — (23/3-20/4) — Sua posição em face dos astros não se alterará. A **chance** da semana anterior prosseguirá. O leitor encontrará as mesmas facilidades e terá o mesmo sucesso no que empreender. Terá sorte nos negócios e nos amores.

★ ESCÓRPIO — (21/4-20/5) — Tome atitudes moderadas. Evite tôda e qualquer violência, tanto na ação como nas palavras. O leitor poderá exasperar-se por qualquer simples motivo e chegar a uma situação insustentável e até mesmo perigosa.

★ SAGITARIO — (21/5-23/6) — Uma semana calma e relativamente favorável aos seus interêsses, será a que se inicia agora. Seus astros nativos receberão uma verdadeira seqüência de bons aspectos, dando-lhe algumas oportunidades.

★ CAPRICÓRNIO — (24/6-22/7) — Encha-se de um certo egoismo no curso da semana, cuidando em primeiro lugar dos seus próprios interêsses e dos seus negócios, sujeito como se acha, a injustiças e a ingratidões.

★ AQUARIO — (23/7-21/8) — Influxos poderosos e bons estão incidindo sôbre a parte do destino escrito do seu horóscopo. A semana, pois, será de acontecimentos fatais, não adiantando, assim, as reações que possa oferecer. Conforme-se com o que vier.

★ PEIXES — (22/8-20/9) — O leitor terá uma semana entrante, um ótimo período para o tratamento da saúde. A semana favorecerá os casos de operação e o tratamento dito específico de moléstias antigas.

OS NOMES DA SEMANA

Maio	28	—	Júlio	—	Juliana
"	29	—	André	—	Sílvia
"	30	—	Erálvio	—	Felícia
"	31	—	Messias	—	Zoraida
Junho	1	—	Sidônio	—	Zulmira
"	2	—	Antero	—	Flávia
"	3	—	Vitrúvio	—	Márcia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Maio	28	—	6º 23' 22"	—	(Signo dos Gêmeos)
"	29	—	7º 20' 55"	—	" " "
"	30	—	8º 18' 27"	—	" " "
"	31	—	9º 15' 58"	—	" " "
Junho	1	—	10º 13' 28"	—	" " "
"	2	—	11º 10' 56"	—	" " "
"	3	—	12º 8' 23"	—	" " "

CAIXAS D'ÁGUA
A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

TUBOS VIBRADOS PARA ÁGUAS PLUVIAIS
A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

●

Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino trato do GRANDE HOTEL PRATA em ÁGUAS DA PRATA.

Desconto de 20% nas diárias a partir de 1° de maio até 30 de junho. (Vinte por cento).

●

Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel — telefones: 20-29-4 — Águas da Prata — Estado de São Paulo.

●

Agua Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.

●

Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Comêta — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALAO DE REFEIÇÕES

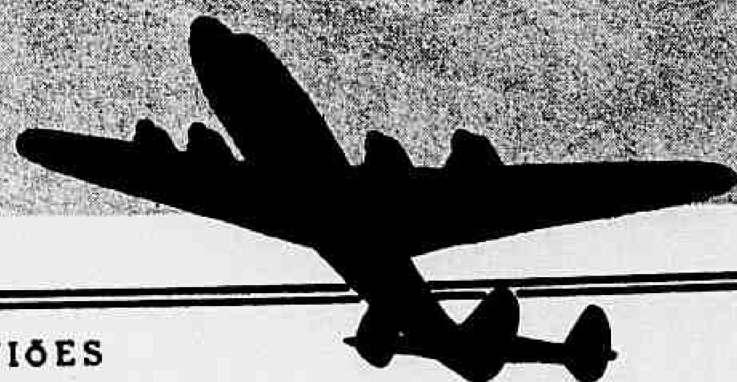




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)



● Quando Sônia Oiticica estreou no Teatro do Estudante era ainda uma menina. Uma menina bonita e envolta em talento. Foi uma Julieta inesquecível. Mas de repente desapareceu. Deixou o teatro, casou. E houve uma saudade enorme dela, de sua voz, de suas mãos que têm incessantemente gestos cheios de vida, de beleza. Mas, apesar de viver fora do teatro ela não podia se esquecer dêle nem do fascínio que tinha por papéis que não interpretara. E não resistiu. Voltou para ficar. E trouxe com ela a mesma graça, a mesma beleza juvenil e todos os sonhos ainda não realizados. Enquanto acaricia a cabecinha loura de sua filha pequenina, Sônia fala do que o teatro é para ela, para sua vida. Fala de seus papéis nas peças de Nelson Rodrigues. Na «Falecida» e ùltimamente em «Senhora dos Afogados» que ela considera um poema, peça maravilhosa, cheia de um lirismo que deixou sua alma deslumbrada. Ela é Moema ainda vestida de emoção. E repete para mim, na sua voz bonita com gestos vivos, algumas frases de seu papel. E vejo-a de negro, severa e má, falando e depois de branco, descendo as escadas, Moema, linda. Fala da beleza que sentiu nessa peça, da ilha para onde só iam as mulheres perdidas. E quando ela sùbitamente fecha os olhos e ri, volto a ter diante de mim, Sônia, a que voltou. Vamos às perguntas porque ela quer ser Moema a todo instante.

PING-PONG

SÔNIA OITICICA NÃO COMPREENDE A VIDA SEM AMOR

A FAVOR DO DIVÓRCIO E DETESTA BAJULAÇÃO ★ ADORA AS FILHAS E O TEATRO ★ ACHA O CASAMENTO E ARTE PERFEITAMENTE COMPATÍVEIS

Texto de MARIA NATÁLIA RODRIGUES — **Fotos de ARNALDO VIEIRA**



Gosta imensamente de suas filhas e do teatro, mas a boa leitura também absorve muitas horas dos seus raríssimos dias de folga.

Ping — Qual a maior emoção de sua vida?

Pong — A minha estréia em «Romeu e Julieta».

Ping — Quando você representa vive entregue ao papel durante muito tempo?

Pong — Até que o papel se aposse de mim. Há um momento em que isso acontece. Daí por diante só pertenço ao papel quando estou no palco.

Ping — Quais as melhores peças de teatro na sua opinião?

Pong — «Le Precès» de Kasca por Barrault. «Antigone», que vi em Paris, também por Jean Louis Barrault e «Senhora dos Afogados» do nosso Nelson Rodrigues.

Ping — Acha que um «metteur en scène» pode fazer de uma peça nula uma grande peça?

Pong — De uma peça nula nenhum conseguirá isso.

Ping — Quais foram os papéis que lhe deixaram melhores recordações?

Pong — Recordações pròpriamente não deixaram ainda. Mas gosto especialmente de «Moema». Estou ainda sob as emoções que tive ao representá-lo.

Ping — Acha que o teatro brasileiro nada deve ao estrangeiro?

Pong — Estamos ainda dando os primeiros passos.

Ping — Que acha dos homens?

Pong — Que são o perfeito complemento da mulher.

Ping — Se você só fôsse representar mais uma vez qual o papel que escolheria?

Pong — Faria um «popourrit» de papéis e representaria.

Ping — Acha que teatro e casamento são perfeitamente compatíveis?

Pong — Com boa vontade e compreensão, sim.

Ping — E sôbre o amor?

Pong — Não compreendo a vida sem amor.

Ping — Qual a melhor hora de seu dia?

Pong — Quando entro em casa e ouço a voz de minhas filhas.

Ping — Tem mêdo de que?

Pong — De ladrão.

Ping — Algum «hobby»?

Pong — Livros, se a isso se pode chamar «hobby».



O casamento e a vida do lar, com boa vontade e compreensão, nada sofrem com a carreira artística. Há lugar e tempo para tudo.



A melhor coisa do mundo em sua opinião é a consciência tranqüila. E Sônia Oiticica parece ser uma criatura cheia de tranqüilidade.

Ping — Qual é a melhor coisa do mundo?

Pong — A consciência tranqüila.

Ping — A favor do divórcio?

Pong — Evidentemente.

Ping — Alguma coisa que você deteste realmente?

Pong — Bajulação.

Ping — Já realizou todos os seus sonhos?

Pong — Não. Todos os dias tenho sonhos novos.

Ping — Se recomeçasse a sua vida mudaria alguma coisa?

Pong — Alguns fatos, sim. Mas a minha pessoa, nunca.

Ping — Quais são as coisas máximas de sua vida?

Pong — Minhas filhas e o teatro.

Ping — Acha loucura passar por cima de tudo e realizar um ideal?

Pong — Não. Quem tem realmente um ideal deve lutar por êle. Mas às vêzes é possível dar um jeito, realizar o ideal e não passar precisamente pelo que nos é caro. Um ideal realizado é muita coisa.

VITÓRIA DE ADIL E DA ELEGÂN
NO GRANDE PRÊMIO S. PAULO DE

RECORDE ABSOLUTO DE APOSTAS EM HIPÓDROMOS BRASILEIROS ★ DERROTADOS EL ARAGONÊS, QUIPROQUÓ E A LINHA «A» DE DIOR ★ ESPLENDOR JAMAIS REGISTRADO EM CIDADE JARDIM ★ REUNIÃO TURFÍSTICO-SOCIAL DE 1º DE MAIO

Texto de ARTHUR NORONHA
Fotos de UBALDO TERRA

O GRANDE Prêmio São Paulo, de 1955, foi levantado pelo extraordinário potro nacional Adil, filho de Epigram. Disputada na distância de 3 mil metros, a carreira decidiu-se entre Quiproquó, El Aragonês e Adil, não tendo, porém, nenhum dos dois primeiros, em nenhum momento, ameaçado sèriamente a vitória de Adil. O próprio Lodegar Bueno Gonçalves, que pilotou o potro vencedor, assim se exprimiu minutos após a carreira: — «Precisei frear Adil, a fim de que êle não tomasse a ponta prematuramente. Na reta oposta soltei-o um pouco e com facilidade incrível o craque do Haras Jaú passou por Quiproquó. Quando cheguei à reta, achei que deveria tomar a ponta. Foi o que fiz, mas sem forçar o meu pilotado. Quando, nos últimos 400 metros, Quiproquó igualou a linha de meu cavalo, pela primeira vez na carreira alertei-o e voltei a sacar vantagem, conservada com firmeza. Quiproquó foi o único animal que encostou em Adil na reta final. Mesmo assim, não chegou a me causar qualquer susto». No decorrer da carreira Adil não se deixou ficar atrás, como de hábito: postou-se em quarto e depois em terceiro lugar, um pouco distanciado e Away e Uraniun, mas trazendo-os sob sua vigilância. Na reta oposta passou por Quiproquó. Sòmente no início da reta final deu a grande arrancada para a vitória, passando por Away e rumando firme para o disco. Foi neste instante que, numa violenta atropelada, Quiproquó, até então postado em quarto lugar, se emparelhou com Adil. Tremeu Cidade Jardim. Um segundo, dois segundos, não mais, durou o «suspense». Mas, a um apêlo de Lodegar Bueno Gonçalves, Adil voltou a sacar vantagem e, com mais de um corpo de dianteira, cruzou o disco final, recebendo a mais apoteótica ovação do público.



CIA 55

Adil, filho de Epigram, pilotado por Lodegar Bueno Gonçalves, foi o vencedor do Grande Prêmio São Paulo de 1955, derrotando nos 3 mil metros Quiprocó, El Aragonês e outros favoritos da grande torcida.



Elegância e beleza predominaram em Cidade Jardim, por ocasião do Grande Prêmio São Paulo. O sucesso foi completo, tanto no movimento de apostas como na grande parada da moda feminina.



Sras. Maria Lúcia Falcão e Maria Cecília Braga, duas figuras expressivas da elegância e distinção presentes ao acontecimento de Cidade Jardim.



Srtas. Maria Teresa Araújo e Esther Ferbes, lindas e elegantes torcedoras, quando aguardavam o início da maior prova anual do turfe paulista.



O sr. Dutra e a sra. Marilú Villalobos, na tribuna oficial, aguardando o início da grande prova turfística vencida por Adil, um puro sangue nacional.



Sras. Lusita Moraes Barros e Odete Matarazzo foram das mais elegantes damas da memorável tarde paulista. Chapéus à 1927, beleza e simplicidade.

GRANDE PRÊMIO S. PAULO DE 55



A srta. Vera Helena Calimério em companhia do seu pai, sr. Vicente Calimério, no prado de Cidade Jardim. Ambos torceram com entusiasmo.



O mundo oficial compareceu à tradicional reunião turístico-social da Capital bandeirante. Aparecem na foto o Prefeito William Sallem em palestra com o sr. Fábio Prado, presidente do Jóquei Clube Paulista, o Comandante da 2ª Região Militar e a sra. Renata Crespi da Silva Prado, na tribuna de honra.

RECORDE DE APOSTAS

O recorde de apostas em hipódromos nacionais, que fôra superado na reunião realizada no último dia de abril dêste ano, foi largamente ultrapassado por ocasião da disputa do Grande Prêmio São Paulo. Nada menos de 45 milhões 195 mil 680 cruzeiros, excluídos os concursos, passaram pelos guichês do Jóquei Clube. O último recorde, agora quebrado, fôra de 36 milhões de cruzeiros. Daí dizer-se que o Grande Prêmio São Paulo foi a festa máxima do hipódromo brasileiro.

NOTA DE ELEGÂNCIA

Como não podia deixar de acontecer, o prado de Cidade Jardim foi palco de mais um elegante desfile de modas femininas. A par de enorme multidão que acorreu ao prado, para assistir ao importante embate hípico, damas e senhoritas da sociedade paulistana afluíram ao local com suas mais elegantes tualetes, emprestando um colorido mais vivo àquela magnífica tarde de sol. Atenuando de maneira graciosa o ambiente de grande expectativa — pois as preferências se dividiam entre El Aragonês, Quiproquó e Adil — o elemento feminino exibia com generosidade os últimos requintes da moda. Faltou apenas a linha «A» de Dior que, tanto entre as elegantes de São Paulo como as do Rio, não teve nenhuma penetração. Mas era de ver a variedade das tualetes. Modelos modernos com estampados se confundiam com chapeus de feltro que muito se assemelhavam aos de capa de revista de 1927, 1928 ou 1929 Luvas as mais ricas e elegantes empunhavam binóculos poderosíssimos, através dos quais lindos olhos acompanhavam a indiscutível capacidade motora de Adil nos seus três mil metros sem trégua. Representantes do mundo oficial, elementos diplomáticos, imperatrizes da moda e aficcionados do turfe, todos se confundiam numa atmosfera de elegante cordialidade. Foi uma festa de côres e de belos sorrisos.



Os proprietários do Stud Almeida Prado e Assumpção vão até à pista receber Adil, o grande potro nacional, criação do Haras Jaú. Adil foi pilotado por Lodegar Bueno Gonçalves e conquistou uma vitória expressiva, derrotando animais de alta classe.

SOMBRAS HUMANAS

Conto de HAROLDO TENÓRIO

Desenho de DAREL

MORO num bairro onde há elementos humanos tão interessantes que pretendo qualquer dia dêsses distribuí-los num romance, cada um na sua justa posição, como vive e se agita. Agora, o mais difícil vai ser pintar as cenas, porque tudo aqui no meu bairro é da vida real e quem escreve deve ser muito inteligente para não ficar só falando na fábrica constantemente arquejante como se juntando num só suspiro a respiração da gente que pulula no seu interior; nem na velha igreja, com a torre e as paredes garatujadas pelos arabescos do tempo, nossa madrinha e casamenteira, que só acorda com seus badalos tristes quando a manhã apaga as últimas estrêlas, estrêlas no céu turvo; ou nas casas comerciais, vendendo fazendas, arroz e agrião, onde quando anoitece seu Chico — o farmacêutico — e seu Armando — velho delegado, fazem sentir mais alto a voz no grupo de curiosos, reclamando contra a prefeitura em permitir que os feirantes amarrem seus animais em plena praça pública, aos domingos.

Bem, não devo citar os personagens ainda, pois não mencionei que temos também perto da escola um cineminha. E' conhecido assim e foi ganho graças aos discursos de d. Leocádia, nossa falecida professôra, no dia em que o atual prefeito da cidade passou por aqui colhendo votos futuros, com seu sorriso esbagaçando um grosso charuto, e as promessas maravilhosas caso fôsse eleito. E o campo de futebol, cuja arquibancada nosso comércio através da Sociedade «Pelo Progresso dos Subúrbios» deu a verba para as tábuas.

As ruas, quando chove, parecem mangue. A prefeitura só calçou aquela lá de cima, que vem da casa do dr. Pedrosa, dono da fábrica de rapadura. Fico pensando às vêzes que o dr. Pedrosa não é tão ruim como dizem, pois se não fôsse sua fábrica nosso bairro não teria tanto progresso. Foi êle que custeou os postes para a iluminação pública: agora nosso jardim da praça já não tem aquêle ar sombrio de cemitério. Deu muito progresso ao nosso subúrbio.

A maior dificuldade está em eu ser muito ignorante; quase não conheço literatura, tive meu diploma da escola daqui, e quando revelo meu propósito ao meu irmão mais velho êle me espia com aquêles olhos brilhantes e balança a cabeça.

Confesso que isso desanima, pois é o mesmo que êle dizer que não sente para escrever um romance. No dia que dona Guiomar se suicidou queimando o corpo encharcado de álcool, eu falei: «Isso num romance hein, Jacinto»! Foi brusco novamente, e dessa vez chamou-me de idiota, e quando chegamos em casa êle me mostrou o jornal que vinha semanalmente da cidade, onde em letras pretas e grandes estava o alarme do suicídio da mulher. «Isso é banal, Jujuca, próprio da vida; escrever um romance não é comer um prato de comida não», você precisa ser mais realista; só vive sonhando, vendo em tudo algo de original, de extraordinário: não sei como ainda não lhe expulsaram da Padaria.

Sempre me ofendi quando me chamam de Jujuca, porque meu nome de batismo é Jorge, e Jujuca não é nome de escritor. Procurei esconder minha mágua e repliquei: «Mas, Jacinto, não dizem que o romance moderno colhe a vida de todos os dias, os tipos que vivem ao nosso lado?

Jacinto sorriu naquêle riso tôrto sem descolar os lábios. Mudou repentinamente de feição e ficou olhando para mim. Depois, resmungando enquanto se voltava para a janela soltou: «E vá você pintar o cheiro da garapa fervendo, os operários suando, seu Nilo mastigando o charuto e soltando palavrões; o padre Bert, com sua barriga estufada, repetindo os sermões dengosos com o pigarro arranhante; ou então aquela santinha protestante que enfrenta a condução para a cidade todos os dias tentando pescar um grau de medicina, para ir curar os índios lá em Mato Grosso. Creio que farão você engulir tôda a porcaria que escrever».

Esperei um momento calado, para ver se Jacinto continuava, êle ficou só com o peito arfante; meu irmão parece que sofre, quando volta da fábrica vai ao rio, volta para o jantar e depois lê cada livro enorme e esquisito. Tem um amor tremendo pelos livros; outro dia perguntei o título de certo livro que lia afundado na velha espreguiçadeira. Nervosamente virou o volume grosso e pude ver o nome do autor, Máximo Gorki. Mais tarde, num dia em que êle estava na fábrica, mamãe lavando roupa no rio e Justina estava no colégio, vasculhei o seu quarto e descobri debaixo do colchão vários livros estranhos. Escritores estrangeiros, como aquêle complicado que escreveu «Os Irmãos Karamazovi» e «Crime e Castigo». De um tal Anatole France encontrei «Os Deuses têm sêde» e «A revolta dos Anjos».

No outro dia fiquei profundamente arrependido, pois Jacinto me deu um livro para eu ler que um correspondente lhe mandou de S. Paulo. Escrito por uma mulher, Ondina Vieira, sentimental e humana. Nunca mais esquecerei «Navio Ancorado», reunindo destinos num prédio de apartamentos, navio ancorado, em que cada vida tem uma história.

Procurei acabar êsse silêncio entre nós. Êle saiu da janela, um punhado de sol veio apagar sua sombra, condensando na proporção da claridade um bando de microscópicas bailarinas do pó.

— Você vê as coisas por um lado muito amargo, Jacinto. Quem sabe se não se descobre poesia nos quadros que você citou?

Jacinto parece que estava de muito mau humor, porque saiu antes do penúltimo apito da fábrica esgotando a hora para o almôço.

Justamente naquêle momento mamãe entrou, as mãos sujas ainda de espuma de sabão, com o pano amarrado na cabeça e os pés esparramados no chão. Lançou-me um olhar de censura, pensando na certa que tivéssemos brigado. Justina chegou em seguida; com o mesmo sorriso infantil de dois dentes cavalados na frente e as tranças castanhas balançando a fita azul nas pontas, dando a impressão de borboletas animadas. Jogou a pasta encardida e os tamancos para um canto e correu afoita para o banho do rio, como fazia antes de almoçar.

Fui à cozinha, tomei um gole de café, e saí para o meu emprêgo na confeitaria da estação.

Estou aqui, com os braços abertos, apoiando as mãos no balcão de doces, pensando. Indago porque Jacinto ontem me chamou de Jujuca, vou vendo que no fundo êle me considera muito infantil, medíocre (vi essa palavra outro dia num dicionário) e descobrindo a ironia constante de suas observações. Então sinto mais do que nunca a necessidade de escrever o romance tão sonhado, com êle irei mostrar a Jacinto que sou mais inteligente do que êle supõe. Sim, nem imagina o talento que fervilha aqui dentro dessa cachola. Quando meu estilo fermentar o enrêdo, minhas frases vestirem os tipos do nosso bairro, como adôrno de açucar então irá ver que lindo e gostoso bôlo terei feito.

Quando chegar em casa vou iniciar o livro. Lourenço era um páu dágua. Carvoeiro, percorria nosso bairro montado numa desconjuntada bicicleta e equilibrando os sacos de carvão na cabeça. Às noites, vestia um surrado terno de casimira azul marinho e saía pelas ruas dedilhando seu violão e cantando com aquela sua voz rouca. Quase sempre não retornava com os próprios pés para o quarto da carvoaria, pois saía bebendo em todos os botequins que encontrava. Um dia deixou a carvoaria, empregou-se num escritório na cidade, trajou-se elegantemente, nunca mais bebeu e deixou de fumar. Foi descoberto pregando ardorosamente numa igreja protestante, àquela perto do morro — que tempos depois o expulsou porque êle era muito fanático. Anda de igreja em igreja, com a Bíblia aberta, exortando os irmãos e ontem mesmo estava em nosso rua mostrando o caminho para uma nova vida, falando aos antigos companheiros do álcool que lhe ouviam calados, olhos estuporados, não acreditando ali estar o Lourenço das noites de farra e orgia. Pescou dois dêles: Gregório e Pepé foram cambaleantes, seguindo os fiéis, cantando os hinos de salvação, atraindo a atenção de tôda a rua. A mulher que mora perto da estrada fala muito contra os protestantes, porque dizem ter sido ela amante de Lourenço. Deve ser boato, mas ninguém sabe quem é o pai do menino tão parecido com êle. Bem, sua mãe é religiosa também, mas seus quatro irmãos bebem como gambás.

Tententina, gostava de Júlio e êste gostava de Marina, irmã de Tententina. Ela soube e desfêz o noivado com Júlio, sorrindo na sua presença e dizendo que não o amava. Hoje, Marina e Júlio estão quase casados. Tententina também é profundamente feliz.

A velha Josefa, enche a casa de doentes, e invoca os espíritos, ajudado pelo cambone, seu neto Antônio, que surra o tambor escuro de pele de gato. Benze com arruda e unge com azeite de dendê. Seus olhos são como brasas vermelhas, na pouca claridade das velas. Dizem que ela às segundas-feiras vira gato e sai miando pelos telhados. Eu nunca vi, mas tenho um mêdo enorme.

A sogra do sapateiro Gumercindo, dona Iaiá, de tanto escutar missa deu agora para se postar na gare da estação e pedir esmola, vestida à moda dos judeus e bendizendo todos em nome da Virgem Maria. Seu Gumercindo já lhe deu uma surra tremenda, para ela perder essa mania; o que resultou foi o padre Bert se meter e o sapateiro foi passar quinze dias no xadrez como desumano. Dizem que êle é maçom, não crê em Deus. Não devo falar sôbre isso, porque já li que o maçom só procura fazer o bem e ajudar a quem está em dificuldades, ora essa.

Durval, filho do dr. Pedrosa, dono da fábrica de rapadura, é um caso perdido no jôgo e nas discórdias em todo o bairro. Já seduziu várias moças, porém é metido a justiceiro. Outro dia, por exemplo, estava apostando quem seria capaz de beijar a primeira pequena que passasse defronte ao botequim de seu Joaquim, fervilhando de desocupados. O Zezé, também bêbedo como de costume, não sei porque instinto, apanhou uma pedra e esmagou a cabeça do gato preto do dono do bar. Então, Durval se encrespou como alucinado e tomando Mimi (o nome do gato) pelo rabo investiu contra Zezé e esbagaçou o animal morto na cara do outro bêbedo até prostrá-lo desmaiado. Justiça de páu dágua.

D. Clara, coitada, pedala a máquina cansada até altas horas da noite, para manter a filha na Faculdade de Medicina, para quando ela se



tornar ir para o meio dos índios em Mato Grosso.

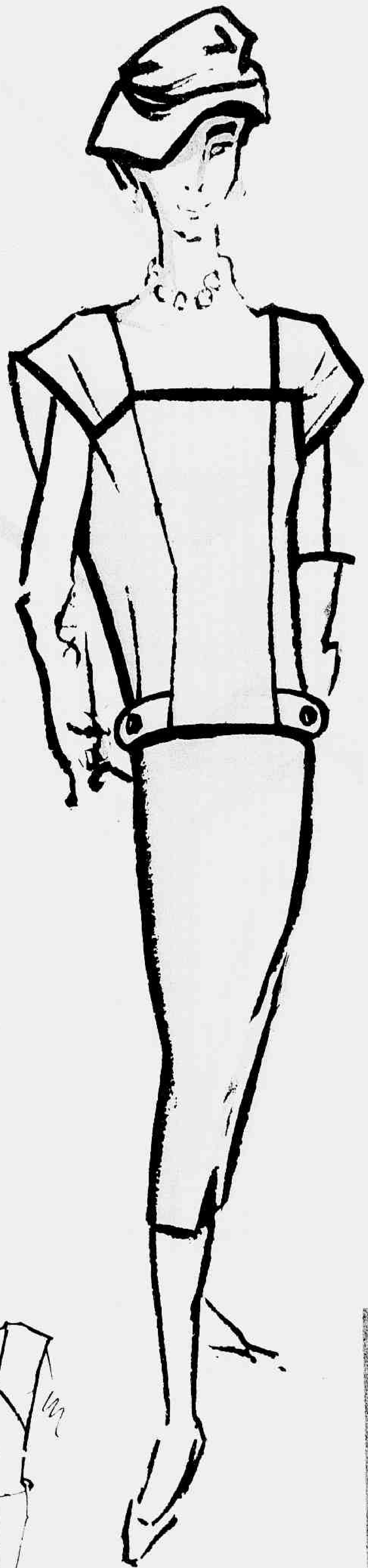
Seu Eduardo, entregando cartas todos os dias no seu passo arrastado e uniforme cáqui já completamente desbotado. E não recebe notícias do filho que desceu pela goela da guerra passada, como tudo indica; entretanto, continua esperando uma carta do rapaz. Esperança vã. E aquela mocinha morena (parece que se chama Jurema, como Justina me contou) não pode olhar para as estrêlas porque sente uma vontade tremenda e espontânea de chorar.

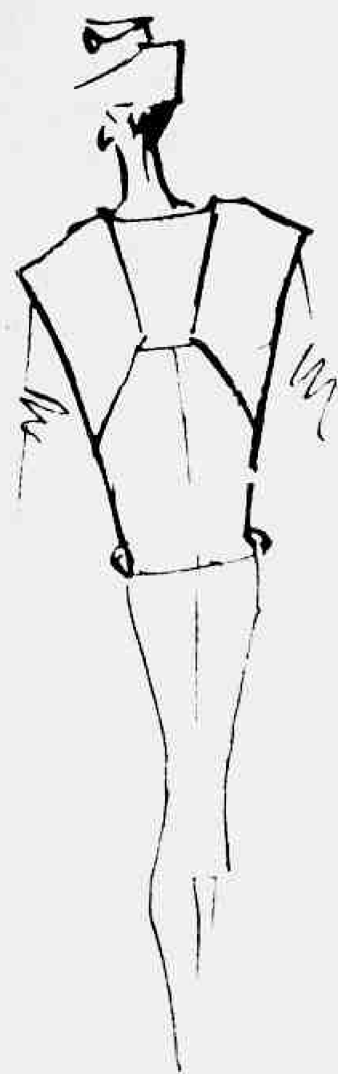
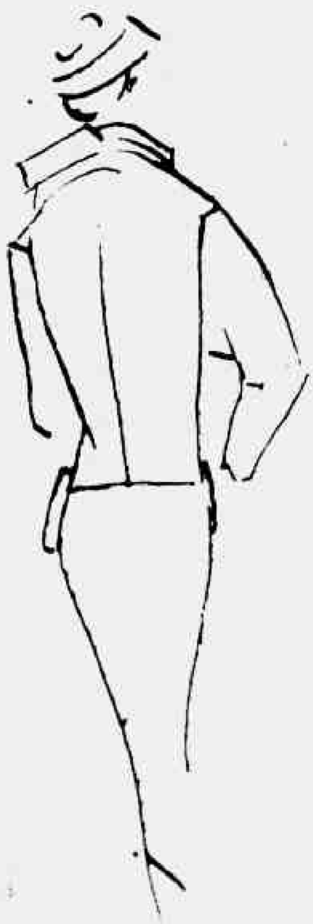
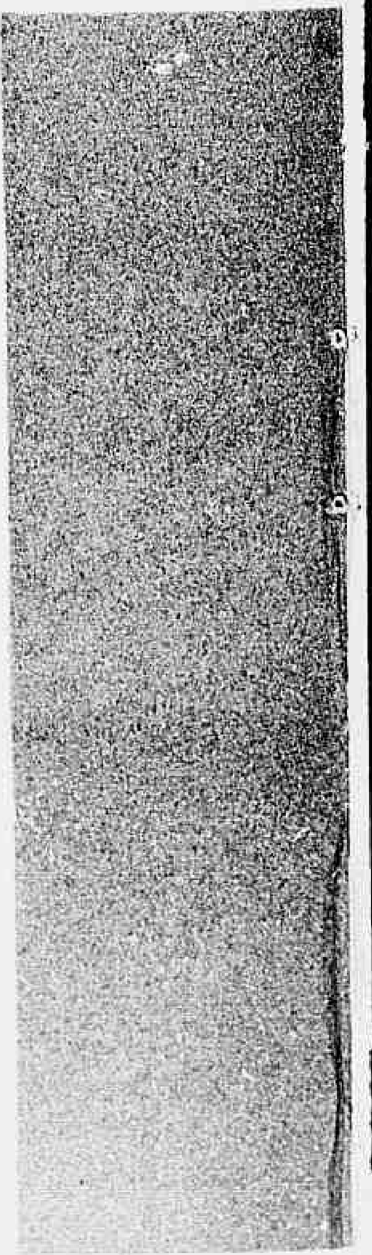
Didi, nem sei como vou descrevê-la. Oxigenada, quer imitar tôdas as artistas de cinema projetadas, semanalmente, na tela do nosso cinema ha. Fala torcendo a boca, vermelha como que pintada de urucum. Já namorou todos os rapazes do bairro, e soube que ela andou espalhando o boato de que eu era louco por namorá-la e já tentara beijá-la uma vez. Cruzes! Se pelo menos ela não tivesse se entregado àquele nojento do Dulval!

O filho de d. Neném que voltou da guerra sem uma perna. Acorda às noites gritando terrìvelmente, pedindo a perna. Lá na Itália, prestes o seu regimento embarcar de regresso à pátria, estourou uma granada acidentalmente e estraçalhou-lhe o membro. Durante todos os combates êle mostra-se herói, e sempre recomendou que não lhe tirassem do campo de batalha destroçado a ficar aleijado, porque êle não saberia viver como inútil. Antes de ser soldado era o melhor jogador de futebol do nosso time. Agora... sempre passo lá por sua casa quando venho ou vou para a confeitaria. Vejo-o sentado no quintal, à sombra da amendoeira, fazendo gaiolas para passarinhos, as quais sua mãe vende na feira aos domingos.

Pintarei minha própria família. Exporei minha mãe, suprema heroína, que nos sustentou desde pequeninos, quando meu pai, vestido de um secreto espírito libertino, não soube viver no limite de um lar, e nossa mãe, ainda nova, foi obrigada a enfrentar o tanque de roupa para viver, dignamente. Minha irmã com idéia de ser enfermeira; Jacinto, lendo livros confusos, meditando, solitário, revoltado, nunca sa-

(Cont. na página 48)



APRESENTANDO



M AIS intensa do que a guerra fria entre as grandes potências do mundo é a batalha dos figurinistas disputando as preferências das mulheres elegantes. As escaramuças travadas entre sêdas e rendas, nos luxuosos desfiles de modas, concentram-se agora no campo vital das linhas... A, H, ou I, seja Dior ou Balmain, a base dos modelos é uma questão de linha, buscando uma expressão original capaz de realçar melhor a anatomia feminina.

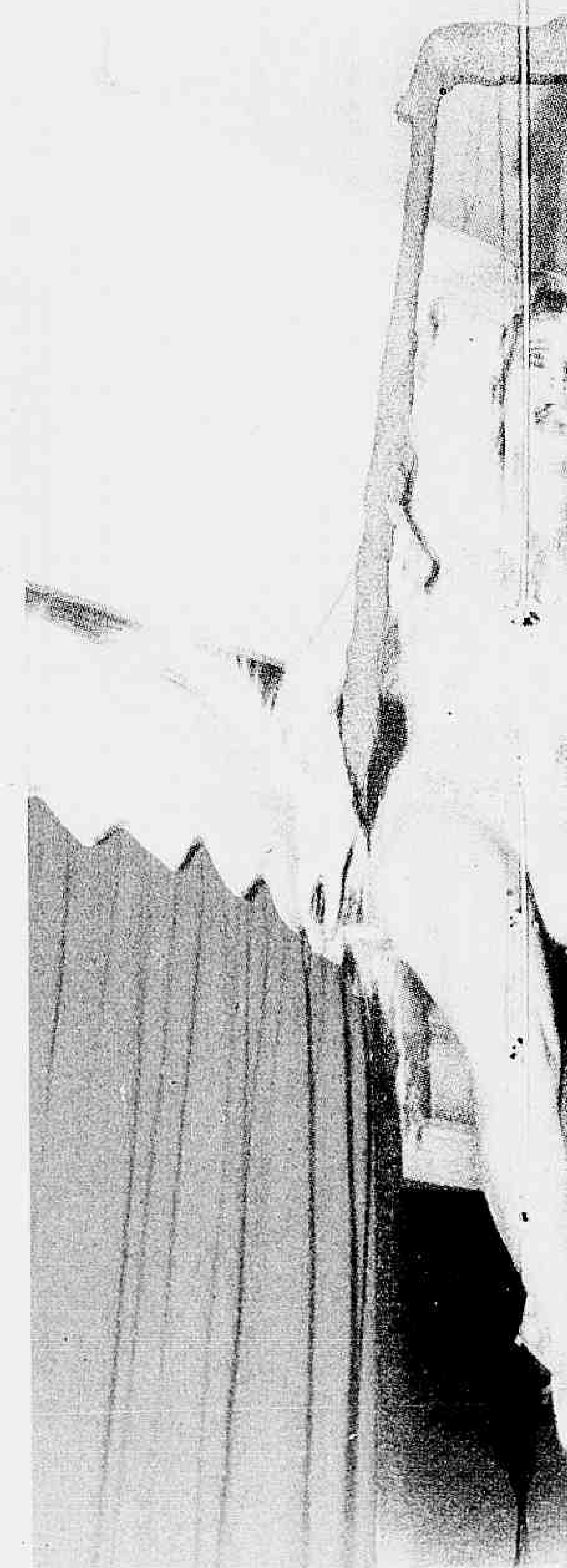
Em meio à disputa de repercussão internacional, incentivada pela publicidade, parece que tem muita razão o nosso paginador quando diz que tôdas as linhas são bonitas no corpo de mulheres de linha... De fato, a verdadeira linha de elegância depende fundamentalmente da linhagem anatômica da mulher.

Como nossas leitoras são tôdas belas e de muito bom gôsto ficam-lhe perfeitamente estas criações de Lauritzen Bern em tecidos próprios para o outono.

A NOVA LINHA DA ELEGÂNCIA







ELAS...
SEM OS GATOS







GATO mesmo não existe, mas inúmeros "bichanos" adoráveis como Carmem Verônica, Judy Clair, Rosemarie e outras que completam a equipe de beldades organizada por Carlos Machado para animar o "show" de Mário Meira Guimarães e Zilco Ribeiro, responsáveis pelas madrugadas divertidas do Casablanca. Zilco Ribeiro empresário, sucesso no teatro de revista e agora entrando firme no terreno do "show", encontrou em Mário Meira Guimarães um excelente produtor de "scripts", que escreve bem e sabe temperar piadas com sal e pimenta, em doses equilibradas, agradando a todos os paladares. "Nós, os Gatos", em cartaz no Casablanca, à base de sátira à moderna coqueluche dos cronistas sociais, tem graça e muito espírito, constituindo um bom espetáculo para quem vai esticar suas noites na "boite" da praia Vermelha. Nestas fotos estão alguns flagrantes delas (e dêles) sem os gatos. Na capa, está a Carmem Verônica muito vedete e um amor de garôta, aqui estão Judy Clair, Rosemarie Sulquer (no balanço e com o bailarino Agildo Ribeiro) e o cômico Norbert, que não tem aparência de gente bem, mas está muito bem no seu papel... (Fotos Alberto Ferreira).



FÁTIMA - Revelação dos três Pastôres

Por MÁRIO SALGUEIRO

(CAPITULO XVIII)

Desenho de RAMÓN

(Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA. Reprodução interdita no todo, ou em parte)

CONTINUAM os cânticos:

— Sôbre os braços da azinheira
tu vieste, ó Mãe Clemente,
visitar a lusa gente
de quem és a Padroeira.

E o côro:

— Ave, Ave, Ave, Mãe Celestial!

Junto à estrada aparece uma das quatorze cruzes de granito que formam a Via Sacra, até Fátima. Os peregrinos exultam de satisfação e ao mesmo tempo sentem-se atemorizados ante a aproximação do santo local.

Inicia-se a subida, cada vez mais íngrime. Ninguém no entanto dá por isso. Todos vão absorvidos nos cânticos e Terços.

FÁTIMA, FINALMENTE!

Fica para trás a última cruz da Via Sacra. Cantam os corações e sorriem todos os rostos. Finalmente, têm à sua frente o local das Aparições! A cova está totalmente tomada. Aglomera-se ali a grande multidão. Homens e mulheres do campo, com seus trajes regionais, comprimem-se contra senhoras, cavalheiros e crianças bem vestidas, que vieram das mais distantes cidades. Todos, com paciência, procuram acomodar-se da melhor maneira possível.

Aos poucos anoitece. Os últimos a chegar são os que vieram a pé e que portanto fizeram um percurso mais longo e difícil.

Anoitece totalmente. É completa a escuridão em Fátima, sòmente quebrada pela luz mortiça de uma ou outra casa de comércio, para a venda de comidas e bebidas, ou então pelo clarão diminuto das velas que os peregrinos começam a acender. A maior parte da multidão aglomera-se no larguinho junto ao pórtico do Santuário.

PROCISSÃO DAS VELAS

Aumenta cada vez mais o número de velas acesas. Todos os peregrinos, na mais perfeita ordem, procuram acercar-se da capelinha das Aparições. Continuam os cânticos e os coros:

— Ave, Ave, Ave, Maria!

Os alto-falantes dão ordem de comando, para a organização da procissão. Tudo pronto, inicia-se o deslocamento da longa fila de devotos que deverão ir pela ala esquerda da Cova, para alcançar o portão do Santuário e descer pela avenida central. Seguirão depois em frente e estacionarão finalmente em frente à escada da Basílica. O ato derradeiro dos que compõem a procissão é o lançamento das velas na fogueira-monstro que se forma diante da capelinha das Aparições.

No meio da multidão que compõe a procissão das velas, destacam-se estandartes de cetim, em côres vivas, pertencentes às confrarias religiosas.

Por fim, a imensa fogueira; ante ela todos estacam e entoando os últimos acordes do hino a Nossa Senhora de Fátima e tendo ainda nos lábios as derradeiras preces, lançam as suas velas e lentamente começam a dispersar-se.

HORAS SANTAS

Quase à meia-noite iniciam-se as «Horas Santas». Na capela da Penitenciária, grupos de homens e mulheres enrolados nas suas mantas e chales, pois já agora o ar é bastante frio, aguardam em silêncio a sua vez para confessar.

Se calha de chover, os pés de tôda aquela multidão afundam-se nas poças, pois o calçamento das ruas é péssimo. E, se à noite a brisa é fresca, durante o dia o sol queima impiedosamente. Nada no entanto parece atingir aquela gente, que ali permanece com a sua fé inabalável. Os peregrinos da cidade, habituados a todos os confortos, nada reclamam, ali, em Fátima, onde tudo falta. Os hotéis e hospedarias são bastante primitivos e muitas vêzes não há mesmo água para lavar o rosto pela manhã. No entanto, como o homem do campo, acostumado a êstes desconfortos, também o peregrino da cidade, durante três ou quatro dias em cada mês, permanece em Fátima, sem nada reclamar. Todos têm o pensamento voltado para o Céu e



pouco se importam com as privações por que os seus corpos estão passando.

Muitos peregrinos dizem:

— Não sinto nada, porque de tudo me esqueço. Não preciso de nada, porque tenho tudo: Nossa Senhora está ali, diz uma devota e gentil lisboeta, que em Fátima tudo dispensa e em Lisboa tudo exige, ela, elegantíssima, pintada e perfumada, quando, à tarde, desce o Chiado.

HORA SANTA

Seguindo-se o programa que é cumprido no dia 13 de cada mês na Cova da Iria, à noite, realizam-se as «Horas Santas». A primeira deverá ser dedicada a Portugal. Cada um dos peregrinos, concentrado em oração, relembra os feitos de sua Pátria e pede a Deus que lhe conceda sempre as Suas graças.

Num altar improvisado frente à capela da Penitenciária, o Santíssimo Sacramento fica em exposição durante tôda a noite. Através dos auto-falantes espalhados por tôda a Cova, os padres explicam os Mistérios do Têrço e depois são acompanhados nas orações pelos fiéis que ali permanecem, uns ajoelhados, outros sentados, mesmo no chão.

De cada vez com uma intenção particular, as «Horas Santas» sucedem-se, e prolongam-se por tôda a noite.

A VIGÍLIA DE LÚCIA

No convento das Dorotéias, em Espanha, Lúcia desperta repentinamente e logo seu pensamento se transporta para a Cova da Iria e prevê tudo o que ali está se passando. Também a ex-pastôra, mantém-se durante horas, à noite, em oração, pedindo pelos peregrinos que se encontram naquele instante em Fátima e pelos cristãos de todo o Mundo. Finalmente também ela é vencida pelo sono. Seus olhos, à semelhança do que acontecera já com muitos dos peregrinos fecham-se e ela adormece com uma prece nos lábios.

AMANHECE

Está terminada a noite de oração. Aos poucos amanhece na Cova e os primeiros raios de sol vêm alcançar aquêles corpos encolhidos que ainda dormem. No entanto, muitos dos peregrinos ainda permanecem ajoelhados, não são poucos os que se mantêm a noite tôda em oração.

Aproximam-se os que passaram a noite nas hospedarias e que dêste modo tiveram maior confôrto. Caminham também em direção à capela, homens e mulheres, acompanhados de crianças, que formaram seus acampamentos um pouco mais distante do local das aparições. Todos procuram padres e nos mais variados sítios, iniciam-se as confissões. Quando não há nem mesmo um banco, o sacerdote e o fiel sentam-se no chão.

Logo depois os padres descem a escada da Basílica e espalham-se, dando a Comunhão aos peregrinos que se ajoelham onde calha, sôbre pedregulhos ou poças de água, para receber a Nosso Senhor. Enquanto isso, prosseguem as missas e as comunhões.

A PRIMEIRA REFEIÇÃO

Uma vez tendo recebido a Comunhão, voltam os fiéis a espalhar-se pelos sítios mais próximos para comerem a primeira refeição do dia. Abrem cestos e embrulhos e dêles retiram pães, bolos e pedaços de carne, que repartem entre si.

Continuam chegando novos peregrinos. Cada vez se enche mais a Cova, já superlotada. Mas, sempre há lugar para mais um.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima é colocada sôbre um pedestal de pedra branca. Todos dela se aproximam para tocar-lhe com terços, ramos de azinheira e os mais variados objetos. Outros, entregam suas promessas em velas ou fazem ofertas de dinheiro.

COLORIDO DAS ROUPAGENS

Antero de Figueiredo nos faz uma interêssante descrição da massa humana que se reúne em oração no local onde se deram as Aparições. Diz êle:

«Conhecem-se pelas roupas, pela fala, pelos modos, pelo ar. Nas mulheres, domina a mancha do vestuário de côres graves, em que os lenços mais ou menos sombrios, os lenços mais ou menos castanhos, os amarelos mais ou menos ou menos torrados e ainda, os verdetes e os azêbres dizem com as blusas escurinhas; e as saias a puxar para pardo, não destoam. Os homens usam jaquetas de surrobeco, debruadas de prêto, coletes assertoados, de muitos botões negros que, como os da véstia curta, sobressaem na mescla cinzenta. Faixa preta, calças estreitas, de bôca de sino, e barrete de lã negra com debrum de carapinha. Nos campinos a carapuça é verde — salsa orlada de vermelho berrão. Queimados pelo sol, fortes arcas do peito ventiladas pelo ar da serra, da lezíria e do mar; corpulentos e espadaúdos; as pernas arqueadas no jeito que tomam os que montam desde rapazes; mãos de prêsa pelo uso da garrocha e de pampilho; arreganho no olhar destemido que tudo mede, tudo afronta e a tudo se decide tôda esta robustez de corpo e de vigor de ânimo para pegar touros bravos, esta afoiteza para encarar os lôbos de olhos em lume, ou arrojar-se às ondas do mar encapelado, se quebra, se torna meiga, e os transmuda em crianças, ante a peuena Imagem da Virgem de mãos postas e olhar sorridente, uma «menina do Céu», que lhes apetece, com sumo respeito, trazer ao colo!»

Mostrando a fé daquele povo nos milagres da Virgem e os sacrifícios que fazem aquêles milhares de peregrinos, para alcançarem as graças desejadas, é ainda o autor do livro «Fátima», quem nos relata êste episódio:

«Um rancho de nove poveiras gastou seis dias, a pé, da Póvoa do Varzim a Fátima, e outros tantos gastará, quando voltar à sua terra marítima. Doze dias a palmilhar pó ou lama!

— Sêmos para lá do Pôrto!

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

● Lúcia continua no convento submetida às mais rigorosas provas, incumbindo-lhe a Madre Superiora dos serviços e deveres mais rudes, todos cumpridos com obediência, humildade e dedicação. Manifestando o desejo de ser enviada para a África, Lúcia revela vontade de ser missionária, dizendo que gostaria muito de trabalhar pela salvação das almas, ensinando catecismo. Diante da negativa da Superiora, que não esclareceu os motivos, Lúcia resignou-se e disse: «Faça-se a vontade do Senhor...»

 LIGIA JUNQUEIRA

VARIEDADES

● POR QUE NOS RUBORIZAMOS? — Muitas moças ficam com o rosto côr de tomate por qualquer motivo, sentem a pele esquentar e a situação piora se procuram controlar essa manifestação. Encabulam. Outras se ruborizam quase sem o sentir. De qualquer forma, êsse é um fenômeno embaraçoso para aquêles que a êle estão sujeitos.

A ciência moderna fêz curiosas observações a respeito do «rubor», que interessarão as pessoas a êle sujeitas;

● POR QUE NOS RUBORIZAMOS? — Isso acontece quando os vasos sanguíneos se dilatam e só se verifica nas zonas da pele que não estão cobertas por roupa. Ruborizamos onde circula mais sangue, como no rosto. Ao invés, nas mãos, em que a circulação é menor, isso não acontece. A vermelhidão se estende até onde a pele esteja descoberta. Nas mulheres vai ao limite do decote. Como os homens se vestem mais, o rubor também se expande por menor espaço. Uma observação curiosa é que os nudistas quando se ruborizam, o fazem até a cintura! Em compensação, as mulheres de véu, do oriente, só se ruborizam na pequena parte descoberta.

Não é todo mundo que se ruboriza, uma quarta parte das pessoas não estão sujeitas a êsse fenômeno.



● SÃO MAIS PROPENSOS OS HOMENS OU AS MULHERES? — Ao contrário da opinião comum, estudos de estatística provaram que os homens se ruborizam muito mais que as mulheres.

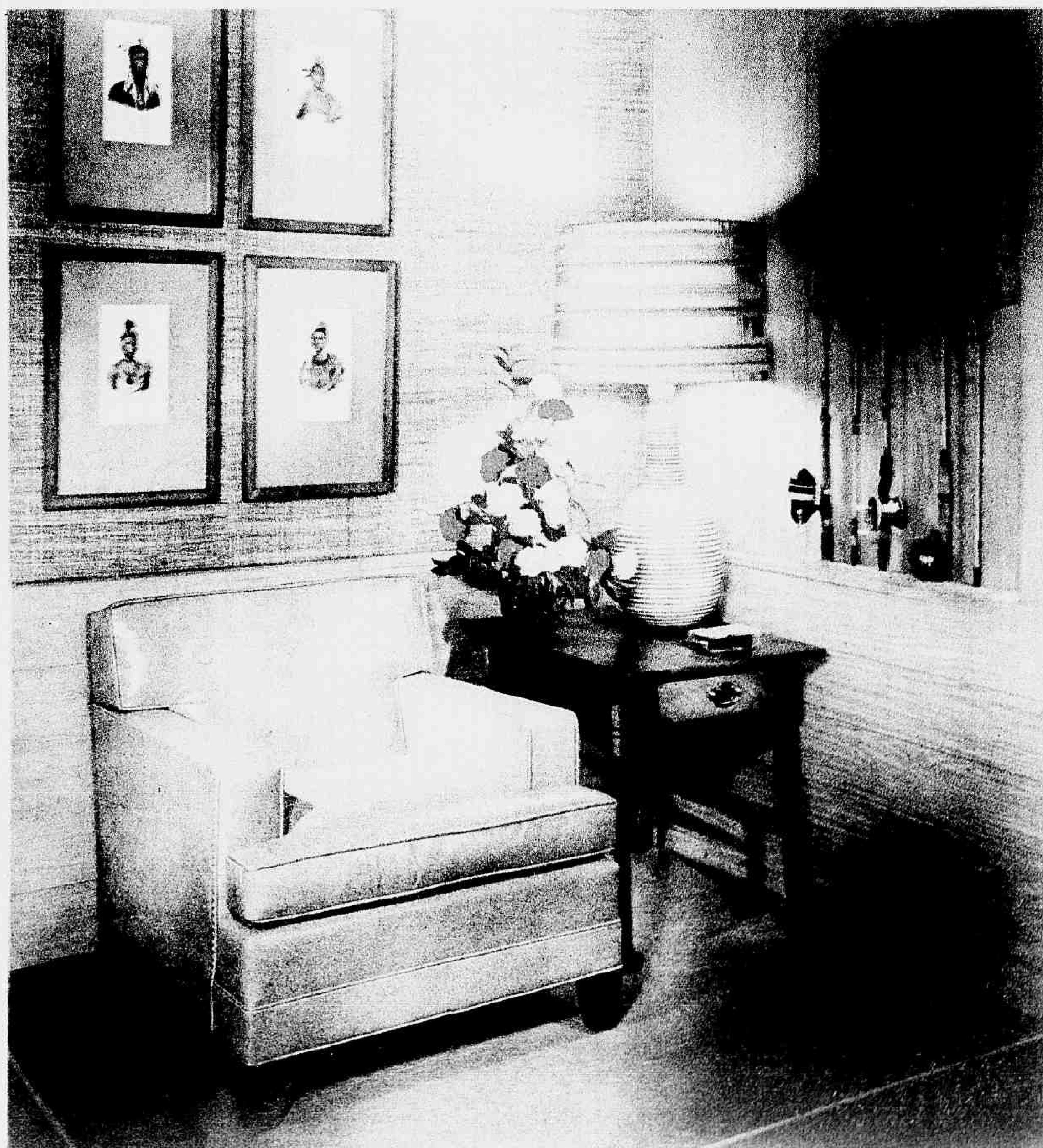
As crianças muito pequeninas, com menos de três anos e meio, não se ruborizam, e os velhos não ficam vermelhos, por muito envergonhados que sejam. O meio mais fácil de fazer uma pessoa encabular é caçoar dela. Sete, entre 10 homens, e 5, entre 10 mulheres, ficam logo vermelhos.

Dizem os psicólogos que as mulheres encabulam menos porque têm os nervos mais controlados e mais «aplomb»».

As crianças não se ruborizam porque tem melhor equilíbrio mental e emotivo, e ainda estão livres de complexos de culpa, falsa dignidade, falso pudor, etc.

Não sendo o rubor exageradamente freqüente, não indica tendência neurótica, nem outra doença mental ou física. Apenas significa «pouca confiança em si mesma».

O rubor pode ser corrigido com um tratamento adequado. Ainda que não seja uma doença, o médico psiquiatra poderá ajudar a pessoa interessada em curar-se a descobrir a causa fundamental que a faz ruborizar, ajudando-a a recobrar completamente a confiança em si mesma.



SUGESTÃO PARA O LAR

Está em moda a palha fina trançada. Para tudo: cortinas, abajurs, forros de cadeiras, tapetinhos para o chão e para os móveis. É um material leve, de limpeza fácil e apropriadíssimo ao nosso clima tropical.

Na ilustração vemos a palha trançada (muito fina, tipo Florença), usada como fôrro de parede, que, nas outras parte, é em táboas de madeira. Bonita associação.

A confortável poltrona em couro mostarda não destoa. Sôbre a mesinha um abajur em palha de várias tonalidades vivas sôbre trama de corda fina natural. Os apetrechos de pesca denunciam o «hobby» do chefe da casa.



WEEK-END NA COZINHA

O MILHO é um grão nutriente, custa pouco, e com êle se preparam pratos saborosíssimos, como êsse "milho de forno", que pode constituir o "prato forte" de uma refeição.

1 — Unte uma fôrma, que possa ir ao forno, com bastante manteiga.

2 — Misture 2 xícaras de grãos de milho cozido com 3 colheres das de sopa de pimentão picadinho, verde e vermelho.

3 — Arrume essa mistura de milho e pimentão, na fôrma, em camadas, alternadas com outras de farinha de miolo de pão com queijo (2 xícaras da mistura).

4 — Prepare um môlho com: 2 xícaras de leite; 2 colheres das de sopa de manteiga derretida; uma pitadinha de sal; uma colherinha de açucar; uma pitada de pimenta. Espalhe êsse môlho por cima da fôrma já arrumada.

5 — Asse em banho-maria, perto de uma hora e meia.

Com uma boa carne assada ou com peixe, estará completo o cardápio.

NOTINHAS ÚTEIS

CONTRA BARATAS, que infestam principalmente as cozinhas, faça isso: Misture ácido bórico e açúcar em partes iguais. Espalhe o pó ao longo das paredes, sob os armários e junto aos ralos. Basta para que desapareçam.

●

NÃO RASPE a cêra da vela, que escorreu pelo castiçal de prata ou de bronze. Ficarão arranhados. Em vez disso, derrame água fervendo sôbre os restos de cêra. Derreterão, sem deixar o mínimo sinal.

●

OS CASACOS DE PELES não devem ser escovados, com risco de partir e arrancar os pelos. Bata-os com uma haste de madeira que tenha uma bola na ponta. (Uma agulha grande de tricô, por exemplo, que você segurará pela ponta fina).

●

SE O FURO DA MEIA de lã é muito grande, será mais fácil serzi-lo alinhavando primeiro no buraco um pedaço de filó. Depois se tece com a lã no filó.

●

SE VAI GUARDAR O NOVELO DE LÃ ponha dentro do mesmo uma bolinha de naftalina. Ficará protegido contra as traças e baratas.

UM POUCO DE BELEZA



Terry Moore, estrêla da Paramount, deixa as sobrancelhas bem espessas, e bem compridas, que acentuam a sua juventude.

SOBRANCELHAS

● Se você tem o hábito de depilar exageradamente as sobrancelhas, deixando-as reduzidas a quase um fio, saiba que isso contribue para envelhecer sua fisionomia e dar-lhe um aspecto artificial.

Deixe que cresçam e apenas retire os pelos onde sairem do alinhamento natural, da linha ideal. Normalmente devem ser mais largas junto ao nariz, afinando para as têmporas. A linha em arco moderado é melhor do que a curvatura muito acentuada que a deixará com ar «espantado».

Mas... o principal é seguir a **direção natural**, porque só assim darão expressão à fisionomia. Algumas modificações discretas podem ser feitas, sem, porém, sair muito do traçado normal.

Assim:

★ Se tem o rosto redondo, evite curva muito acentuada, deixe as sobrancelhas apenas «levemente» arqueadas, e bem compridas.

★ Se tem rosto comprido evite sobrancelhas finas e angulosas. Prefira-as horizontais, e procure abaixá-las tirando os pelos superiores.

★ Um rosto quadrado requer sobrancelhas longas e arqueadas com suavidade. Evite-se a linha reta e muita espessura.

★ Para os rostos ovais sobrancelhas um pouco curvas nas pontas exteriores.

★ Se o rosto é pequeno afine as sobrancelhas e aumente a distância entre elas.

Qualquer dessas modificações deve, porém, ser feita discretamente. Acentue as sobrancelhas com lapis, se fôr preciso, em tracinhos leves e nunca com um traço único. Com uma escovinha esbata os traços, para dar-lhes maior naturalidade.



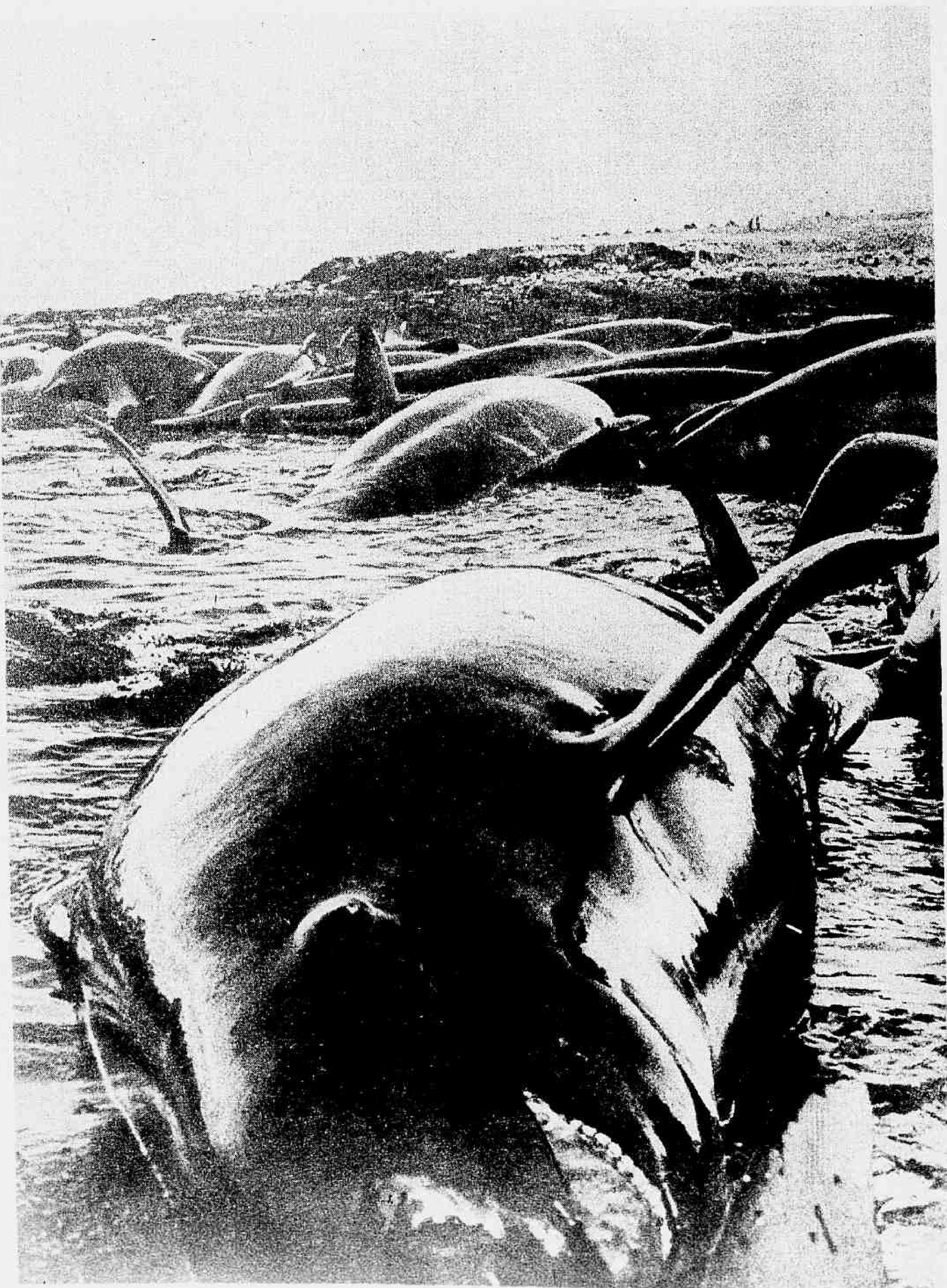
Por êsse Mundo de Deus

O EX-FUTURO REI do Egito, Fuad II, filho do ex-rei Faruk e da rainha Narriman, em virtude do divórcio do casal, está internado num colégio inglês, situado na pequena vila de Ouchi.

AS BALEIAS SUICIDAS que ficaram encalhadas em Westray, no arquipélago de Orcadi, ao norte da Inglaterra. Aos pescadores foi muito fácil a apreensão dos enormes mamíferos, quase sempre inacessíveis...



EDDA DE MARTIN foi eleita «a mais bela italiana da França» e se encontra agora em viagem de turismo pelo país. Foram muito felizes os julgadores do concurso. Ana é mesmo uma bela «ragazza».







ENTRE AS DUAS O CORAÇÃO BALANÇA é o que dirá qualquer pessoa de bom gôsto diante da Gina Lollobrígida e Sofia Loren, essas duas famosas italianas que disputam atualmente um renhido páreo de popularidade internacional. Sofia conseguiu um sucesso extraordinário no recente festival de Canes, segundo informações de cronistas que se dizem especializados em cinema e beldades internacionais. Mas Lolô não perdeu terreno para sua cordial adversária, apesar desta contar no momento com maior publicidade. Julgando pelas fotos, o redator destas linhas continua, irredutivelmente, torcendo pela Gina...



«DIÁLOGOS DOS CARMELITAS», em sessão especial, no Teatro Copacabana, foi assistida e aplaudida pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara e outras autoridades eclesiásticas.



BONS AMIGOS são o menino Billy Brown e o cão «Major», de Filadélfia. Embora não tenha cara de muitos amigos, «Major» é muito amigo de Billy e seu grande protetor.





O hasteamento da Bandeira Nacional deu início à cerimônia inaugural. Na foto à esquerda, o presidente Café Filho corta a fita simbólica, declarando aberta a grande Escola.

20 MILHÕES PARA 500 CRIANÇAS

ESCOLA JOCKEY CLUB BRASILEIRO ★ SORTE GRANDE PARA OS FILHOS DOS PROFISSIONAIS DO TURF

Reportagem de ADALBERTO MENDES

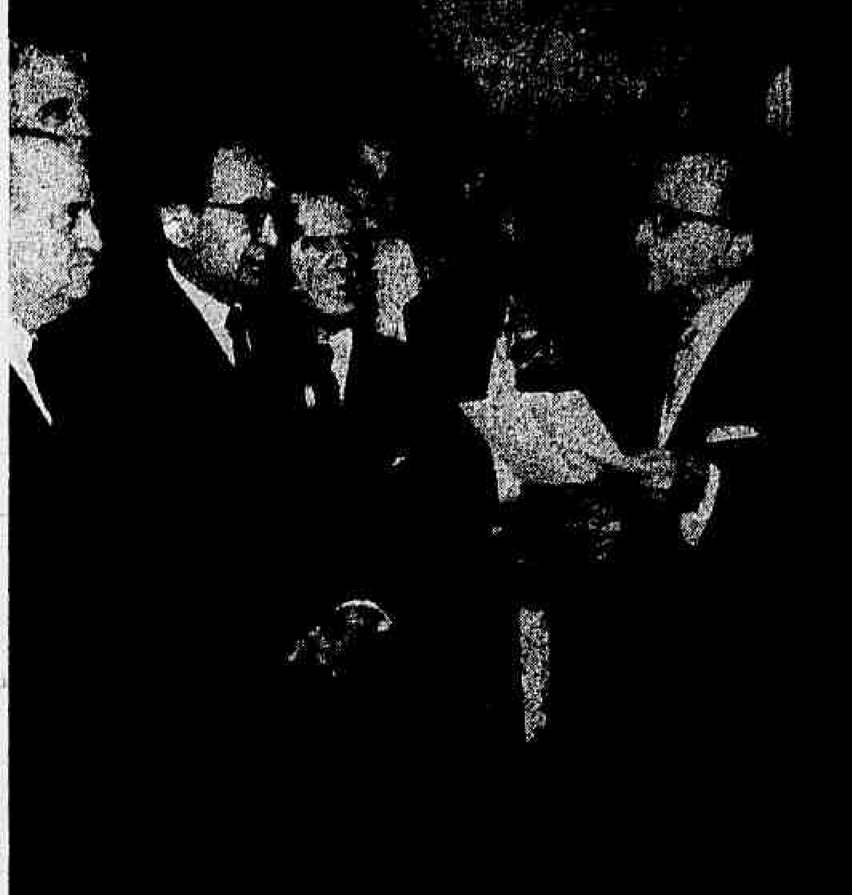
Fotos de ARNALDO VIEIRA



Hora do lanche no Jardim de Infância. A petizada delicia-se com a pura e gostosa merenda que está sendo servida.



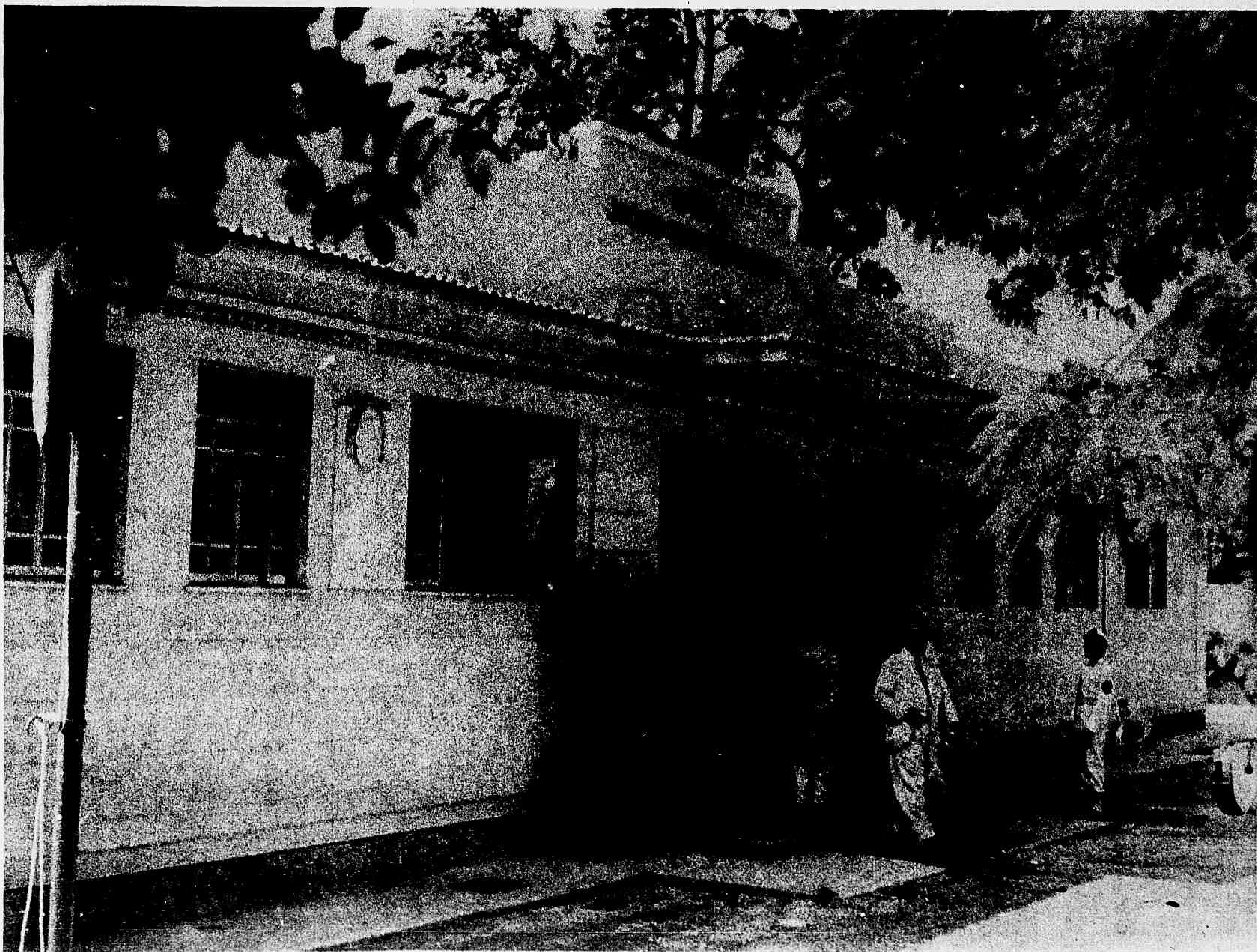
O presidente Café Filho colhe impressões com uma das alunas do Curso Primário, na sua demorada visita à Escola.



O presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, saúda o Chefe do Govêrno e os ilustres visitantes.

CÊRCA de quinhentas crianças tiraram a sorte grande na Gávea. Vinte milhões de cruzeiros foram gastos na melhor e mais completa escola primária do Brasil, e ali, engastada naquele cenário maravilhoso, ergue-se a maravilha que é a Escola Jockey Club Brasileiro, inaugurada festivamente no dia 10 do corrente mês. Cêrca de quinhentas crianças, filhos da numerosa família turfista carioca, têm o seu paraíso terrestre na monumental obra onde passarão os dias mais despreocupados e felizes com que poderiam sonhar. Terão essas crianças, inteiramente grátis, ensino primário precedido de jardim de infância e completado com o curso de admissão, todo o material escolar, uniformes inteiros, calçados e meias, assistência médica, dentária e farmacêutica, cinema educativo, canto orfeônico e **ballet**, aulas de educação física, de acordeon e de trabalhos manuais, e teatro infantil, corte de cabelos, instrução religiosa, biblioteca infantil, almôço e lanche. E no fim do curso, aos que mais se distinguirem, bôlsas de estudo para o ensino secundário. Um prédio de vastas proporções, modernamente construído e instalado em obediência aos mais rigorosos preceitos da pedagogia, da higiene e do confôrto, dá guarida a essa importantíssima realização do Setor de Assistência Social do Jockey Club Brasileiro, tantas vêzes benemérito e mais uma vez pioneiro das grandes causas de interêsse coletivo.

O presidente da República foi pessoalmente



A fachada do prédio da Escola Jockey Club Brasileiro não diz, na sua simplicidade, da grandeza interna das suas maravilhosas instalações.



O Bispo Coadjutor do Rio de Janeiro, Cônego Távora, procede à bênção do prédio e suas instalações. O sacerdote mostrou-se entusiasmado.

inaugurar a Escola Jockey Club Brasileiro. Visivelmente impressionado, S. Exa. nos disse: «E' uma obra que representa inestimável ajuda ao Govêrno. Que sirva de exemplo a outras organizações». O prefeito Alim Pedro assim falou: «Minha impressão é magnífica. Mas esta Escola não me surpreendeu, em face dos homens que estão à frente do Jockey Club». O ministro Alencastro Guimarães entusiasmou-se: «Estou encantado. E' uma iniciativa que deveria ser largamente imitada. O trabalhador precisa, acima de tudo, de facilidades para a educação dos filhos. Quanto mais educado um povo, mais capacitado está para a defesa das suas liberdades». O Cônego Távora, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, assim se expressou: «Eu não compreenderia uma instituição como o Jockey Club sem êste aspecto social que agora estou tocando com as minhas próprias mãos. A escola que acaba de ser inaugurada explica o espírito social dos atuais diretores do Jockey e eu os louvo pela iniciativa. Que êles continuem nessa linha de proporcionar bem estar social aos seus servidores».



A aluna está em doce enlêvo face ao cumprimento do Presidente. Assistem a cena os srs Luiz Gallotti e Mário Ribeiro.



Num brinde, os srs. Café Filho, Francisco E. Paula Machado, Luiz Gallotti e Mário Ribeiro; diretores do Jockey Club.



O presidente da República troca impressões com o sr. Francisco E. Paula Machado sôbre a grande obra ali inaugurada.

LITERÁRIA

CRÔNICA

PETRARCA MARANHÃO

ENTRE A LITERATURA E A SOCIEDADE



● A nossa ilustre Companhia, representada pelos quarenta imortais da Academia Brasileira de Letras, tem tido ensejo últimamente de renovar os seus quadros, devido ao número considerável de vagas que se tem verificado em seu seio. Nada menos de meia dúzia em menos de um ano, foi o que se viu recentemente. Depois do desaparecimento de Miguel Osório de Almeida, sucederam-se, pela ordem, os de Cláudio de Souza, Getúlio Vargas, Roquete Pinto, Celso Vieira e agora Ataulfo de Paiva.

Qual o critério adotado pela Academia para o preenchimento dessas vagas? O da escolha de homens de letras, na acepção da palavra, para as cadeiras que aguardam novo ocupante?

Não. As poltronas azuis recebem aquilo a que se convencionou chamar de expoentes, via de regra.

Não há dúvida, que de vez em quando, os acadêmicos admitem um autêntico poeta ou prosador, um filólogo, um sociólogo, um cientista ou um filósofo. Mas não é raro, antes bem freqüente, sofrerem êles a influência da política e até do mundanismo, quando não dos negócios, da alta finança, dos trusts industriais.

Mas, pergunta-se: — Estará certo êsse critério?

Representará êle, estímulo para os nossos legítimos ecritores e poetas, quando os beneficiados de outras classes e carreiras possuem também suas entidades específicas, igualmente consagradoras de uma atividade benemérita e triunfante ou apreciável e fecunda.

Não cremos, como também não crêem todos quantos se põem a observar o fenômeno da "teoria dos expoentes", critério até agora vitorioso na Academia. Se a Academia é de Letras, e não de Medicina, de Engenharia, de Ciências Políticas ou Militar, porque dar ingresso a ela, a individualidades que se caracterizam mais, pela sua atividade como médicos, engenheiros, políticos ou militares?

Os comerciantes, os grandes industriais, como por outro lado, os homens de sociedade, têm a sua esfera própria, seu campo de ação apropriado e não é preciso que invadam seara alheia. Essa impropriedade de colocação dos homens no Brasil, deslocados de seu lugar próprio, seja na Academia, seja na Administração, seja em quanta outra atividade prática, é responsável por muito prejuízo e por muito desajustamento na entrosagem de nosso maquinismo social.

E' observação já muito apontada e conhecida.

E' hora, pois, de nossa eminente Casa de Machado de Assis, aproveitar a oportunidade da renovação de seus quadros, para instilar sangue novo na instituição que já contou com tantos expoentes das próprias letras nacionais, e reajustá-las aos próprios destinos para os quais foi fundada por Lúcio de Mendonça, há mais de cinqüenta anos.

Poderá dessa forma exercer melhor sua missão, "ad imortalitatem", cumprindo de maneira mais feliz, seus altos e nobres destinos.

Poesia

ÚNICA

No turbilhão da vida cotidiana
Há sempre um rosto oculto de mulher.
Há no tumulto da existência humana
Alguém que a gente quis e ainda quer.

E numa sêde de paixão insana,
Cego e humilhado, aceita outra qualquer,
Mas, sem íntimo ardor, de alma profana,
Porque a alma uem acordará sequer.

E vão passando, assim, uma por uma,
Mulheres e mulheres, como vieram,
Sem depois despertar saudade alguma...

Pobre de quem, como eu, vê que, infeliz,
Teve tôdas aquelas que o quiseram,
Mas nunca teve aquela que êle quis!...

NILO BRUZZI

LIVROS RECEBIDOS:

«Contemplação de Ouro Prêto», de Murillo Mendes.

«Pequena bibliografia crítica de literatura brasileira», de Otto Maria Carpeaux.

«50 poemas», de Manuel Bandeira.

«Reinterpretando José de Alencar», de Gilberto Freire.

«Três conferências», de Sérgio Milliet.

«A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto», de Edgard Cavalheiro.

«Goeldi», por Anibal M. Machado.

«Evolução do conto brasileiro», de Edgar Cavalheiro.

NOTICIÁRIO

A EDITÔRA PIRATININGA lançará dentro de poucas semanas o novo romance de Paulo Dantas, «Purgatório», com ilustrações de Edgar Koetz e uma água forte de Aldemir Martins. Trata-se do segundo volume da «Trilogia Nordestina», iniciada em 1953, com a novela «Chão».

JOSÉ LINS DO REGO, ao que se propala, será candidato à vaga do sr. Ataulfo de Paiva, na Academia Brasileira de Letras.

O SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO do Ministério da Educação e Cultura, continua editando os seus cadernos, cujo número acaba de subir a oitenta.

A EDITÔRA VECCHI lançará dentro em pouco novas edições de sua especialidade, entre romances e livros de poesia.

ESTA MARCADA para a noite de 4 de junho, a posse do sr. Josué Montello na Academia, em substituição ao escritor Cláudio de Souza.

ORÍGENES LISBOA está recolhendo material para escrever uma história dos trovadores populares do Brasil.

O PEN CLUBE DO BRASIL vem cumprindo um extenso e intenso programa de realizações culturais, prometendo para breve novas conferências e representações de peças de teatro.

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS distribuirá no próximo dia 29 de junho, os prêmios literários do ano em curso, em solenidade na qual se homenageará a memória de Francisco Alves, o livreiro benfeitor da Academia.

TOMOU POSSE na Academia Carioca de Letras, o escritor Nelson Costa, também professor, que foi saudado pelo jornalista M. Paulo Filho.

O QUE ÊLES DIZEM

● SONHOS — De Nino Salvaneschi: «Custodia o teu sonho dentro de ti. Defende-o de um modo vulgar, superficial e vil. Não permitas que uma alma estrangeira atravesse as fronteiras dêste teu reino»...

● REALIDADE — Do que o sonho nada há mais perfeito. Tudo quanto é nobre pelo Sonho é feito: vem da realidade tudo quanto é mal! (Bastos Tigre).

● O DEVER — De Maria Sticco: «O dever, terra firme do nosso caminho: o sonho, asas de Ícaro.»

● VARGAS VILA — «E se absorviam naquela beatitude suprema da Vida! Os olhos nos olhos, as mãos nas mãos, subiam, na viagem aérea do Sonho, enquanto a Ilusão, essa grande embaladora de almas, lhes arrulhava suas canções divinas.»

● AMADO NERVO — «Eu era um cardo, que esperava uma mariposa...»

ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com o poeta Elmo Elton, autor de «Heráldicos» e do ensaio «O noivado de Bilac»)

1ª pergunta — Dos nossos escritores, qual dêles lhe parece o mais importante?

R. — É claro que Machado de Assis, sempre Machado de Assis.

2ª — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R. — Alberto de Oliveira. E mais Alphonsus de Guimarães, Vinicius de Moraes, Da Costa e Silva, Ascenso Ferreira, Aldemar Tavares, Henriqueta Lisboa. E outros, ainda.

3ª — E o nosso maior pintor?

R. — Pancetti. E depois dêle, êsse extraordinário e modestíssimo Prescilіano Silva.

4ª — Quais as suas leituras preferidas?

R. — Gosto de ler vida de santos. E a Imitação de Cristo é o meu livro de todos os dias.

5ª — Qual dos nossos escritores você gostaria fôsse membro da Academia Brasileira?

R. — Gustavo Corção ou, então, o esquecido, mas sempre sábio, Basílio de Magalhães.

6ª — Atualmente, onde desejaria morar?

R. — Aqui mesmo no Rio, com um sítio em Jacarepaguá, para ter plantação de gira-sóis e criar gatos.

7ª — Como gostaria de morrer?

R. — Religiosamente, entre livros e flôres, sem necrológios, com 90 anos incompletos.

8ª — Está satisfeito com o êxito de seu livro «O noivado de Bilac»?

R. — Satisfeitíssimo, por dois motivos: primeiro, porque o livro agradou literàriamente; segundo, porque o editor conseguiu vender, em menos de três meses, para mais de 3.000 volumes...

9ª — Você tem outro livro a publicar?

R. — Tenho as «Recordações de uma Família de Poetas», já em mãos de Simões dos Reis, que com elas pretende inaugurar em sua editôra, a coleção «Documentos de Família».



10ª — No momento, qual a sua maior ambição literária?

R. — Escrever contos e teatro para crianças.

CAIXAS DE INSPEÇÃO



A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62 64
FONES: 28-2591 E 48 4807

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BANCAS DE PIA



A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62 64
FONES: 28 2591 E 48 4807

SUÍÇO
e famoso no mundo inteiro



RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

JÁ BENEFICIOU MILHÕES DE BRASILEIROS..



Biotonico FONTOURA

Três gerações atestam a eficácia do Biotonico Fontoura. Grandes médicos o recomendam. Milhões de brasileiros já foram beneficiados por êsse fortificante quando, por excesso de trabalho, de estudo, ou numa convalescença, se sentiram fracos, debilitados, sem energia, sem apetite, sem entusiasmo. Para recuperar o apetite, a energia, a saúde, aprenda a lição de 3 gerações: use o Biotonico Fontoura.

PREFIRA o tamanho gigante, onde cada dose custa menos, e que vem acompanhado do folheto "Jéca-Tatuzinho" de Monteiro Lobato. Peça-o, ainda hoje, à sua farmácia... porta aberta para a saúde do povo!

Êstes são os 10 pontos vitais que Biotonico Fontoura lhe oferece:

1. *Sensivel aumento de pêso*
2. *Levantamento geral das fôrças*
3. *Desaparecimento do nervosismo*
4. *Aumento dos glóbulos sanguíneos*
5. *Eliminação da depressão nervosa*
6. *Fortalecimento do organismo*
7. *Maior resistência para o trabalho físico*
8. *Melhor disposição para o trabalho mental*
9. *Agradável sensação de bem-estar*
10. *Rápido restabelecimento nas convalescenças*

Biotonico FONTOURA — O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

SOMBRAS HUMANAS

(Cont. da página 25)

tisfeito. Sim, Jacinto eu pintarei mais exageradamente. Farei dêle um revolucionário. E agora talvez meu romance fique mais excitante, farei Jacinto ser um líder, um verdadeiro condutor de massas. Mostrar-lhe-ei que tenho capacidade. Jacinto ficará surprêso quando vir sua neurastenia colhida no meu estilo e depurada de tal maneira a transtornar sua amarga revolta em lúcida ideologia, que o distinguirá na massa como líder. Que sucesso. Dentro de dois meses, no máximo três. Começarei hoje sem falta.

Meu expediente da tarde termina. Vem até aos meus ouvidos o bimbalhar do sino da igreja. As estrêlas piscam, como se assopradas pelo vento.

Lá está minha casa. Mas, o que será que houve para tanta gente estar aglomerada ao portão. Aproximo-me e vejo entre os outros o rosto falso de Didi, que me olha enviezado e sorri como no cinema. Passa por mim seu Gumercindo arrastando o avental manchado de tinta de sapato. A vizinha Mafalda está atenta na sua perspicácia de linguaruda. Procuro entrar, já estou nervoso, presumindo uma desgraça. Mamãe e Justina me agarram, chorando. Ouço minha mãe dizer na sua voz pesada:

— A pulícia prendeu Jacinto pruque diz que êle é pulítico e tá inventando greve na fábrica.

Por isso não posso iniciar meu romance agora.

ROUPA BRANCA ALVÍSSIMA

● A alvura imaculada de tôda a roupa de CÔR BRANCA é um PROBLEMA SUPERADO graças à descoberta de REISOL, o novo produto que dá alvura inigualável.

Experimente e verá, pedindo à Marvic Ltda. Rua Rio Bonito, 622 — São Paulo, 1 caixa com 1 dúzia de saquinhos ao preço de propaganda de 90,00 que dão para 300 quilos de roupa. Vale a pena!

GALO (DE BRIGA) CARIJÓ



Aos quarenta e quatro minutos finais da peleja, após receber um passe de Ubaldo, Joel consegue o tento da vitória. Com êsse gol o Atlético Mineiro conquistou o seu primeiro tri-campeonato, pelo qual vem lutando há mais de vinte anos. Foi muito justo o delírio dos «carijós».

NOVO TRICAMPEÃO MINEIRO

DELÍRIO DE VINTE ANOS — UM VETERANO, NUM QUADRO DE JOVENS, DÁ O PRIMEIRO «TRI» AO ATLÉTICO — DESVANTAGEM DE VINTE PONTOS SUPERADA PELA «RAÇA» CARIJÓ — TRICAMPEONATO, SORTILÉGIO ATLETICANO — CAMPEÃO INVICTO DOS CAMPEÕES — ATLÉTICO 48, O MAIOR TIME DE TODOS OS TEMPOS — CAFUNGA, O ABNEGADO — OSVALDO, UM ESPETÁCULO À PARTE.

Reportagem de HYNENNY FERREIRA

● BELO HORIZONTE —

A torcida mais dedicada, mais entusiasta, mais fiel e de mais «raça» da cidade delirou (usando uma expressão típica da terra), por mais de três minutos seguidos, quando o veterano Joel, ex-companheiro do «mestre» Ziza nas hostes bangüenses, superando de maneira espetacular ao guardião Geraldo II, da equipe cruzeirense, marcou, aos 44 minutos da sensacional peleja (4ª da série) ATLÉTICO versus CRUZEIRO, o segundo (e último) «goal» alvinegro, justamente aquêle que daria ao clube «carijó» o tão almejado (e fugidio) título de tricampeão mineiro, depois de persegui-lo por quase vinte anos consecutivos. E a conquista dêsse título, diga-se de passagem, surgiu de modo excepcional.

Tentemos, com os subsídios fornecidos pela imprensa diária da capital mineira, reconstituir o grande feito da equipe alvinegra.

RECEITA PARA UM «TRI»

O campeonato de 54, de acôrdo com novo regulamento, seria decidido de uma maneira deveras diferente das anteriores. Assim é que, a conquista de cada turno assegurava ao seu vencedor 10 pontos para as finais que indicariam campeão aquêle que obtivesse 25 pontos. Em que pese haver jogado 9 partidas com o Cruzeiro (em três turnos), com nítida margem de vitórias, o Atlético apenas se sagrou campeão de um turno. Em contraposição, seu adversário totalizou vinte pontos, com o cetro de dois turnos. Bastava à equipe celeste uma vitória nas finais, para que o tricampeonato continuasse sendo, apenas, um sonho atleticano. Os «galos», contudo, não se descuidaram: modificaram sua direção técnica, contratando o orientador uruguaio Ricardo Diaz, que, pondo em prática sua teoria de que futebol é jôgo de gente nova, rearticulou por completo o esquadrão alvinegro. E quando as partidas decisivas tiveram início, foi aquilo que se viu: o Galo era todo sangue, fibra, coragem, amor à jaqueta listrada e, acima de tudo, vontade férrea de vencer. Nas quatro partidas jogadas com o Cruzeiro, não perdeu uma sequer. Venceu com autoridade, como um verdadeiro tricampeão.

Estava, assim, quebrado o «tabu».

Galo (de briga) carijó novo tric



Zé do Monte, que durante muito tempo estêve nas cogitações do Fluminense desta Capital, continua em plena forma integrando o quadro do Atlético Mineiro. Suas atuações contribuiram muito para as vitórias do Atlético.

SUA EXA., O «TABU»

Nenhum outro quadro mineiro perseguiu tanto o título de tricampeão como o Atlético. Começou, pràticamente, lá pelos idos de 1936, quando o clube carijó arregimentou, segundo os saudosistas, um dos maiores esquadrões de todos os tempos, e que venceu o certame oficial de ponta a ponta: Cafunga, Florindo e Quim; Zezé Procópio, Lola e Bala; Paulista, Alfredo, Guará, Nicola e Rezende. Foi por essa ocasião que veio o torneio dos Campeões do Brasil, disputado, como se sabe, pelo Atlético, Fluminense, Portuguêsa de Desportos e Rio Branco, campeões respectivos de Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. O Atlético venceu (por contagens elevadas) seus três adversários, conquistando, invicto, o Torneio entre os melhores quadros brasileiros. Temido por todos, mesmo assim foi o Siderúrgica quem levou o título de 37. Em 38-39, contudo, o cetro voltou para Lourdes. Quando o quadro arrancou para a conquista do título de 40 (que seria o de tricampeão, casó vencesse), surgiu o Cruzeiro e atrapalhou tudo. Muitos dos jogadores de 36 ainda se encontravam no clube, entre êles Cafunga, Florindo, Quim, Bala, Nicola e Rezende.

O Atlético, no entanto, não é um time que se deixe abater pelos reveses sofridos, tanto assim que em 41-42 voltou a dominar. Montou uma equipe de grande classe e ganhou o bicampeonato de modo excepcional: invicto nas duas temporadas. Formou com: Cafunga, Ramos e Evandro; Cafifa, Hemetério e Bigode; Hamilton, Baiano, Tião, Nicola e Rezende. Em 43, porém, o quadro caiu assustadoramente, perdendo o título de campeão para o Cruzeiro, que viria a ser nos dois anos seguintes o novo tricampeão mineiro, juntamente com o Vila Nova, que o fôra em 33-34-35.

O Galo não podia fugir ao sortilégio.

Veio 46, e com êle uma ascendência notável da equipe carijó. Surgiram valores como Barros, Xavier, Mexicano, Nívio e Monte. Murilo pontificava na zaga. Campeão nesse ano, bem como no seguinte: novo bicampeonato, glória para Félix Magno, técnico de então. Agora era tentar o «tri». Em 46, excursionando pelo sul do país, alcançou brilhantes vitórias, sendo de se destacar a obtida frente ao Coríntians, no próprio Pacaembu. Em 48, com o fabuloso time — talvez o melhor de tôdas as tentativas — integrado por Mão de Onça (Cafunga), Murilo e Ramos; Mexicano, Afonso (Monte) e Carango; Lucas (Braguinha), Lauro, Carlyle, Lero e Nívio, naquele agitado cotejo (decisivo) com o América, a marcha dos «galos» foi destruída pelo alviverde.

E lá se foi, uma vez mais, o decantado «tri».

Em 49-50 os alvinegros voltaram à liderança do futebol montanhês, sendo que em 50 realizaram outra proeza de grande vulto: foram à Europa e, em pleno inverno, fizeram vibrar o povo do Velho Mundo com a alta categoria do futebol apresentado. 51 chegou, e com êle o desejo imenso do «tri» ardorosamente sonhado. Depois de um certame disputadíssimo, na partida final foi o Vila o vencedor. Novo «tri» por terra...

Em 52, porém, voltou o Atlético a brilhar, e, sob a orientação de Yustrich, reconquistou a supremacia do futebol mineiro. Findo o certame, Yustrich foi afastado da direção técnica do time, cabendo ao jovem Martim Francisco, no ano seguinte, orientar o plantel atleticano. Mantendo a mesma estrutura do quadro formado pelo ex-defensor do Flamengo, Martim Francisco conduziu o Atlético a um novo bicampeonato. Com êsse resultado, os «galos» tornaram-se bicampeões pela quinta vez. Como conseqüência de um choque interno criado pela diretoria Mário Gomes, verificou-se o afastamento do técnico Martim Francisco. Urgia encontrar-se outro treinador, sendo escolhido Ondino Viera, que levou o Atlético a vencer o primeiro turno de maneira regular. Nos dois turnos posteriores, porém, foi baixa a produção da equipe. Como resultado dessa atuação medíocre, venceu o Cruzeiro as etapas seguintes. Deu-se o movimento contra Ondino e a conseqüente vinda de Ricardo Diaz para a direção técnica do quadro. A essa altura, era grande a vantagem da equipe celeste, que, numa série melhor de três, bas-



Flagrante da torcida mais valente de Belo Horizonte, que lotou o Estádio Independência. Tôda essa massa delirou com a conquista do tri-campeonato.

ampeão mineiro

tava vencer uma vez para ser a campeã de 54. Veio a série, e o alvinegro demonstrou que em verdade é um galo, mas um «galo de briga» mesmo, vencendo três partidas (2x0, 3x0 e 2x0) e empatando uma (1x1). Com êsses resultados, sagrou-se o Atlético tricampeão mineiro.

Estava por terra o sortilégio.

DADOS ESTATÍSTICOS

Na campanha de 54 foram lançados pelo Atlético nada menos de 27 jogadores, sendo de se destacar, pela sua peculiaridade, na meta (4 goleiros), a presença do veteraníssimo Cafunga, por 4 vêzes; na zaga, Afonso (29 vêzes) e Osvaldo, que tomou parte em todos os encontros da sua equipe (30); a intermediária sofreu uma série de mudanças em sua estrutura, sendo que o ataque formou com mais de 15 jogadores. O quadro campeão de 54, que garantiu o primeiro tricampeonato ao Atlético, formou com: Sinval, Afonso e Osvaldo; Geraldino, Monte e Haroldo; Ubaldo, Gastão, Joel, Tomazinho e Amorim.

PASSEATA DOS TRICAMPEÕES

A torcida «carijó» a maior e a mais aguerrida de Belo Horizonte, veio tôda à rua, dias depois, para fazer um verdadeiro carnaval, pela conquista do tricampeonato pelo Atlético.

Desde cedo notava-se um grande reboliço nas ruas centrais da cidade, sendo que às 21 horas, quando se iniciou o grande desfile dos alvinegros, já se encontrava completamente lotado o trecho que vai desde a Praça Rio Branco, em frente à Feira de Amostras, até às imediações da Prefeitura Municipal. Abrindo a passeata, vinha à frente a Escola de Samba Nacional, seguida de um carro alegórico, em cima do qual iam os jogadores atleticanos.

Registre-se que a cidade jamais teve espetáculo igual. Não foi só a torcida «carijó» que saiu à rua. O povo, de um modo geral, foi ajudá-la a consagrar os seus ases. Foi uma festa que fugiu aos domínios do esporte para interessar tôda a cidade.



Êstes são os tricampeões das Alterosas, que venceram três das quatro partidas decisivas. Em pé, da esquerda para a direita, Diaz (técnico) Osvaldo, Haroldo, Zé do Monte, Geraldino, Afonso, e Sinval; mais à frente, na mesma ordem, Tomazinho, Joel, Ubaldo, Gastão e Amorim.



O Atlético, durante o campeonato, teve muitas formações, sendo rearticulado pelo técnico Diaz, superando, assim, de maneira espetacular, as deficiências técnicas apresentadas nos dois primeiros turnos de 54. Na foto, em ordem decrescente, os «galos carijós» do futebol mineiro: Sinval, Monte, Haroldo, Afonso, Geraldino, Tomazinho, Osvaldo, Joel, Amorim, Ubaldo e o técnico.



Logo depois da partida decisiva os jogadores foram carregados em triunfo pela torcida «carijó». Houve um verdadeiro carnaval em Belo Horizonte.



Juntando ao seu pedido de livros êste anúncio Qualquer que seja o valor de sua compra, você receberá uma carteirinha de fósforos para sua coleção contendo

UM NÚMERO COMO ÊSTE

que lhe dará direito a um prêmio no valor de Cr$ 3.000,00, em livros, se o número da mesma, coincidir com o 1º Prêmio da Loteria Federal de 22 de Junho do corrente ano

Na Livraria Freitas Bastos você encontra a mais completa coleção de livros sôbre qualquer assunto.

DIREITO — ENGENHARIA
MEDICINA — ARTE
LITERATURA EM GERAL
FIGURINOS ETC.

CARTA PATENTE 180 DO "LAR FELIZ"
PEDIDOS PELO REEMBÔLSO

LIVRARIA FREITAS BASTOS
LARGO DA CARIOCA — C. POSTAL 899

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 55,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.
EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

A **CENA** MUDA

UMA ÓTIMA REVISTA DE CINEMA

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

—//—

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Dona Maria I, Rainha de Portugal, faleceu em:
— **Paris?**
— **Lisboa?**
— **Rio de Janeiro?**

2—Lupa é o outro nome do seguinte instrumento:
— **Barômetro?**
— **Termômetro?**
— **Microscópio?**

3—Maria Leczynska foi espôsa do famoso:
— **Napoleão Bonaparte?**
— **Luís XV?**
— **Luís XIV?**

4—Franklin Delano Roosevelt nasceu na cidade de:
— **Washington?**
— **Hyde Park?**
— **Los Angeles?**

5—O autor da ópera «O Barbeiro de Sevilha» foi:
— **Rossini?**
— **Verdi?**
— **Bizet?**

6—Rotterdam é o principal pôrto de que país:
— **Estados Unidos?**
— **Inglaterra?**
— **Holanda?**

7—Júlio Roca foi Presidente da República Argentina:
— **Uma vez?**
— **Duas?**
— **Três?**

8—Diego Rivera tornou-se famoso como:
— **Escultor?**
— **Pintor?**
— **Político?**

9—O Barão de Rio Branco nasceu no ano de:
— **1790?**
— **1845?**
— **1880?**

10—O romance «Quo Vadis» foi escrito por um:
— **Alemão?**
— **Inglês?**
— **Polonês?**

11—Quixadá é o nome de uma cidade do Estado do:
— **Piauí?**
— **Ceará?**
— **Maranhão?**

12—O poeta português Antero de Quental morreu:
— **Assassinado?**
— **Suicidou-se?**
— **Acidentado?**

13—«O Escaravelho de Ouro» é um conto famoso de:
— **Eça de Queiroz?**
— **Edgard Allan Poe?**
— **Humberto de Campos?**

14—Pitu é também o outro nome de:
— **Camarão?**
— **Bacalhau?**
— **Caranguejo?**

15—Que clube de futebol é também conhecido como «galo carijó»:
— **Botafogo Futebol e Regatas?**
— **Atlético Mineiro?**
— **Palmeiras, de São Paulo?**

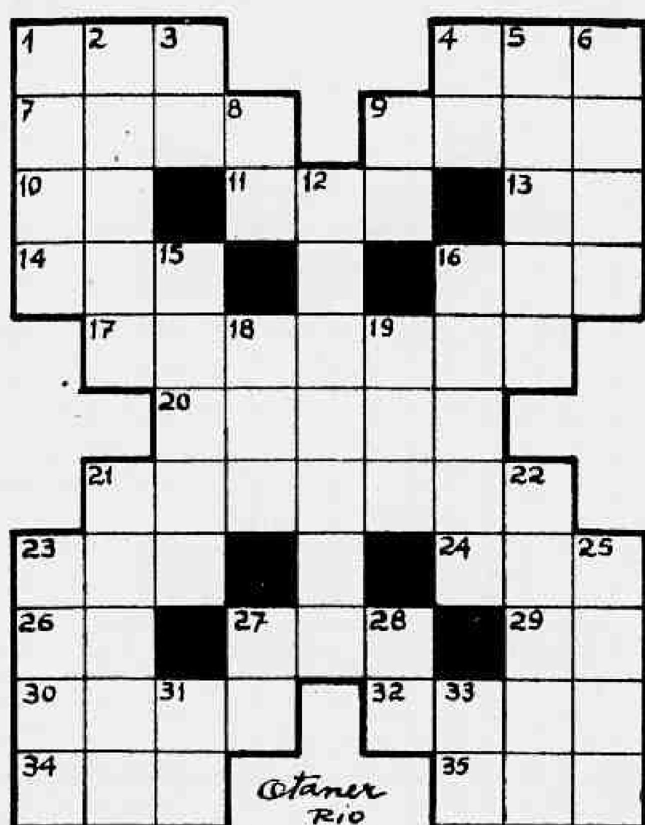
CLASSIFICAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior; — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — No Rio de Janeiro; 2 — Microscópio; 3 — Luís XV; 4 — Hyde Park; 5 — Rossini; 6 — Holanda; 7 — Duas vêzes; 8 — Pintor; 9 — Em 1845; 10 — Polonês; 11 — Ceará; 12 — Suicidou-se; 13 — Edgard Poe; 14 — Camarão; 15 — Atlético Mineiro.

PALAVRAS CRUZADAS

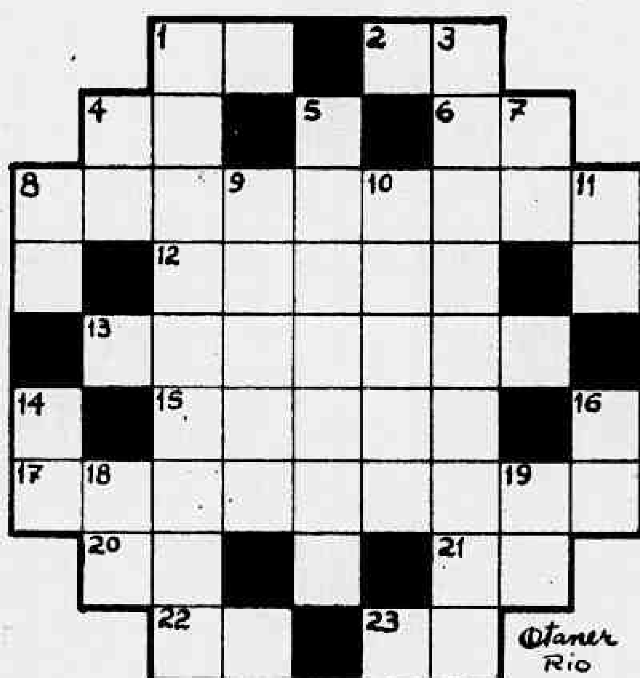
PROBLEMA Nº 68



PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Espírito de terebintina — 4. Afluente do Reno — 7. Feito de bronze — 9. Ainda — 10. Nota musical — 11. Indígena de antiga tribo pernambucana — 13 Antiga moeda romana de cobre — 14. Cachaça de mau gôsto — 16. Dó sustenido na nomenclatura alemã — 17. Que nunca esquecerá — 20. Árvore da família das Ulmáceas (pl.) — 21. Símio do Amazonas — 23. Interjeição designativa de admiração, ironia — 24. Povoação da Dinamarca — 26. Terceira letra do alfabeto árabe — 27. Mentira — 29. Sufixo verbal — 30. Plano de telhado — 32. Joelho — 34. Espécie de goma — 35. Série de coisas.

VERTICAIS: 1. Armadilha — 2. Nome de mulher — 3. Nota musical — 4. Prefixo designativo de negação — 5. Vedeta — 6. Cidade da Arábia — 8. Símbolo do lutécio — 9. Andava — 12. Formo mau juízo — 15. Cabo náutico — 16. Raça — 18. Cartel — 19. Reboque — 21. Bom agasalho — 22. Gasto — 23. Joeirar — 25. Lucro — 27. Nota musical — 28. Aparência — 31. Só — 33. Sufixo designativo de ocupação.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Batráquio — 2. Interjeição de admiração — 4. Estuda — 6. Sufixo designativo de autor — 8. Puseram; empregaram — 12. Fragrância — 13. Um dos cinco continentes — 14. Estacai — 17. Um tanto amarelo — 20. Símbolo da prata — 21. Laço apertado — 22. Artigo plural — 23. Isolado.

VERTICAIS: 1. Clarão resultante da descarga elétrica entre duas nuvens — 3. Relativo ao poeta latino Horácio — 4. Tecido finíssimo como escumilha — 5. Acontecer, sobrevir — 7. Símbolo químico do rádio — 8. Aqui — 9. Secar ao vento — 10. Amieiral — 11. Terceira nota musical — 14. Ali — 16. Pedra de Moinho — 18. Perversa — 19. Pena, compaixão.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 67

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: muro — atas — Iros — urna — Orne — Raul — pacaranas — erê — Sla — ilidi — lar — til — agitadora — miso — iris — pama — aias — amor — loro.

VERTICAIS: míope — urrar — ronceirismo — Oséa — aura — transitório — anual — salsa — ruira — lampa — agiam — iriar — lasso — toar — dial.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: iam — línguas — aa — ré — A. C. — aam — rã — medidores — ar — ser — na — as — dá — merecer — ira.

VERTICAIS: in — agradecer — mu — laceram — ia — ar — serenar — ama — ais — mor — asa — Sé — de — ri — cá.

MUROS DIVISÓRIOS
A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

TANQUES PARA LAVAR ROUPA
A. COSTA MENDES & CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

NÃO SOFRA POR GÔSTO...
A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando
REGULADOR SIAN
Indicado nas dismenorréas

BANCO DO COMÉRCIO S. A.
O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 174.486.055,30
SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8968
End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633
AGÊNCIAS METROPOLITANAS
AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.
AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★
si V. tem automovel é freguêz da M.I.L.
TELEG. MEMIL 98-A RUA MEXICO RIO DE JANEIRO 98-A FONES 22-6144 42-5563 52-1066

CAIXAS DE GORDURA



A. COSTA MENDES
& CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.


BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



BOLOS ARTÍSTICOS

Mme. IRACILDA, aceita alunas e encomendas de BOLOS, DOCINHOS E SALGADINHOS, para Festas em Geral. Preços convidativos: Queiram telefonar fazendo suas encomendas pelo Tel.: 25-9230. Rua Ferreira Viana, 59, apto. 312 — Flamengo.

POSTES



A. COSTA MENDES
& CIA. LTDA.
RUA BENEDITO OTONI, 62/64
FONES: 28-2591 E 48-4807

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 28 de Máio de 1905

CARTAS DE UM TABARÉU

Compadre — *Rio, fins de Máio*

● *Sabbado passado, quando já impressa a Revista, houve festas promovidas pela Municipalidade destinadas a commemorar melhoramentos effetuados pelo actual prefeito. Uma verdadeira loucura: lançaram nada menos de duas pedras... porque não acharam mais á mão, felizmente!*

Digo felizmente, meu querido compadre, porque as pedras não offenderam a ninguém pois uma era a angular do Theatro Municipal e outra dita, idem, do Palacio Prefeitural.

Terminada a folia cá embaixo na cidade velha, zarparam todos para Botafogo, para apreciarem os melhoramentos da respectiva práia, que sofreu verdadeira metamorphose. E o presidente, seu compadre, gostando da folia, lá ia sorridente, satisfeito, como se vivesse para ouvir discursos laudatórios, jogar pedras, digo, lançar pedras fundamentais e deslumbrar-se diante da bella Botafogo. Sua Excia. estava tão contente que não parecia presidente nem nada.

o°o

● *Depois do capitão Magalhães Costa, o Ferramenta ahi está para librar-se também nas alturas. O povo accorreu ás duas ascenções do primeiro e, é muito provável, que o mesmo faça com o segundo. Eu, meu bom compadre, iria também no balão, se este navegasse assim á altura do estrado de bond, porque, quando houvesse receio de qualquer accidente apeiava-se. Mas lá em cima, onde não há onde a gente ponha os pés ao saltar, nunca, não é o filho de meu pae que se mette em semelhante alhada.*

Tu sabes que nunca fui desses arrojos, dessas fumaças... e o que te posso garantir é que no meu batalhão forma tanta gente que não é mais batalhão, é povo que não é graça seu compadre.

o°o

● *Prossegue o Jornal do Brasil em sua campanha acerca do fechamento das portas ás sete horas da tarde. Patrões e Caixeiros encontram nas columnas do popularíssimo, campo neutro onde expender suas idéias a respeito e, valha a verdade, tem-se sahido galhardamente da campanha que parece sympathica. Sou a favor do fechamento, apezar de notar que a cidade fica fúnebre, triste, desconhecida quando o commercio fecha. Que queres, compadre, os rapazes do commercio desejam descançar e eu penso que sem descanço ninguem pode viver, não achas? Dahi concordar com o fechamento, deplorando embora o estado em que ficará a cidade. Se fosse possivel descançarem os caixeiros e ficar aberto o commercio, que bello, hein, seu compadre!*

Amigo e compadre — BERMUDES.

SUPLEMENTO SPORTIVO

● **TURF**

Domingo último não houve corridas nesta Capital e em São Paulo tendo sido transferido para hoje o programma organizado pelo Jockey Club Paulistano, do qual faz parte o Grande Prêmio Campos Salles.

●

Adquirido pelo Stud Rio, chegou do Rio Grande do Sul, o lindo e desenvolvido poldro zaino Marion.

●

É muito provável que também figurem na exposição de animaes de dois annos, promovida pelo Jockey Club Brasileiro, duas potrancas de 3/4 de sangue, nascida em Juiz de Fora e filhas do cavallo inglez Donavan. Pertencem ambas ao sr. João B. Lins de Vasconcellos.

●

O sr. coronel Bento Monteiro possue nesta Capital a poldra de dois annos Jandyra II, producto do seu estabelecimento pastoril no Rio Grande do Sul.

●

Confirma-se a notícia de haver sido adquirido em Buenos-Ayres, para o nosso turf, o cavallo São Lourenço, filho de Amianto.

● **FOOT-BALL**

Botafogo versus Petropolitano.

Realizou-se domingo no campo do Botafogo Foot-Ball Club um encarniçado match entre os teams do Petropolitano Foot-Ball Club e daquella importante sociedade. A victoria coube ao Botafogo, que fez um goal a zero.



NERO FLUMINENSE — Destruir: Destruir: sim, mas hão de ver o resultado. Palácios, teatros, dispendiosos não contesto, mas belissimos. E as casas para operários? Mau é que apenas me dêm tão pouco para isso e tanto para aquilo! E' defeito da minha esmeralda; não aumenta, diminue...

THEATROS

Representou-se no Recreio Dramático a hilariante comédia Temperança, Regabofe & Companhia, original de Gebbins, traducção de Cunha e Costa. Esta peça, que trouxe as melhores referências da imprensa ingleza e da portugueza, quando representada em traducção no Gimnasio, subiu aqui à scena pela primeira vez. É uma comédia fina, bem urdida, cheia de situações divertidas que prendem a atenção do espectador e provocam a maior hilaridade. Lucinda Simões teve os dous principaes papeis, os quaes desempenhou com encanto e arte.

●

A companhia José Ricardo ainda tem em scena o interessante vaudeville «Os Velhos Gaiteiros», no mais franco successo.

●

O Casino e a Misen Moderne continuam a apresentar aos seus habituès programmas novos e interessantes.

●

«A Musa dos Estudantes», a opereta cômica, creação do sr. Cunha e Costa, redator do Jornal do Brasil, presentemente em Lisboa, versos de Machado Correa e música do maestro Del-Negro, representada com successo no Apollo, pela companhia Taveira, foi o grande clou theatral da semana transacta.

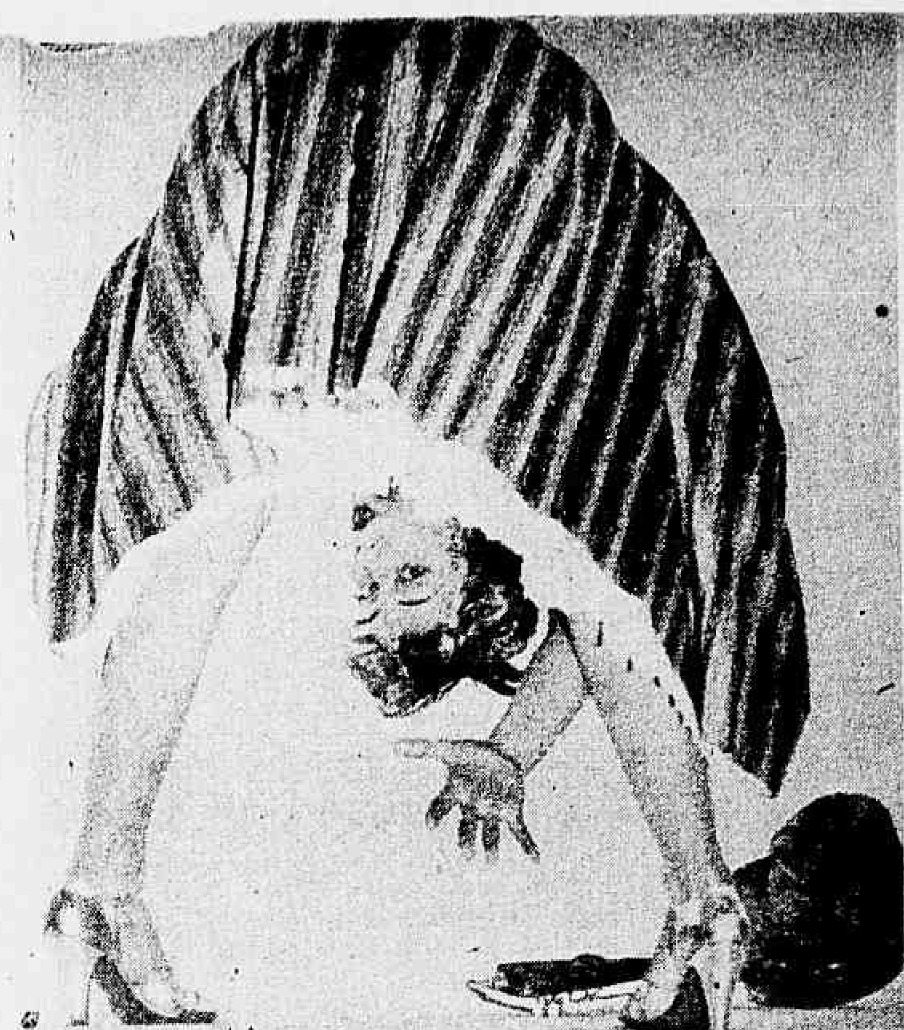
REVISTA DA SEMANA



Estátua do Marechal Floriano Peixoto, inaugurada, há poucos meses, na Praça Tiradentes, de Curitiba, Paraná, por iniciativa do capitão dr. Joaquim Ignacio Baptista Cardoso.

A MÚSICA TAMBÉM COMBATE A OBESIDADE

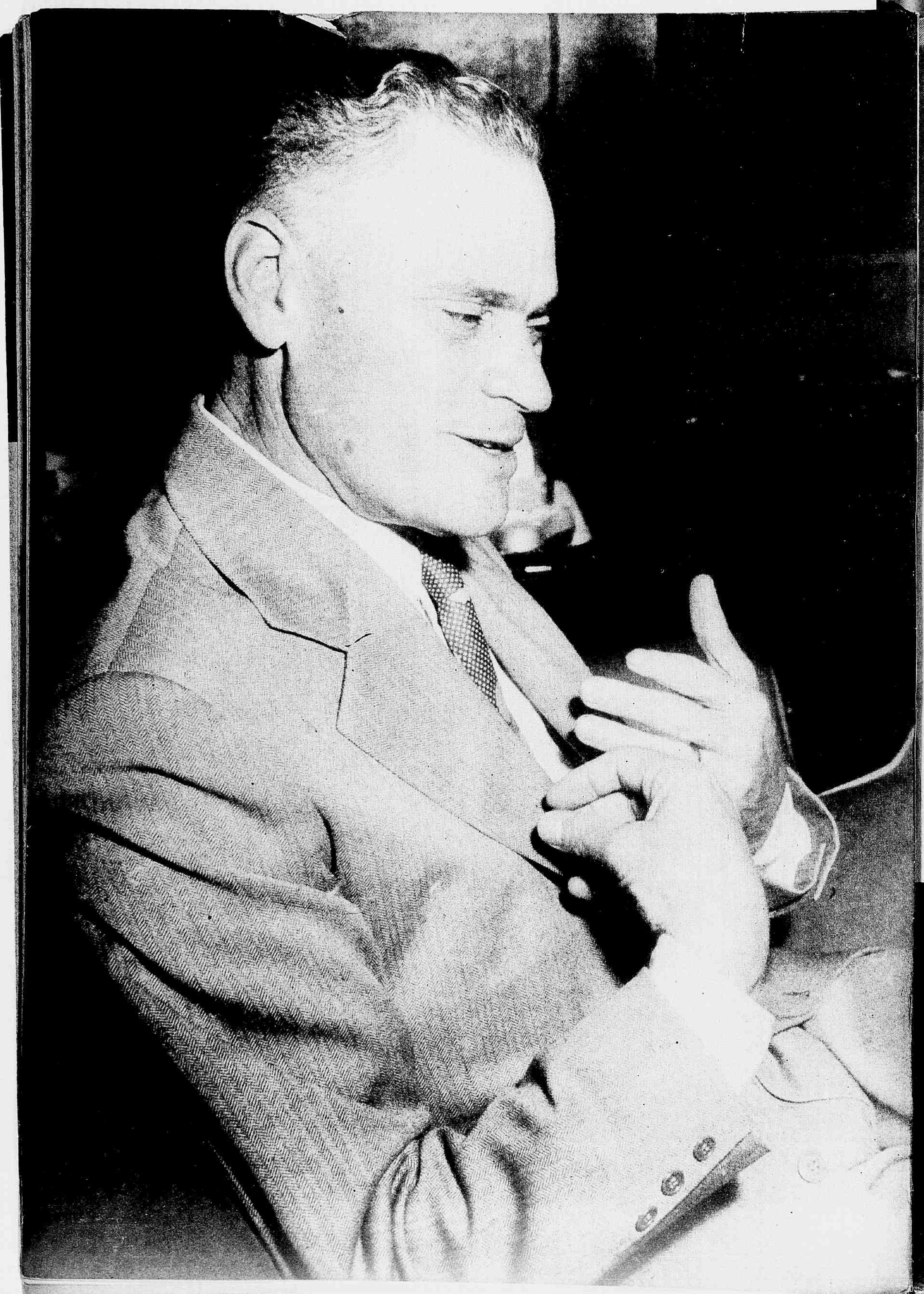
ANNIE CORDY, A "BETTY HUTTON" FRANCESA, ENSINA COMO SE PERDE 25 GRAMAS EM CADA CANÇÃO.







DURANTE uma exibição de duas semanas no Moulin-Rouge, a cantora fantasista Annie Cordy perdeu trezentas gramas em doze canções. O fantasma da obesidade que apavora muitas damas do mundo inteiro pode perfeitamente ser vencido com o original e divertido regime da famosa «Betty Hutton» francesa. Depende apenas de cada canção ser interpretada com a mesma trepidação, o mesmo ritmo alucinante de Annie Cordy, verdadeira atleta da canção gaulesa... Os números de Annie ficariam muito bem no repertório das Peters Sisters que, depois do uso de mais ou menos 20 mil canções, conseguiriam tornar-se pêso pluma



24 HORAS ANTES DA ENTREVISTA COLETIVA NA ABI:

REVELAÇÕES (exclusivas) DE JUAREZ TÁVORA

À REVISTA DA SEMANA

— Poderia dar a cada um dos quesitos dêsse questionário, uma resposta imediata e com isso teria satisfeito a sua e a curiosidade dos seus leitores. Não ficaria, porém, satisfeito comigo mesmo. É evidente que tenho para cada um dêsses problemas uma idéia formada e conseqüentemente uma opinião para as respectivas soluções. Isso não importa em dizer que, uma vez eleito, possa dar-lhes exatamente essas soluções. Tudo dependerá não, exclusivamente, da minha vontade, mas das circunstâncias em que se forem sucedendo êsses e outros temas. Democràticamente, não pode o executivo impor e fazer prevalecer a sua vontade, sem levar em consideração os pareceres de seus auxiliares imediatos, desde que os mesmos constituam uma equipe no sentido largo e preciso da palavra, equipe de elementos técnicos, especializados e distribuídos pelas múltiplas esferas de ação. Vive o Executivo em função dessa colaboração mútua, supervisionando-a e dando-lhe a necessária ordenação. Do Presidente da República se exige o equilíbrio dessas fôrças que com êle operam; e desde que seja homem por sua vez



Tenho sofrido mais nestes últimos trinta dias do que durante tôda a minha vida agitada de homem público e revolucionário.

Para evitar promessas de candidato que o Presidente, mais tarde, não pode cumprir, adiou algumas respostas ★ Reatamento das relações comerciais com a União Soviética e a China Continental: Em princípio, Juarez é favorável. Mas será praticável a medida? ★ Princípio cristão: dividir pelos que precisam, o que sobeja dentro de casa ★ Pedro II, Nabuco, Rio Branco e Mauá, entre os maiores do Império ★ Tivesse a República homens da mesma têmpera! ★ Campos Sales, o Presidente que recuperou as finanças e mais tarde quase foi escorraçado ★ Mudança imediata da Capital Federal ★ Rio, talvez (novamente) a capital do Estado do Rio de Janeiro ★ De bem com a própria consciência e disposto a despertar a consciência nacional ★ Ressurreição em 1955 do Tenente Juarez Távora de 1922, com os cabelos brancos e a serviço do Brasil vindouro ★ Uma carreira militar encerrada e uma campanha de redenção nacional em início.

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

"Não houve fôrças subterrâneas ou internacionais agindo contra os Códigos de Minas e de Águas. A sabotagem (existem sabotadores!) está dentro do país."





"Participei de cinco revoluções. Tôdas de baixo para cima. Jamais contribuiria

equilibrado, em dia com os fenômenos do país, conhecedor profundo das suas realidades, esclarecido e compreensivo, poderá administrar e dar conta da sua tarefa com eficiência. Eu poderia dar-lhe sumàriamente, as respostas que me pede, usando a linguagem que mais direta e satisfatòriamente chegasse ao povo. Isso seria fácil e cômodo para o candidato à Presidência; mas, quem me garante que mais tarde, no Executivo, pudesse manter todos êsses projetos e tudo realizar de acôrdo com o que agora estivesse pregando? E se os fenômenos decorrentes da ação do tempo, me impusessem caminho diferente? Estaria faltando à minha palavra, obrigado por um dever de lealdade a confessar o meu engano anterior. Ou, do contrário, teria agido em função de pura demagogia que não é do meu feitio e pelo qual jamais pautarei as minhas ações. Não é meu o pensamento, mas a êle me adapto, quando diz que ter idéias é fácil; realizá-las é que resulta difícil. E, acrescentarei, realizá-las o seu autor, ainda mais. O homem que alimenta um ideal e tem oportunidade de pô-lo em prática, sofre bastante quando, ao tentar fazê-lo, esbarra em imprevistos e sutilezas inesperados, e está disposto a não transigir. O mais leve contratempo, a contingência de modificar, no mínimo pormenor, a idéia mestra, o faz torturar-se — o que já não acontece quando a mesma idéia é executada por terceiro. Sem estar vinculado à origem, isento da afeição mais profunda da paternidade, o executador pode mais fria e eficientemente, talvez, levar a têrmo a missão, segundo a sua linha fundamental e a ela se apegando até vê-la convertida em realidade.

Pois é êsse o drama do candidato honesto quando, mais tarde, já govêrno, observa que fatôres imponderáveis, com os quais jamais havia contado, o inibem de corporificar o seu plano de trabalho, na íntegra, rigorosamente fiel ao que havia planejado ao estudar cada problema. Eis porque deve governar-se com a colaboração de uma selecionada equipe. Não me considero um tabu, mas um cidadão democrático que deseja a colaboração dos moços. E para que servem os Ministérios, senão para agirem unificados, sob o contrôle geral da Presidência? Mas se os Ministérios se divorciarem entre si, atuando distintamente, como tem acontecido, daí resultará essa inevitável confusão, êsse entrechoque de rumos, paradoxalmente dentro do mesmo corpo de govêrno. Daí também o desperdício de energias preciosas, a desassociação de tarefas que deveriam ser paralelas, em obèdiência a um plano centralizado de ação para darem o rendimento que se esperava.

Outra razão me impede, no momento, de responder a alguns dos seus quesitos: Minha candidatura, ainda no potencial, foi apoiada por três partidos, com os quais ainda não me articulei em detalhes. É óbvio que tanto o PDC, quanto o PL e o PSB se reservam o direito de suas opiniões próprias sôbre problemas em equação. Com êles irei trocar impressões e, justamente porque tudo obedece a um genérico espírito de democracia, essa consulta resulta imprescindível. Quem sabe se no curso da mesma, novos elementos de análise me serão proporcionados, capazes de modificar o juízo que formulo neste instante? Agindo dêsse modo, estarei coerente com o que já disse: não deve continuar a prevalecer a vontade exclusiva e dominante de um Presidente — ou mesmo candidato — mas, democràticamente, deve êle acatar a colaboração de terceiros. Uma vez govêrno, deve mais — ir buscar seus colaboradores onde se encontrarem, desapaixonadamente, convocando-os para a imensa tarefa de trabalhar pela causa comum da Pátria, sem olhar a partidos nem mesquinhas conveniências políticas. É a ausência dêsse espírito o que muito tem contribuído para a situação dramática a que chegamos, nesta hora de tantas desilusões.

RELAÇÕES COMERCIAIS COM A UNIÃO SOVIÉTICA E A CHINA CONTINENTAL

E prossegue o General Juarez Távora:

— Veja, por exemplo, esta pergunta: «Que pensa do reatamento das relações comerciais com a União Soviética e a China Continental?» Fácil seria responder sumàriamente o que penso: Em princípio, sou favorável a essa decisão. Mas — pergunto-me — no curso do meu govêrno poderia reatar êsses contactos embora puramente comerciais? Por diversos motivos, inclusive o de ordem econômica, e até mesmo por um princípio de sentimento cristão, penso que, se há de sobejo um determinado produto, não deve ser desperdiçado, mas encaminhado para outros povos que dêle careçam. Quem nos diz, porém, que o reatamento daquelas relações, não obrigaria a criação de outros problemas? Impondo — por exemplo — a instalação de novos consulados, através dos quais fôssem infiltrados germes da propaganda soviética. Chegando-se a essa conclusão, é óbvio que, independentemente da minha opinião favorável ao reatamento de tais relações comerciais, acabaria preferindo manter a atual modalidade, que nos permite a colocação dêsses mesmos produtos excedentes, nos países aludidos, por intermédio de outros mercados com os quais transacionamos sem maiores complicações. Veja que, nessa hipótese, estaria eu faltando à promessa agora feita, ou, na pior hipótese, a desmentir um parecer talvez precipitadamente hoje formulado. Porque, repito, tudo depende de oscilações muitas vêzes inesperadas que alteram a fisionomia dos problemas, ou de mais aprofundado exame. Êsse é apenas um exemplo. O mesmo pode acontecer com tantos outros assuntos e problemas.

OS TRÊS PARTIDOS APOIARIAM ETELVINO?

— Admitindo-se que de maneira alguma V. Exa. aceitasse a sua candidatura, os PDC, PL e PSB apoiariam o sr. Etelvino Lins?

— A resposta só poderia ser dada pelos respectivos partidos. Acredito, entretanto, louvado em informações que me foram dadas, que o primeiro jamais daria êsse apoio, indo até ao lançamento de um candidato próprio. E tenho razões para acreditar que outro tanto sucederia com o PSB — talvez ainda em relação ao PL. Mas, repito, a resposta não poderia ser dada por mim.

O TELEFONEMA DE AFONSO ARINOS

— Por que, quando o sr. Afonso Arinos telefonou a V. Exa. pedindo sua concordância para que seu nome fôsse lançado, não pediu uma dilatação de prazo para responder?

A pergunta não surpreende ao general. Êle a esperava; e resoluto, mantendo a atitude franca que presidiu a esta entrevista, respondeu de olhos fitos e sobranceiros nos do repórter, a mão espalmada no tampo da mesa:







para outra em sentido inverso — esmagando e anulando o Brasil e os brasileiros."

— É tempo de esclarecer êsse detalhe que tanto tem facilitado a acusação de uma atitude dúbia e, por que não dizer, de covardia. Pois a verdade é esta: não concordei no lançamento do meu nome por uma combinação partidária, em abril, porque atendi ao apêlo de dois eminentes amigos. Foi, primeiro, o governador Cordeiro de Farias, que me desaconselhou a prosseguir nos entendimentos, alegando que, nas circunstâncias criadas, nem com o apoio do sr. Etelvino Lins eu poderia contar. E o seu próprio apoio, só me poderia ser dado sob a condição de renunciar ao govêrno pernambucano. Claro que não lhe iria impor êsse sacrifício. Depois, fui procurado pelo brigadeiro Eduardo Gomes, aconselhando-me a interromper aquelas tentativas, e em se tratando dêsse ilustre patrício, não tive a menor dúvida em aceder e o fiz de ânimo erguido, com absoluta franqueza. Senti, depois, que o objetivo da pacificação não fôra colimado e o panorama das candidaturas, pelo contrário, mais agitado ficava. A realidade de uma análise a fundo me convenceu de que, na pessoa do sr. Etelvino Lins, não estavam substanciados os fatôres para anular outros candidatos indesejáveis, nem haveria fôrça propulsora para aglutinar a maioria do eleitorado, imprescindível para o afastamento do perigo de uma solução extra-legal. E fiz, então, o meu exame de consciência, que me levou a aceitar os apelos que de várias fontes me chegavam. Se êles eram assim intensos, então é porque a nação não estava, por forma alguma, satisfeita com o candidato lançado pela UDN. E dentro dessa ordenação de idéias, pressenti o risco, dia a dia maior, em que incorreria o regime vigente. A verdade (o general faz brandir o punho fechado sôbre a mesa) é que tudo resvalava para o que menos poderíamos desejar — para a solução extra-legal, para o golpe! Hoje, amanhã ou depois, êle viria, fomentado, ardilosamente, por detrás de palavras que só em aparência se revestiam de intenções pacifistas. O golpe disfarçadamente preparado até por aquêles que à sua sombra viveriam mais acomodados, e, acreditando não existir uma solução viável dentro da lei, desde logo se preparavam adesivamente à extra-legal.

Nessa altura, o general vibra de indignação e revolta. Suas mãos crispam-se, seu olhar é fuzilante, êle sente a necessidade de um desabafo à nação e o faz com desassombro, num ímpeto de franqueza maior:

— Foi essa a dolorosa conclusão a que cheguei e me levou a mudar de atitude e a aceitar o lançamento, em maio, da candidatura rejeitada em abril. Para muitos fui o traidor, o impatriota, quando em verdade fui o crucificado, e sabia de antemão que êsse destino me esperava. Dizer que houve covardia naquele gesto, é negar a evidência dos fatos: será covarde o homem que, ao assumir por conta própria e exclusiva, uma resolução dessas, dela vai dar conta em pessoa, face a face, àqueles com quem, até à véspera, agitara a questão? Foi o que fiz, ao proclamá-la dentro da própria casa do sr. Etelvino Lins e na presença das mesmas pessoas com quem anteriormente o assunto fôra examinado.

— Agiu então por conta própria, exclusiva, sem a influência de terceiros?

— Agi depois de observar acuradamente o panorama que se oferece, pois foi êle o que me convenceu da necessidade de imolar-me à candidatura que não era da minha vontade. Tivesse o sr. Etelvino Lins a substância necessária para anular outras candidaturas que nos ameaçam de um recuo ao caos — e jamais a autorizaria. O que me induziu foi pura e simplesmente a minha consciência. Com ela estou em paz, ainda quando se deturpe a intenção do meu gesto que, Deus o sabe e disso é testemunha, representa um sacrifício penoso. Nada nem ninguém influiu nessa decisão e dela assumo a responsabilidade; não houve injunções, nem catequeses. Houve a imposição da minha consciência, de homem que há trinta e seis anos dá o melhor de si mesmo pela Pátria e que não quer voltar a viver um 24 de agôsto, o dia mais tormentoso da minha existência, acreditem ou não.

NO TEMPO DO IMPÉRIO

Nem tôda a nossa palestra de hora e meia focalizou assuntos de atualidade. Em dado momento, esta pergunta foi feita ao general Juarez Távora:

— Quem julga a maior figura de estadista do Império?

— Veja que também essa pergunta exige estudo e não sou homem para dar respostas precipitadas. Acho, porém, que o Império foi muito mais favorecido de bons estadistas do que a República. Tivéssemos, hoje, a abundância de homem de remarcado caráter, patriotas íntegros, de magnífica austeridade para dar cumprimento aos seus deveres! Poderia citar Nabuco, mas seria injusto com tantas outras figuras, a começar pelo segundo imperador, que, digam o que disserem, foi um homem consciente de seus deveres por êle exercidos com critério e sabedoria. No campo econômico, é que não tenho a mais leve sombra de dúvida em apontar Mauá.

O MELHOR PRESIDENTE

— E qual o maior Presidente da República que o Brasil já teve?

— Sem tempo para uma análise rigorosa, de modo geral portanto, quero lembrar Campos Sales, pela obra de recuperação econômica e financeira a que se entregou — para sair do govêrno quase escorraçado...

A MUDANÇA DA CAPITAL FEDERAL

— Que pensa da mudança da Capital Federal?

— Tenho, nesse particular, uma opinião formulada e decisiva, que não pode sofrer contestação. Sou francamente a favor da mudança, mas sem demora, incontinenti, o mais breve possível. Considero a deslocação da capital como um dos alicerces para a salvação do país, por tôdas as razões, para atender a múltiplos aspectos e sob qualquer ponto de vista. Não há duas maneiras de examinar o problema.

— Predominam acaso, as conveniências de estratégia militar?

— Essas justamente as que formam à retaguarda. Prevalecem, sim, os motivos de ordem política, econômica e social. Minha passagem pela chefia da Casa Militar, permitiu-me ver como é difícil levar adiante uma tarefa a sério, sob a pressão dos próprios elementos internos. Muito se deixa de fazer pressionado pelos políticos, até portas a dentro do Catete, que fazem prevalecer seus supostos direitos e perturbam a boa marcha de salutares realizações. Bastantes dêsses elementos atravancadores, são con-

JUAREZ TÁVORA

siderados, aqui fora, homens do melhor estofo e de alta dignidade política. Lá dentro, servem de tropêço, sob as injunções de seus interêsses imediatos. Pois tudo poderá sanar-se com a transferência da capital para o local já escolhido. Sei que ainda êste ano o Marechal José Pessoa fará divulgar o seu projeto de localização exata e desapropriação da área necessária à execução dessa medida tão útil. Na Casa Militar, tive ocasião de instar com o Presidente Café Filho, para que uma emissão fôsse feita, no montante daquela desapropriação e que atinge a cem milhões de cruzeiros. Meu parecer foi declaradamente favorável, porque jamais a emissão ocasionaria um ônus para os cofres públicos. Em última análise, o que poderia acontecer era a não transferência da capital. Mesmo assim, dois ou três anos mais tarde, a área desapropriada por cem milhões, estaria fatalmente valorizada no duplo ou triplo dessas cifras.

— Acredita que a transferência da capital para o planalto de Goiás possa dar-se a curto prazo?

— Não acredito, tenho certeza, e em espaço de tempo menor do que muitos esperam. São os interêsses da nação que estão reclamando essa medida.

— E o Rio?

Levanta-se o general para responder mais de frente:

— Bem, o Rio é que não poderá continuar a manter certos aspectos que êle sustenta à custa dos cofres federais. Lamento muito se estas palavras não agradarem aos cariocas, mas a verdade deve dizer-se: Uma boa parte dos serviços públicos que emprestam ao Rio êsse maravilhoso realce de grande metrópole, são financiados pelo govêrno federal. Transferido o govêrno, com que recursos poderá manter o Rio êsse «padrão de vida»?

— Há de existir uma solução...

— Existe, sim. De resto, só vejo uma — a de voltar o Rio à condição de capital do Estado do Rio de Janeiro. E assim, quem passará a sofrer é Niterói, conformando-se com a sua condição de arrabalde, embora progressista, desta cidade. E então, cabeça de um grande Estado, poderá o Rio cumprir o seu destino, suportando as responsabilidades dessa alta categoria, de qualquer jeito, sem o amparo do govêrno federal, só lhe restará mesmo o do Estado fluminense.

FÔRÇAS SUBTERRÂNEAS E INTERNACIONAIS

— Quando V. Exª travou, em 34, a batalha pelos Códigos de Minas e de Águas, sentiu a ação de alguma fôrça subterrânea ou internacional, contra os mesmos?

— Posso dizer tranqüilamente que não — responde o general Juarez. E inflamando-se:

— Nem há fôrças bastantes, de qualquer origem, que façam impedir o desenvolvimento de uma nação igual à nossa. Não é de fora que vem êsses fatores de impasse, de desagregação, mas — triste é confessar — daqui mesmo, de dentro do Brasil. Daqui, sim, é que surgem fôrças cujos interêsses freqüentemente sofrem impacto com as do interêsse nacional, criando obstáculos à realização de muita coisa útil, o que é criminoso, mas verdadeiro. São elementos tangidos pela ambição desmedida e pelos lucros pessoais cada dia maiores, que se opõem ao crescimento inevitável do Brasil, gerando obras de legítima sabotagem.

E exaltado, num movimento de revolta, o punho a martelar a mesa, o olhar em chispas:

— Sim, a sabotagem praticada pelos de casa. A sabotagem, a sabotagem...

— E acredita na eficácia de medidas saneadoras?

— Meu amigo, vou ser sincero: Estou me sentindo envelhecer e começo a cansar. Sou um homem que participou de cinco revoluções, nada menos de cinco — e conheceu os percalços dêsses movimentos, conheceu a prisão, o exílio, vicissitudes amargas, sem desesperançar. Mas não quero morrer sem fazer um último esfôrço e a revolução de agora será sem armas, pela consciência do povo e para o povo. Ofereço o que de melhor posso dar ao meu país — a experiência de uma longa jornada e o que apurei de meus estudos, como homem de gabinete. Estremeço ao pensar que ao desaparecer posso deixar aos meus filhos, à sua geração, um Brasil conturbado, tendo à frente destino igual ou, quem sabe, mais tormentoso que êste. Acredito na recuperação moral, social, política e econômica do nosso país, mas precisamos zelar, trabalhar por ela. Precisamos olhar para a frente e para o alto. Acabar com a incapacidade do Executivo, para planejar, controlar, traçar, realizar o mínimo de administração, como está acontecendo. O que sofremos é a conseqüência de uma ditadura — e todos sabemos que as ditaduras nada constroem nem permitem a revelação de valores novos, anulando as elites. Não é exato que nos faltem êsses valores, apenas êles não têm sentido ambiente para se revelarem. E creio que não será difícil a um Presidente eleito, reuní-los, na equipe a que já aludi, em número bastante para meter ombros na tarefa de reconstrução geral. O perigo está em processar-se, por fatalidade, uma repetição do período ditatorial. Nem é bom pensar o que representaria essa desgraça para o nosso país, êsse recuo no tempo! Foi para evitá-lo que decidi aceitar a minha candidatura — para que as eleições de 3 de outubro transcorram dentro de uma perfeita normalidade constitucional. Não seria eu um homem capaz de proporcionar a execução de um golpe — eu que participei de cinco revoluções. Foram, porém, executadas de baixo para cima, e jamais contribuiria para outra em sentido inverso — de cima para baixo, esmagando e anulando o que de mais precioso temos, e cuja conquista tão alto preço nos custou — o espírito democrático da nação e sua Carta Constitucional que é mister preservar. Fiquemos rigorosamente dentro das normas dessa Carta e façamos cumpri-la na íntegra. Acabemos com o mau vezo de contornar as leis, mas, com sacrifício embora, façamos cumpri-las. Pois o que temos visto é a deturpação do conteúdo dessas leis, ou ainda, quando os interêsses escusos são prejudicados, proclamar-se a conveniência de uma reforma da Constituição, como se não fôsse, ela mesma, um patrimônio sagrado e inviolável!

E de respiração em suspenso:

Tenhamos a coragem de apontar os responsáveis pela crise moral e cívica que atravessamos. Que sofram também as elites, por não saberem zelar pelo seu patrimônio, em bem da coletividade. Acabemos com a fúria do enriquecimento veloz de indivíduo por indivíduo, sem o mínimo de esfôrço — a época é de trabalho mínimo ou nenhum com o rendimento máximo — que tantos males acarreta à nação. Não somos um país econômicamente rico, nesta hora árdua, para dar a cada cidadão um padrão de vida de milionário, mas é mister um sacrifício coletivo para benefício dos que aí estão e, mais ainda, dos que hão de vir. Procuro dar a meus filhos o esclarecimento necessário nesse particular, com o exemplo desta casa, que faço manter com dignidade e decência dentro dos meus recursos, sem receio de enfrentar qualquer comentário ou devassa. Ainda assim, sinto que meus filhos, vez por outra, sofrem o reflexo do mal comum — e é preciso chamá-los à realidade sadia. Receio que êles e seus contemporâneos sofram mais do que sofremos e é para poupar-lhes essa dor que estou disposto a enfrentar tôdas as injustiças. Há um denominador comum maior, que vale por todos os sacrifícios — a consciência em paz. Nesta campanha, coloco acima de tudo, até da vitória eleitoral, a consciência de servir à Pátria e aos meus compatrícios, mostrando-lhes a verdade. Se fôr derrotado, articularei uma campanha de oposição, mas construtiva, oposição que nada pede e tudo dá, sem perseguições sistemáticas, aplaudindo o que de bom faça o govêrno. Estou disposto a imolar tudo o que de mais precioso tenho conquistado, o curso da minha longa jornada — a renúncia à minha carreira militar. Ela estará encerrada. O resto, amigo, só Deus saberá.



Pela primeira vez, na qualidade de candidato ao Catete, o general Juarez Távora enfrenta as baterias da reportagem. E falou durante quase duas horas.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

AGÊNCIA POLAND
Rua João Bricola, 46
São Paulo

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 22 — Rio de Janeiro — 28-5-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente .... **Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial .... **Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente .... **Wenceslau Quintais**
Redatores e corretores... **S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



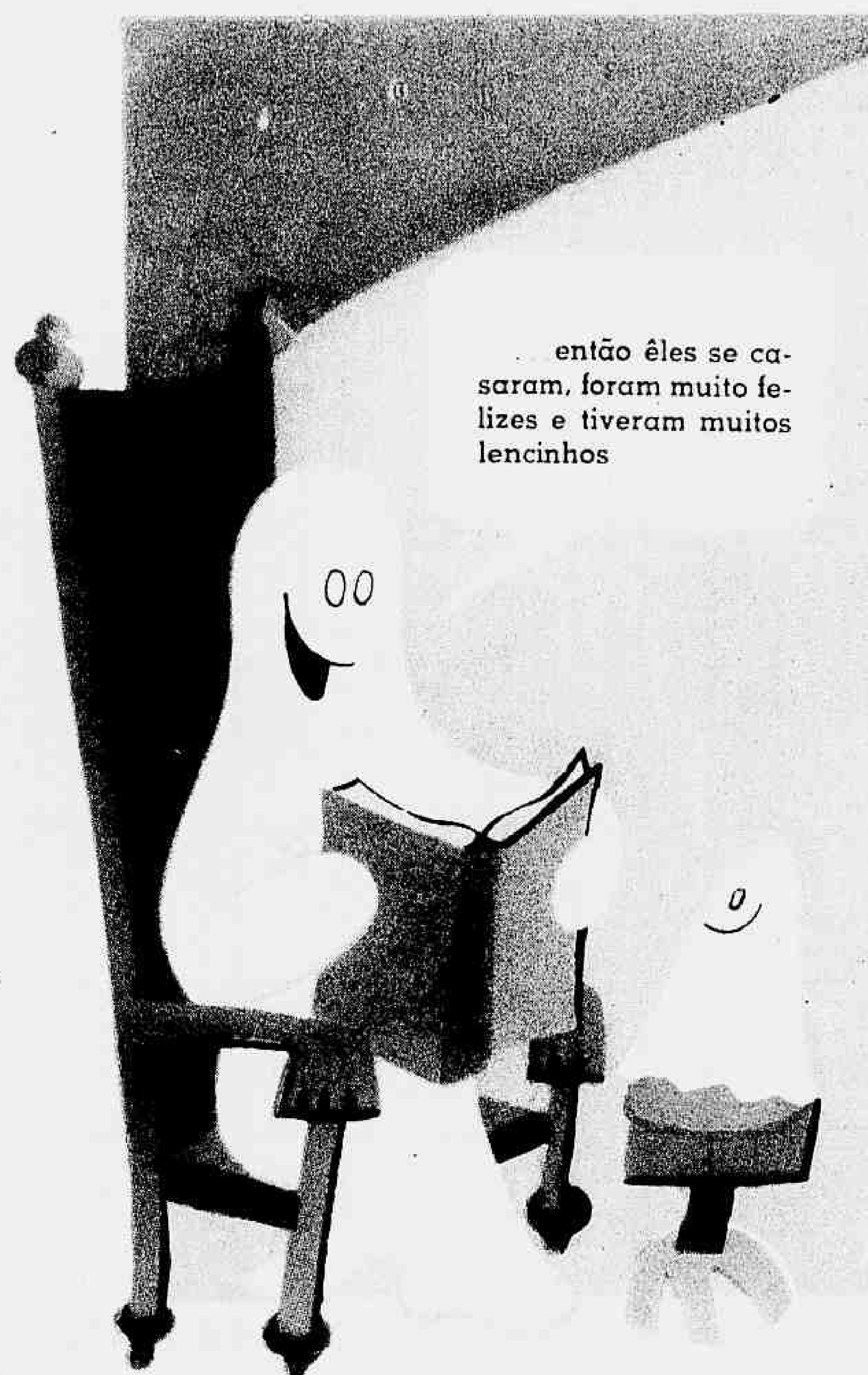
R. F.

Magro e sêco, mas sadio
Lá se foi sem dar um pio
Rumo à terra portuguêsa.
De volta, aí está agora
Ansioso por dar o fora
P'ra lá voltar... com certeza!

FORTUNA (fazendo figa) APRESENTA "YO NO C



— O sr não está interessado numa obra póstuma?



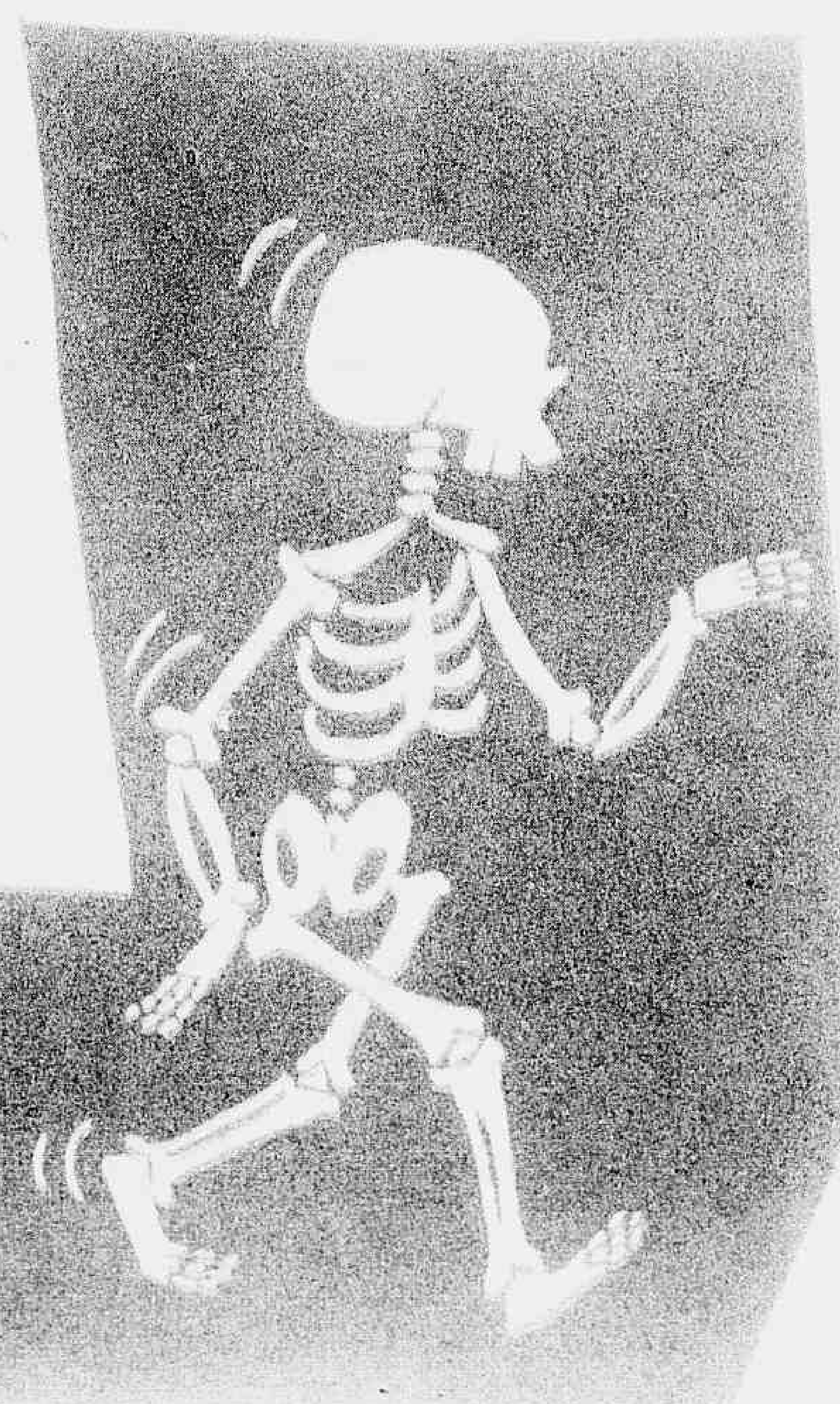
... então êles se casaram, foram muito felizes e tiveram muitos lencinhos



— Maria Antonieta. Guilhotinada.

— Muito prazer. Artista de cinema. Tela panorâmica.





"CREO EN BRUJAS"





— A sra. está multada. Estacionamento proibido.





Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ